

JOELCIO ZOBOLI BISSACO

**DO CONTEXTO FAMILIAR AO UNIVERSITÁRIO:
O CAMPO DE POSSIBILIDADES PARA A CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS
E IDENTIDADES HOMOSSEXUAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2012

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

T

B623d
2012

Bissaco, Joelcio Zoboli, 1986-

Do contexto familiar ao universitário: o campo de possibilidades para a construção de territórios e identidades homossexuais / Joelcio Zoboli Bissaco. – Viçosa, MG, 2012. xi, 120f. : il. (algumas col.) ; 29cm.

Inclui anexos.

Orientador: Neide Maria de Almeida Pinto.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 113-116

1. Família. 2. Identidade social. 3. Territorialidade humana.
4. Homossexuais. 5. Estudantes universitários. I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.

CDD 22. ed. 306.85

JOELCIO ZOBOLI BISSACO

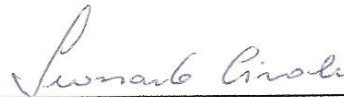
**DO CONTEXTO FAMILIAR AO UNIVERSITÁRIO:
O CAMPO DE POSSIBILIDADES PARA A CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS
E IDENTIDADES HOMOSSEXUAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

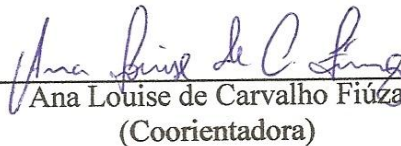
APROVADA: 27 de junho de 2012.



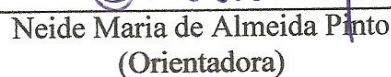
Nora Beatriz Presno Amodeo



Leonardo Civali



Ana Louise de Carvalho Fiúza
(Coorientadora)



Neide Maria de Almeida Pinto
(Orientadora)

Dedico esta dissertação a todos os *gays* e lésbicas, em especial aos que estudam na Universidade Federal de Viçosa – MG e que contribuíram direta ou indiretamente com este trabalho, seja participando de entrevistas ou simplesmente sendo motivo de inspiração.

**Primavera Nos Dentes
Secos & Molhados**

*Quem tem consciência pra se ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
Inventa a contra mola que resiste*

*Quem não vacila mesmo derrotado
Quem já perdido nunca desespera
E envolto em tempestade decepado
Entre os dentes segura a primavera*

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Viçosa e ao Departamento de Economia Doméstica, por me acolherem com tanto carinho e possibilitarem o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora, a prof^a. Neide e à minha coorientadora, a prof^a. Ana, pelo conhecimento que adquiri e pela paciência e dedicação que tiveram comigo ao longo deste tempo que estivemos juntos.

Ao prof^o. Leonardo e à prof^a. Nora, pela participação na banca de defesa.

À FAPEMIG, pelo amparo financeiro.

À minha família, pela força.

Aos meus queridos amigos, pelos momentos de alegria.

Um agradecimento especial ao Lucas, pelo companheirismo.

Finalmente, agradeço ao povo brasileiro (especialmente as classes C, D e E), que tanto trabalha para manter as belas e eficientes instituições deste país.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE ABREVIATURAS.....	vii
LISTA DE FIGURAS.....	viii
LISTA DE QUADROS.....	ix
RESUMO.....	x
ABSTRACT.....	xi
1.INTRODUÇÃO.....	1
1.1. O interesse pelo tema.....	1
1.2. O problema e sua justificativa.....	2
1.3. Objetivos.....	7
2. METODOLOGIA.....	8
2.1. Tipo de pesquisa.....	8
2.2. População e amostra.....	8
2.3. Método e técnicas de coleta de dados.....	9
2.4. Método de análise de dados.....	11
2.5. O trabalho de campo.....	11
3. IDENTIDADE, SOCIABILIDADE E TERRITÓRIOS HOMOSSEXUAIS.....	14
3.1. Território e Territorialidade.....	14
3.2. Identidade e Desterritorialização.....	18
3.2.1 Os Jovens e suas Identidades.....	20
3.3. A Cidade como Refúgio.....	23
3.3.1. A Sociabilidade Homossexual na Cidade.....	26
3.3.2. Identidade e Territórios Homossexuais na Cidade.....	28

4. QUEM É IGUAL A QUEM: A CONSTRUÇÃO DA SOCIABILIDADE DOS UNIVERSITÁRIOS HOMOSSEXUAIS EM VIÇOSA.....	32
4.1. A cidade de Viçosa vista do espaço: quem é “nativo” e quem é “de fora”	39
4.2. A Universidade Federal de Viçosa vista do espaço: os “ufevianos”.....	43
4.3. O cotidiano e suas práticas: de perto, nem todos são iguais.....	48
5. ESPAÇOS GAYS E LÉSBICOS EM VIÇOSA.....	57
5.1. Espaços de tolerância e conflito em Viçosa.....	57
5.2. Quando tem festa.....	62
5.3. As repúblicas <i>gays</i> em Viçosa e os apartamentos <i>gays</i> nos alojamentos da UFV...66	
5.4. Vamos entrar no <i>chat</i>	69
5.5. Os banheiros da UFV.....	78
5.5.1. O balé dos corpos e a tentativa de encontros sexuais nos banheiros masculinos.....	80
5.5.2. Masculinidade e Homofobia.....	82
5.5.3. Arte homoerótica nos banheiros masculinos.....	83
6. A VIDA LONGE DA FAMÍLIA.....	86
6.1. A sexualidade e a família.....	97
6.2. Viçosa: um contexto urbano de possibilidades de expressão das identidades homossexuais?.....	98
6.3. Retornar ou não retornar, eis a questão.....	103
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	113
ANEXOS.....	117

LISTA DE ABREVIATURAS

UFV – Universidade Federal de Viçosa

ESAV – Escola Superior de Agricultura e Veterinária

DCE – Diretório Central dos Estudantes

CA – Centro Acadêmico

PVA – Pavilhão de Aulas I

LET – Curso de Letras

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

MSN – *The Microsoft Network*

LISTA DE FIGURAS

	Página
01. Grupos e microgrupos formados por estudantes homossexuais da UFV.....	48
02. Três diferentes cartazes de festas direcionadas ao público homossexual em Viçosa. <i>Joker, Lotus e 4her</i>	63
03. Alguns espaços frequentados por <i>gays</i> e lésbicas na cidade de Viçosa.....	68
04. Alguns espaços frequentados por <i>gays</i> e lésbicas no <i>campus</i> da UFV.....	69
05. Página inicial do <i>Chat Terra</i>	70
06. Página inicial do Bate-papo UOL.....	70
07. Mais uma frase de um banheiro feminino do PVA que expressa um pensamento homofóbico e uma reação a este preconceito.....	80
08. Valorização de atributos físicos como forma de conseguir contato.....	81
09. Valorização de algumas habilidades como forma de conseguir contato.....	82
10. Diálogos em que há tentativa de recriminar um comportamento considerado desviante.....	83
11. Diálogos em que há tentativa de recriminar um comportamento considerado desviante.....	83
12. Imagem de um banheiro masculino do PVA.....	84
13. Imagem de um banheiro masculino do PVA.....	84
14. Imagem de um banheiro masculino do PVA.....	84

LISTA DE QUADROS

	Página
01. Rotina, grupos e redes de sociabilidade dos universitários homossexuais.....	34
02. Mudanças na relação com a família e o significado da mudança para uma cidade universitária e o afastamento da família em termos da afirmação da identidade homossexual.....	93

RESUMO

BISSACO, Joelcio Zoboli, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, junho de 2012. **Do contexto familiar ao universitário: o campo de possibilidades para a construção de territórios e identidades homossexuais.** Orientadora: Neide Maria de Almeida Pinto. Coorientadora: Ana Louise de Carvalho Fiúza.

O objetivo desta pesquisa foi compreender o significado que tem, para os estudantes homossexuais, a mudança para uma cidade universitária e o afastamento da família de origem em termos da construção ou afirmação de suas identidades. Buscou-se ainda analisar a rotina desses estudantes, seus grupos, redes de sociabilidade, espaços que frequentam e como ficou a relação com a família após saírem de casa. A população estudada foi então composta por trinta homossexuais estudantes da Universidade Federal de Viçosa, que não são naturais da cidade. Para explorar e adentrar a realidade social e territorial dos sujeitos da pesquisa foram aplicadas entrevistas semiestruturadas. Como resultado, a pesquisa evidenciou que, no cotidiano, estes estudantes homossexuais constituem redes e vínculos sociais que se baseiam em relações de amizade e de colaboração com outros universitários, sejam homossexuais ou não, criando uma identidade “ufeviana” que, além de ser maior que a identidade homossexual, ajuda a manter uma segregação entre quem é “nativo” de Viçosa e quem é “de fora”. Na cidade, os universitários homossexuais revelaram uma preferência por transitarem por espaços de diversão e lazer mais tolerantes, como alguns bares, o *chat* e as festas *gays*, apesar destas constituírem territórios muito fluidos. Embora a relação com a família tenha se mantido inalterada para a maioria dos *gays* e lésbicas, chegar a Viçosa permitiu uma grande mudança em termos da construção das suas identidades homossexuais, pois, para aqueles que já haviam assumido a sua identidade sexual antes de se mudarem, Viçosa oferece várias possibilidades de vivenciá-la e, para aqueles que ainda não tinham “saído do armário”, estar em Viçosa foi o momento para fazê-lo.

ABSTRACT

BISSACO, Joelcio Zoboli, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, June, 2012. **From the family context to the college context: a field of possibilities for the construction of homosexuals identities and territories.** Adviser: Neide Maria de Almeida Pinto. Co-adviser: Ana Louise de Carvalho Fiúza.

The objective of this research is understand what means for homosexual students who moved in to a college town away from their family and origins in terms of construction and affirmation of their identities. It was examined the routine of these students, their groups, social networks, places where they use to go as well as how their relationship with their family has changed after leaving home. The population studied was formed by thirty homosexual students of Federal University of Viçosa who are not originally from the city. In order to comprehend their territorial and social reality the group was submitted to semi-structured interviews. As a result, the research showed that, in everyday life, these students have social ties that are based on friendship and collaboration with other college students, not all of them gays, creating an identity "ufeviana" which, besides being bigger than the homosexual identity, helps maintain a separation between locals and outsiders. In the city, the college gay students have shown preferences to attend in places of entertainment and leisure where are considered more tolerant, such as bars, gay chat and GLS parties. Although the relationship with their family has remained unchanged for most gays and lesbians, Viçosa has allowed them to reach a significant changing in terms of building their homosexual identities. For those who had already admitted their sexual identity before they move out, Viçosa offer several possibilities to live that experience freely. For those who had not yet "gone out of the closet," to be in Viçosa is the time to get it done.

1. INTRODUÇÃO

Entendemos que um dos princípios estruturantes das subjetividades gays e lésbicas consiste em procurar os meios de fugir da injúria e da violência, que isso costuma passar pela dissimulação de si mesmo ou pela emigração para lugares mais clementes. Por isso é que as vidas gays olham para a cidade e suas redes de sociabilidade. [...] Se as redes de amizade são muito importantes para os jovens gays que chegam à cidade, [...] os amigos são para os gays o que se poderia chamar de "família de substituição".

Didier Eribon

1.1. O interesse pelo tema

Durante o segundo semestre do ano de 2009 desenvolvi minha monografia para a conclusão do bacharelado em Geografia na Universidade Federal de Viçosa (UFV). O objetivo deste meu trabalho foi pesquisar como os homossexuais moradores dos alojamentos masculinos da UFV construía e enxergavam sua sexualidade e como se articulavam no espaço. Procurei também identificar os territórios de aceitação e circulação, na Universidade e na cidade de Viçosa, onde os *gays* moravam, se encontravam, se divertiam e exerciam a sua afetividade.

Nesta pesquisa pude constatar que nos alojamentos, os apartamentos, compostos somente por homossexuais, se constituía em espaços tanto de proteção como de discriminação por parte da comunidade universitária em relação à opção sexual do grupo. Ao mesmo tempo em que, estando juntos estes indivíduos podiam se proteger e encontrar solidariedade, eles podiam também sofrer discriminações devido ao estigma que o apartamento carrega. Constatei também, que a maior parte dos *gays* entrevistados procura bares e festas na cidade de Viçosa que sejam frequentados por *gays*, isto por que o preconceito nestes espaços é menor e a liberdade de manifestação de sua escolha sexual é maior.

De forma ainda exploratória, a pesquisa apontou também que os territórios formados pelos homossexuais tinham uma configuração, na maior parte das vezes fluida, e estes espaços eram rapidamente construídos e desconstruídos, como por exemplo, as festas *gays*, que se configuravam em territórios de liberdade por apenas algumas horas. Já nos espaços que eram menos fluidos, como os apartamentos ocupados por *gays* nos alojamentos, precisavam conviver com o estigma.

Como apontado, o investimento nessa pesquisa, que se deu em nível de T.C.C.¹, teve um caráter de exploração e descrição, focando pouco na explicação dos fenômenos. Assim, muitas lacunas ficaram abertas para futuros trabalhos, o que é comum em estudos na área de Ciências Humanas, uma vez que estes dificilmente conseguem abarcar e explicar toda a complexidade da realidade social. No entanto, como estudante no programa de mestrado em Economia Doméstica, vislumbrei a oportunidade de aprofundar a temática dos territórios homossexuais, tendo como objeto de estudo, os estudantes da Universidade Federal de Viçosa. A singularidade dessa pesquisa dar-se-ia no aprofundamento dos processos de desconstrução e construção dos territórios dados na migração dos jovens homossexuais que direcionavam as suas vidas para Viçosa em busca de qualificação profissional.

Nesse contexto, procuramos compreender o significado que tinha para o estudante homossexual sair de casa e estar longe dos grupos de socialização primária. Ou seja, como se apresentava o processo de reterritorialização para estes estudantes que encontravam um espaço diferente e longe da família para viver? Quais os limites e as possibilidades na afirmação de suas identidades? Como estes homossexuais se articulavam em diferentes contextos sociais relacionados à universidade, a família, o lazer e a religião?

1.2. O problema e sua justificativa

Viçosa² está localizada no interior do estado de Minas Gerais, mas guarda algumas peculiaridades que a aproxima de contextos urbanos maiores. A presença da Universidade Federal de Viçosa, de jovens vindos de todas as regiões brasileiras, cria

¹ Trata-se esse trabalho de conclusão de curso de uma análise dos territórios formados a partir dos moradores homossexuais dos alojamentos masculinos existentes no campus da UFV.

² De acordo com os dados do Censo 2010 realizado pelo IBGE, Viçosa possui 70.923 habitantes.

um ambiente dinâmico, marcado por uma sociabilidade mais descontraída, transitória e fluida, o que não necessariamente inviabiliza a manifestação de relações sociais mais duradouras e sedimentadas.

Nesta cidade existe a possibilidade de manifestação de fenômenos sociais pouco observados em cidades do mesmo porte de Viçosa. Ao transferirem suas vidas para esta cidade, os jovens que se deslocam deparam-se com uma realidade bastante fluida e moderna, onde há uma liberdade de comportamento que talvez não existisse anteriormente, sob a vigilância da família. Nesse contexto, Viçosa se apresenta para muitos como uma possibilidade real de romper com os preceitos religiosos, participar de eventos e espaços ligados à diversidade sexual e forjar laços de amizade que, muitas vezes, suprem a carência emotiva.

Este distanciamento físico da família pode significar para muitos, a perda (ainda que relativa) da influência da família sobre os jovens³. Assim, buscar-se-á compreender em que medida o espaço viçosense se configura como um campo de possibilidades de uma identidade *gay*. Analisamos também, em que medida os antigos espaços de socialização, em especial o familiar, (ainda) se interpunham na criação de novos laços e/ou na manutenção de antigos. O distanciamento da família a partir da chegada em Viçosa se coloca como um campo de possibilidades para esses jovens em termos dos novos territórios a serem construídos e/ou desconstruídos?

O espaço familiar é onde se dão as experiências socializadoras do cotidiano, ou seja, é o espaço-tempo vivido, é o espaço que define quem pode ou não desfrutar desta relação social baseada na identidade e no poder. Assim, quando um integrante de uma família vai para outro lugar, este estará sujeito a elementos desterritorializadores como a perda dos laços identitário-territoriais. Na verdade, pode não ser uma perda completa, uma vez que muitos deles manterão, em graus diferentes, os seus laços, as suas memórias e as territorialidades que se perderam com a mudança espacial.

Nesse sentido, o processo de reterritorialização não se constitui em um transplante de antigas territorialidades para as novas, mas em um hibridismo entre o local de partida e

³ Não se quer dizer com isso, obviamente, que a vinda para Viçosa signifique, necessariamente, rompimento com a família. Mostra disso são as frequentes excursões utilizadas pelos estudantes para visitar os familiares durante os feriados prolongados e, as tecnologias da informação como o telefone, o celular e a *internet* que ajudam a manter os laços de afetividade com a família.

o local de destino. Todavia, quando um indivíduo transporta sua vida para outra cidade, apesar de estar submetido a um intenso processo de desterritorialização, este forja novas formas de reterritorialização marcadas por novos laços de identidade (HAESBAERT, 2005).

Assim buscamos aprofundar o universo desses territórios buscando compreender como os antigos territórios, especialmente o território familiar, se interpunham na reterritorialização destes jovens. Ou seja, em que medida a família, a tradição, a religião e os antigos laços identitário-territoriais se interpunham na reterritorialização dos jovens estudantes homossexuais que se deslocaram para Viçosa.

Na vivência do cotidiano destes jovens universitários buscamos compreender os fundamentos de suas redes e vínculos sociais. Ou seja, como se estabeleciam as relações de amizade, de reciprocidade com vizinhos, amigos, parentes e colegas de trabalho. Buscamos ainda compreender como esses territórios e essas redes se interceptavam, nos vários espaços transitados por esses jovens.

Em Viçosa estes indivíduos podem vivenciar uma multiplicidade de experiências que, vão marcando o espaço com as suas práticas e, assim, delimitando territórios. Ou seja, apesar de estarem submetidos a um intenso processo de desterritorialização, estes jovens não caminharam para um desenraizado total, mas forjaram novos laços identitários baseados no fenômeno da multiterritorialidade, que lhes possibilita transitarem por diversos e diferentes territórios e fazer do espaço viçosense um complexo jogo entre antigos e novos territórios e territorialidades, com papéis descontínuos e multiescalares.

Dos mais de dez mil estudantes da UFV, aproximadamente 89% são de outras cidades⁴. Conforme Santos (2007), os jovens que se deslocam são, no tempo da globalização, grandes agentes transformadores das realidades urbanas. Isso se dá não apenas pela expressão quantitativa dos deslocamentos, que se tornou muito intenso, mas também pelo fato de que as pessoas, ao partirem de seus lugares de origem, com as suas identificações, são colocadas em contato com uma nova organização cultural, onde recriam laços sociais e novas relações com o novo espaço de moradia. Quem se desloca carrega consigo os valores do local de onde partiu, mas, também, está em contato com

⁴ Estes dados foram obtidos junto à Central de Processamento de dados (CPD), órgão responsável pelo processamento de dados da UFV. Banco de dados CPD/2007.

outras culturas na cidade aonde chegou, onde negociam as suas identidades com a realidade desta multiplicidade de culturas.

Assim, quando chegam à Viçosa, estes jovens procuram repúblicas ou apartamentos nos alojamentos para morar. Nestes ambientes, marcados por uma sociabilidade muito diferente dos territórios familiares, há a possibilidade de conviver com pessoas oriundas de diferentes lugares, mas que se identificam por compartilharem experiências e visões de mundo semelhantes. É neste contexto que muitas repúblicas constituídas somente por homossexuais se formam.

Ao transferirem as suas vidas para Viçosa, esses jovens se deparam com uma vida social intensa. São nas festas da cidade que muitos jovens homossexuais que vieram estudar ou trabalhar nesta cidade acabam criando redes sociais e/ou territórios de sociabilidade homossexual. Há festas frequentadas pelos estudantes de perfil “agroboy”, como as festas “sertanejas”, há as festas com gostos musicais mais variados como as “micaretas”, seguindo o estilo musical do axé, e há as festas voltadas para um grupo mais alternativo, como as que ocorrem em um local da cidade de Viçosa chamado “Galpão”, com o estilo musical voltado para o Rock, Blues e não raro, a MPB.

Tratando dos espaços frequentados por homossexuais, a pesquisa de Bissaco (2009) apontou em Viçosa bares frequentados também por homossexuais, como o “Bar do Leão” ou o “Capelão”, assim como muitas festas realizadas no “Galpão”⁵, nas próprias repúblicas ou em alguns sítios da zona rural do município. Estas festas eram organizadas por homossexuais e direcionadas para o público homossexual, contando sempre com um grande público. A pesquisa também apontou a *Parada Gay* da cidade que teve sua primeira edição no ano de 2010, além de outros espaços para discussão sobre diversidade sexual como o grupo *Primavera nos Dentes*⁶.

O meio virtual é ao mesmo tempo muito utilizado entre os universitários de Viçosa para marcar encontros ou procurar parceiros. Na pesquisa de Bissaco (2009), o *Chat*

⁵ Galpão é um local em Viçosa destinado a realização de festas com múltiplas temáticas, não se restringindo às festas *gays*.

⁶ Primavera nos Dentes é um grupo criado em 2008 por estudantes da UFV e que desde então promove palestras, eventos e mostras com a temática da diversidade sexual.

Terra/Viçosa e o MSN⁷ figuraram entre as principais ferramentas usadas por estes indivíduos. À época, todos os homossexuais entrevistados afirmaram usar ou já ter usado a *internet* para encontrar parceiros sexuais em Viçosa. Esse dado vai ao encontro de estudos realizados por Miskolci (2009) e Vieira (2010) que constataram que a *internet* se constitui num importante meio de sociabilidade para os homossexuais e numa estratégia para driblar o preconceito social existente nos espaços públicos.

Esses territórios constituídos revelaram um constante processo de reterritorialização destes indivíduos que, na cidade de Viçosa procuraram encontrar os “seus iguais”, construindo territórios, microterritorializações (FERNANDES & COSTA, 2007) ou vivenciando uma multiterritorialidade, nos termos de Haesbaert (2004).

Todavia, o espaço que permite aos homossexuais se territorializarem em torno de laços identitários para terem liberdade e se protegerem de possíveis agressões, é o mesmo espaço que cria e recria os microterritórios e as microsegregações espaciais, como os apartamentos nos alojamentos dentro do *campus* da UFV em que os moradores são obrigados a conviver com constantes agressões verbais pelo fato de ocuparem estes lugares onde residem apenas homossexuais (BISSACO, 2009, p. 44).

É, pois, nesse contexto sumariamente descrito que buscamos investigar se sair de casa e ir estudar em outra cidade teve implicações para uma pessoa homossexual assumir esta parte de sua identidade e se migrar para Viçosa foi importante para a afirmação da sua sexualidade. Assim, foi no sentido de enriquecer o debate sobre a homossexualidade e de desvendar a realidade dos jovens migrantes homossexuais e universitários da cidade de Viçosa que este projeto foi pensado e neste aspecto reside a sua importância. Portanto, esta pesquisa que foi realizada durante o ano de 2011, teve a seguinte questão de investigação: Sair de casa, ir para uma cidade universitária, longe da família e dos espaços de primeira socialização se constitui num campo de possibilidades para a construção ou afirmação da identidade homossexual?

⁷ MSN (The Microsoft Network) é um serviço oferecido pela *Microsoft* e que é destinado à troca de mensagens instantâneas pela *internet*.

1.3. Objetivos

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender qual o significado que a mudança para uma cidade universitária e o afastamento da família tem para os estudantes homossexuais em termos da afirmação de identidades construídas geralmente, dentro do mundo oficioso.

Como objetivos específicos, temos:

- Analisar a rotina, os grupos de sociabilidade dos estudantes no momento que chegaram à Viçosa e seus grupos e redes de sociabilidade atuais;
- Identificar os fatores intervenientes à constituição destes grupos e redes de sociabilidade;
- Verificar se as pessoas que têm uma identidade homossexual buscam construir e participar de territórios e grupos específicos ligados a esta sexualidade;
- Analisar como ficou a relação dos estudantes com a família após saírem de casa, e se houve mudança em relação à manifestação da sua identidade homossexual.

2. METODOLOGIA

Só devemos abrir mão de nosso ceticismo em face de evidências sólidas como a rocha. [...] Qualquer incômodo gerado pela incerteza serve a um propósito mais alto: leva-nos a acumular dados melhores. Essa atitude é a diferença entre a ciência e tanta outra coisa. [...] Os padrões de evidência são rigorosos. Mas, quando obedecidos, permitem que vejamos longe, chegando até, a iluminar uma grande escuridão."

Carl Sagan

Através dos procedimentos metodológicos descritos abaixo, as questões referentes à elaboração teórica e prática desta dissertação serão respondidas. Entre elas estão o método, a população, a amostra e as técnicas empregadas para coletar e analisar os dados.

2.1. Tipo de pesquisa

Esta pesquisa, realizada durante o ano de 2011, se caracterizou como um estudo Transversal de caráter descritivo, uma vez que foi realizado num dado recorte temporal e com o objetivo de apresentar e caracterizar os grupos, as redes de sociabilidade, os territórios e territorialidades formadas pelos universitários homossexuais. Além disto, esta pesquisa teve um caráter qualitativo. Como tal, ela tem como objetivo observar os fatos, compreendê-los, interpretá-los e explicá-los.

2.2. População e amostra

Para o desenvolvimento desta pesquisa, um recorte espacial foi utilizado para melhor compreender os processos e fenômenos de interesse do estudo. O local estudado foi a cidade Viçosa, localizada na Zona da Mata do estado de Minas Gerais.

A população estudada foi composta pelos jovens migrantes homossexuais, masculinos e femininos, estudantes na Universidade Federal de Viçosa. Assim, na nossa população estavam contemplados estudantes não naturais de Viçosa que, ao passarem no exame de seleção do vestibular da UFV, encaminharam as suas vidas para esta cidade e assim passaram a reconstituir as suas vidas, os seus laços e os seus territórios nesta cidade.

A amostra foi não probabilística e se pautou no processo de “bola de neve”, ou seja, por indicações dos próprios homossexuais presentes nas redes sociais pesquisadas. Para começar, os primeiros entrevistados foram indivíduos que estavam presentes na rede de sociabilidade do pesquisador (são eles: Daniel, Plínio, Tomás, Rodrigo, Luciana e Sara). A partir daí, chegou-se aos demais.

Esta técnica foi escolhida devido ao fato da dificuldade em quantificar previamente quantos destes estudantes da UFV são homossexuais e, destes, quantos estariam dispostos a participar da pesquisa.

2.3. Método e técnicas de coleta de dados

Num primeiro momento, ainda na fase exploratória, uma ampla e direcionada revisão bibliográfica teve a função fundamental de embasar teoricamente os conceitos utilizados na pesquisa. A revisão bibliográfica teve como norte a utilização de livros e artigos científicos que possibilitassem uma discussão e uma conexão entre território, desterritorialização, sociabilidade, identidade, homossexualidade e espaço urbano. Assim, buscou-se nas teorias mais amplas e gerais, direcionamentos e explicações para os processos e os fenômenos particulares que se configuram no interior da área de estudo.

Utilizamos nesta pesquisa o estudo de caso. De acordo com Michel (2009), o estudo de caso possibilita a compreensão de fenômenos sociais em situações bem específicas e uma maior penetração na realidade social de pequenos grupos com o objetivo de compreendê-los no seu próprio contexto, uma vez que nas ciências sociais os fenômenos não estão descontextualizados.

As técnicas de coletas de dados utilizadas na pesquisa foram: observação direta participante, pois houve um contato direto com a fonte, tendo o pesquisador frequentado locais dos sujeitos da pesquisa com o intuito de identificar os territórios utilizados por

estes indivíduos e observar a sociabilidade homossexual e a construção da territorialidade nestes espaços.

Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas para explorar e adentrar a realidade social e territorial dos homossexuais de Viçosa. Segundo Lakatos e Marconi (2007), com uma entrevista semiestruturada, há mais possibilidade do pesquisador direcionar e explorar com maior profundidade alguma questão durante a entrevista e, com isso, perceber pequenas nuances e particularidades nas respostas que possam enriquecer a pesquisa. As entrevistas foram gravadas por um equipamento digital de gravação de voz somente quando houve a autorização dos entrevistados. As identidades destes foram mantidas em sigilo e foram usados pseudônimos para identificá-los. As técnicas empregadas, as categorias analíticas e as variáveis observadas em cada objetivo da pesquisa estão descritas a seguir.

Assim, a análise da rotina dos grupos de sociabilidade dos estudantes no momento que chegaram à Viçosa e seus grupos e redes de sociabilidade atuais, foi feita buscando-se entender o processo de deslocamento e desterritorialização dos nossos sujeitos e do significado que a vinda para Viçosa trouxe para eles. Nesse contexto buscou-se perceber as perdas de referências identitário-territoriais e dos vínculos destes indivíduos com suas famílias, amigos e antigos, bem como dos novos territórios de pertencimento.

Para identificar os fatores intervenientes à constituição destes grupos e redes de sociabilidade buscamos compor o perfil socioeconômico dos nossos sujeitos (como idade, renda, religião, cidade de origem, arranjo familiar, escolaridade dos pais, dentre outras). A partir daí, investigamos se essas diferenças socioeconômicas poderiam interferir ou não na forma como os indivíduos construíam suas sociabilidades e territorialidades no espaço urbano.

As categorias analíticas identidade, território e a sociabilidade foram norteadoras para *verificar se as pessoas que tinham uma identidade homossexual buscavam construir e participar de territórios e grupos específicos ligados a esta sexualidade.* Para compô-lo buscamos investigar como se deu o processo de negociação entre os novos e antigos vínculos, territórios e identidades, a sociabilidade com amigos, vizinhos, colegas de curso e de república que os jovens homossexuais iam construindo no espaço viçosense. Buscamos identificar os territórios frequentados pelos homossexuais em Viçosa e os

instrumentos utilizados por eles para exercerem a sua territorialidade e sociabilidade nestes territórios. A partir das entrevistas semiestruturadas e da observação participante buscamos compreender os territórios que foram utilizados pelos sujeitos (a saber, as festas, os bares, as repúblicas, o *chat* Terra/UOL), com o intuito de observar as formas de sociabilidade e como este grupo ia construindo sua territorialidade no espaço da cidade.

Finalmente, para *analisar como ficou a relação dos estudantes com a família após saírem de casa, e se houve mudança em relação à manifestação da sua identidade homossexual*, buscamos compreender as estruturas de poder e as relações no espaço familiar e também os vínculos possíveis criados pelos homossexuais sujeitos desta pesquisa antes e depois de se deslocarem para Viçosa.

2.4. Método de análise de dados

Os dados alcançados por meio das entrevistas foram transcritos e categorizados na forma de tabelas e textos e, posteriormente, cruzados e interpretados. A discussão dos resultados buscou ancoragem nas teorias de família, identidade e território, de forma a atender os objetivos e investigar o problema proposto para esta dissertação.

2.5. O trabalho de campo

No segundo semestre do ano de 2011 realizei o trabalho de campo para a pesquisa. Ao todo, entrevistamos 30 homossexuais estudantes da UFV, dentre eles, 14 lésbicas e 16 *gays*. Inicialmente, tive mais facilidade em encontrar homossexuais masculinos. Não há como saber se isso aconteceu por que eu conhecia mais estes, que acabavam me indicando mais sujeitos deste universo e assim por diante, ou se, numericamente, estes eram mais representativos do que as homossexuais. O fato é que as lésbicas só começaram a aparecer em maior número quando eu já havia entrevistado muitos *gays*.

No geral, não tive muita dificuldade em encontrar 30 homossexuais dispostos a responder as perguntas da entrevista. Pelo contrário, algumas pessoas se prontificaram em colaborar e também indicaram amigos e conhecidos. Comecei com alguns *gays* e lésbicas que faziam parte da minha rede de amizades; sendo eles: Daniel, Plínio, Tomás, Rodrigo, Luciana e Sara. A partir daí, consegui chegar aos outros.

Quando estava fazendo as entrevistas, não senti que havia resistência em responder às perguntas por parte de ninguém, sendo todos muitos descontraídos e, pelo menos aparentemente, respondendo com sinceridade. Lembrei-me do antropólogo Evans-Pritchard e da sua dificuldade em conseguir entrevistar os integrantes do povo *Nuer* do Sudão, chegando até a desenvolver uma *nuerose*.

Já eu não encontrei estes obstáculos nem desenvolvi nenhuma antipatia pelo meu objeto. O que tive, foram alguns momentos até emocionantes, pois algumas pessoas aproveitaram a entrevista para fazer desabafos pessoais sobre a homossexualidade, como foi o caso de Tomás, Samanta ou Carla que, vinham de famílias muito conservadoras, que não aceitavam ou respeitavam a sua sexualidade.

Em contrapartida, algumas entrevistas foram muito engraçadas, com momentos de muitos risos, principalmente quando o entrevistado ou entrevistada não tinha problemas em aceitar a sua sexualidade, como César que me contou tudo sobre a “pegação” que acontece nas “quebradas” e nos laboratórios da UFV, ou as estórias de Vítor, morador do alojamento que constantemente é confundido e tratado como mulher devido à sua aparência andrógena.

A maior preocupação que tive quando estava escrevendo, foi em manter o completo anonimato das pessoas que participaram da pesquisa, ou da localização de suas repúblicas ou apartamentos no alojamento (apesar destes apartamentos serem amplamente conhecidos da “comunidade universitária”). Tive receio de que esta pesquisa (assim como a de Ruth Benedict sobre a cultura japonesa) fosse utilizada pra fins não muito nobres⁸.

A finalização desta parte da coleta de dados através de entrevistas foi muito importante, pois só a partir daí pude analisar estes dados e ter material e argumentos suficientes que me indicassem tendências e assim, escrever os resultados.

Contudo, além das entrevistas, nesta fase do trabalho de campo também entrei nas salas de bate-papo Terra e UOL e fui a uma festa destinada ao público homossexual, a *4her*. Estas experiências foram importantes na medida em que me ajudaram a entender melhor

⁸ BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1972. Esta pesquisa de Benedict foi realizada junto à comunidade imigrantes japoneses que moravam nos Estados Unidos e tinha como objetivo compreender esta cultura. O conhecimento adquirido foi utilizado para fins políticos e militares contra os próprios japoneses durante a Segunda Guerra Mundial.

como se dava, na prática, algumas formas de sociabilidade desenvolvida pelos homossexuais na cidade de Viçosa.

3. IDENTIDADE, SOCIABILIDADE E TERRITÓRIOS HOMOSSEXUAIS

*O espaço é a prisão original,
o território é a prisão que os homens constroem para si.*

Claude Raffestin

3.1. Território e Territorialidade

A palavra território está fortemente vinculada à ideia de território nacional, e segundo Souza (1995) apesar desta associação não estar errada, pois o Estado é o gestor e dominador de toda a população e os recursos existentes em seu território, este é muito mais do que a sua forma mais tradicional que restringiu o conceito a uma representação carregada de ideologia. Assim, os territórios existem não somente na escala nacional, mas em diversas escalas, desde a internacional até uma rua, ou um estabelecimento comercial, por exemplo. Os territórios podem também ser permanentes, cíclicos, periódicos, como podem como ser construídos ou desconstruídos em escalas temporais diversas, que vão desde séculos até dias. (SOUZA, 1995, p. 81)

Para Raffestin (1993, p. 143-144), o território se forma a partir do espaço, sendo este anterior àquele, pois ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator territorializa o espaço, imprimindo ali energia ou informação de um grupo que construiu relações marcadas pelo poder. Para Souza (1995) o território é, por assim dizer, um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, sendo essencialmente um instrumento de exercício de poder não importando primeiramente os recursos ou laços de identidade ou afetividade de um grupo social sobre o espaço, mas quem domina e como domina este espaço (SOUZA, 1995, p. 78-79).

Portanto, o conceito de território está atrelado ao de *espaço* e *poder*, sendo necessário, antes de dar continuidade à discussão e conceituação de território, compreender o que é *espaço* e o que é *poder*. Primeiramente será discutida a noção de *espaço*, que nas palavras de Santos (2002) é:

(...) um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um

verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. (SANTOS, 2002, p.153)

Na perspectiva de complementar a visão de Santos, Limonad (2004, p. 53 *apud* BARRETO, 2010, p. 16) diz que o espaço é um entremeado de fluxos e processos, que coexistem no tempo e no espaço e que são condicionados pelas práticas sociais. O espaço é, portanto, um processo histórico, desigual e que se materializa em todas as estruturas sociais, concretas ou simbólicas, que nos rodeiam e das quais fazemos parte. Neste sentido, Corrêa (1995) vai mais além, quando afirma que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade (CORRÊA, 1995, p. 26).

Ainda de acordo com este autor, existem certas práticas espaciais que são ações impressas por grupos no espaço e que garantem a manutenção de projetos, a administração e o controle dos territórios. Estas “práticas” são elaboradas na medida em que há diferenciação espacial, ou seja, na medida em que o homem toma consciência das diferentes maneiras de significar a realidade e de se organizar e reproduzir socialmente.

É na diferenciação e nas práticas espaciais que o poder se manifesta. Para Arendt (1985, p. 24 *apud* SOUZA, 1995, p. 80) o poder é a habilidade humana de agir em uníssono, em comum acordo, não sendo o poder propriedade de um único indivíduo, mas sim de um grupo, que investe nesse indivíduo o poder. Se o grupo desaparecer, o poder também deixará de existir. Para Saquet (2007) e Raffestin (1993) o poder está em todo lugar e é intrínseco a toda relação, tanto no processo de troca como no de comunicação. Ele é inerente às relações sociais, que se efetivam na vida cotidiana, visando ao controle e à dominação sobre os homens e as coisas.

Ainda de acordo com Raffestin, a população está na origem de todo o poder devido à sua capacidade de transformação e de ação, sendo o território o palco onde se desenrola a cena do poder e o lugar de todas as relações. Sem a população o território não passa de uma potencialidade ou algo a organizar, por isso, a população é para o autor um trunfo do poder. Assim, a expressão de qualquer projeto de uma população no espaço revela então os territórios. Estes projetos são sustentados por conhecimento que pressupõe práticas, ações e comportamentos dominados pelos símbolos e códigos desta população.

As práticas espaciais estão ligadas a comportamentos e ações que resultarão em configurações territoriais, que são divisões do espaço a fim de criar diferenciação, o que se assemelha muito à ideia já apresentada anteriormente de Souza (1995). Porém, Raffestin (1993) vai mais longe e articula a formação territorial a uma proximidade e ligação entre indivíduos que se identificam enquanto grupo. Proximidade esta que não necessariamente é física, mas sim social, cultural, política, etc. Constituem-se assim redes, fluxos, sistemas de malhas e nós, hierarquizando e ordenando os territórios não somente pela diferenciação funcional, mas também pela importância que estes indivíduos e grupos dão às suas ações. Estes sistemas que se formam ajudam a manter o controle sobre os territórios e é a partir daí, que se originam as relações de poder, garantindo a coesão, a integração e a manutenção dos objetivos destes territórios.

Para Haesbaert (2005) o território, que é espaço-tempo vivido, tem desde sua origem, uma conotação dupla, que é tanto material quanto simbólica, definindo quem pode ou não usufruir desta apropriação espacial baseada na identidade e no poder. No processo de apropriação e dominação dos espaços está a multiplicidade dos agentes sociais que constroem ou desconstroem os territórios, uma vez que a meta da apropriação é manter o controle sobre indivíduos, fenômenos ou relacionamentos.

Assim, a territorialidade é um componente do poder, algo abstrato que media as relações sociais, sendo responsável pelo modo como as pessoas se organizam, atribuindo significados aos lugares e mantendo a posse e a ordem dos mesmos. As territorialidades adquirem diversos níveis de intensidade, podendo ser mais abertas ou fechadas, como grupos étnicos que não admitem pluralidade cultural. Esta lógica sempre prevaleceu, porém, com o surgimento das sociedades “pós-modernas”, fluidez, movimento e mobilidade passaram a ser essenciais para a formação de territórios e territorialidades. Sendo assim, hoje com a multiplicidade de agentes, as territorializações são mais flexíveis ou multifuncionais, como o centro das grandes cidades, ou ainda grupos que constroem seus territórios multifuncionais e multi-identitários.

Segundo Haesbaert, criou-se recentemente um falso mito, o da desterritorialização, embasado na ideia de que a globalização mundial e mundialização dos lugares teriam influenciado na perda de raízes dos indivíduos e no fim dos territórios. Para este autor,

este mito serve, antes de qualquer coisa para escamotear o verdadeiro fenômeno espacial que se intensificou nas últimas décadas, a “multiterritorialidade”, que “mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se num processo de reterritorialização espacialmente descontínuo e extremamente complexo”. (HAESBAERT, 1994, p. 214 *apud* HAESBAERT, 2005, p. 6774)

De acordo com este autor, é preciso fazer uma distinção entre as noções de “múltiplos territórios” e “multiterritorialidade”. A concepção de “múltiplos territórios” está associada a vários territórios que podem conviver num mesmo espaço, desencadeando ou não lutas pelo controle e pelo poder dos mesmos. Uma pluralidade social, cultural e política que está em permanente tensão. A “multiterritorialidade” por sua vez, seria a experimentação de vários territórios ao mesmo tempo. Para Haesbaert (2004) criam-se vários territórios mentais e inicia-se um ‘trânsito’ por estes territórios e que reconfigura as relações dos indivíduos com o espaço. A novidade hoje é que temos a opção de “jogar” com mais territórios/territorialidades. (HAESBAERT, 2004, p. 344)

Assim, as práticas espaciais da vida cotidiana implicam em inúmeros “papéis” descontínuos e que se revelam em múltiplas escalas. Os espaços nem sempre são contínuos, sendo organizados mais em redes do que em áreas. Além disso, as tecnologias da informação que temos hoje à nossa disposição promovem uma “conectividade virtual”, onde é possível, mesmo a distância, interagirmos e integrarmos outros territórios.

Para Haesbaert (2005) os territórios, assim como os lugares, em sua expressão mais tradicional estavam ligados a identidades homogêneas, que apresentavam autenticidade. Não que isso não exista mais hoje, porém o que mudou foi a forma de ser autêntico. A vida, e por consequência os territórios, agora estão sob influência de diversas culturas que emanam de todos os lugares. Assim, o território, enquanto espaço do poder, apresenta hoje uma multiplicidade e uma multiterritorialidade que são indispensáveis à sua real compreensão.

Território e territorialidade, na nossa pesquisa, são conceitos que nos permitem entender, como, através de relações de poder, os homossexuais reconstróem seus espaços de moradia, lazer e trabalho. A análise do território e territorialidade se correlaciona à figura do migrante na medida em que o nosso sujeito – o homossexual

estudante da UFV – oriundo de diversos lugares, chegam à Viçosa onde passam por um processo de reterritorialização marcado pela construção de novas redes de sociabilidade. Estas redes se formam através de fatores ligados à identidade. Assunto que discutiremos a seguir.

3.2. Identidade e Desterritorialização

Num contexto de fluidez e mobilidade tão grandes como em tempos de globalização e intensificação dos movimentos migratórios, a instabilidade levaria ao fim dos territórios enquanto enraizamento e estabilidade, sendo substituído por fluxos imateriais e pelas redes. Contudo, apesar dos sujeitos que se deslocam estarem submetidos ao processo de desterritorialização, estes forjam novas formas de reterritorialização marcadas por laços de identidade. (HAESBAERT, 2005, p. 35)

O sujeito que se desloca é para Haesbaert (2005) um ser complexo, onde interagem condições sociais, de classe ou grupo social de referência, nível de identificação com o território e também as referências espaciais que compõe sua identidade sociocultural. Assim, a desterritorialização seria para os ricos, por exemplo, muito mais uma multiterritorialidade ou um recurso do que uma perda de territórios e identidades, uma vez que estes indivíduos se locomovem pelos espaços com muita fluidez, desenvoltura e legitimidade. No outro extremo estaria a população que se desloca por necessidade, pela falta de alternativas para garantir a sua sobrevivência física. Esta sim, devido à sua condição pode se submeter a um processo de desterritorialização. Contudo, mesmo grupos que não estão em movimento podem sofrer desterritorialização pelo simples fato da precarização de suas condições de sobrevivência. (HAESBAERT, 2005, p. 38-39)

Assim, para Haesbaert, como o território pode ser simbólico ou cultural influenciando no “ser” dos grupos que criam identidade a partir de espaços de referência, o processo de desterritorialização pode estar presente nos indivíduos que, destituídos de seus lugares de origem, podem perder ou reconstruir também valores e símbolos de sua identidade. Apesar dos laços identitários não necessitarem de uma materialidade espacial, o deslocamento de pessoas pode provocar uma mudança nas referências de identidade territorial.

Os territórios podem ainda fornecer uma “experiência total” que conjuga espaço físico, político, economia, cultura e identidade que garantem a reprodução humana numa sociedade. Esta “experiência total” está presente no compartilhamento de identidades e nas relações funcionais e simbólicas com os outros do grupo. Sendo assim, quem se desloca de lugar seria desterritorializado ou excluído deste processo espacial integrador. Porém, há uma mudança na visão do que seja a experiência integral do espaço, pois os territórios não possuem mais fronteiras tão bem definidas, se apresentando hoje em formas multiescalares e em territórios-rede. (HAESBAERT, 2005, p. 36-37)

Mas o que seria essa identidade cultural que tanta coesão garante aos agrupamentos humanos e aos territórios? Segundo Ortiz (2005) a identidade é uma forma de “ser”, possui contorno e pode ser determinada de uma ou outra maneira. Assim a identidade precisa de um território, ou de um centro do qual irradia existência e validade. A identidade é, por assim dizer, uma construção simbólica, virtual, que existe em relação a uma referência, ou a outras identidades construídas a partir de outros prismas simbólicos. Por ser uma construção, a identidade é um produto histórico e, enquanto tal, revestida de interesses e relações sociais harmoniosas ou conflituosas. Entretanto, a sociedade industrial rompe fronteiras, aumenta a complexidade e a circulação de indivíduos tornando pouco viável a realização de identidades fechadas e isoladas. Na modernidade as relações sociais se dão um território mais amplo com fronteiras diluídas.

Para Ortiz (2005) o que está no nível do local está familiarizado, nos traz conforto. É a busca das raízes e o território onde a identidade é criada. O desenraizamento é, portanto uma perda, um perigo. Muitos grupos hoje têm comportamento desterritorializado devido à mobilidade e ao trânsito por várias escalas que vão do local ao global. Contudo, este não é o fim dos territórios, mas uma “territorialidade dilatada”. Deslocar-se por estas escalas pressupõe uma mudança radical na forma como interpretamos o espaço e o território como uma delimitação que não é mais física.

Ao contrário de culturas que são fisicamente enraizadas, com um centro de onde os valores irradiam até suas fronteiras, na modernidade o que se percebe é uma desterritorialização descentrada, que não implica numa fragmentação, mas sim numa nova ordem social que privilegia a deslocalização das relações sociais.

A terra ou o solo habitado era o território de fixidez onde as culturas fincavam suas raízes. Todavia, segundo Ortiz (2005) quando se discute identidade cultural na modernidade, é preciso abandonar a metáfora da raiz. Isso porque na contemporaneidade este postulado não é mais satisfatório. A característica e exigência da modernidade é a mobilidade, a fluidez. Os indivíduos não perderam totalmente suas referências, mas ao contrário de raízes que delimitam os movimentos, hoje se vive uma territorialidade desenraizada onde se transita por territórios com forças diversas. “O desenraizamento é uma condição de nossa época, a expressão de um outro território”. (ORTIZ, 2005, p. 67-69)

Contribuindo com as ideias de Ortiz (2005), Haesbaert (2005) argumenta que o principal elemento desterritorializador para quem se desloca é a perda dos laços identitário-territoriais. Na verdade não é uma perda completa, pois os indivíduos manterão, em graus diferentes, suas memórias e territorialidade que se perderam com a mudança espacial. O processo de reterritorialização não é um transplante de antigas territorialidades para as novas, mas um hibridismo entre o local de partida e o local de destino.

E é pela identidade dos indivíduos no processo de deslocamento que ocorrerão muitos processos de reterritorialização. Para Haesbaert configuram-se redes regionais de migração que são mantidas pela identidade étnica ou cultural de quem migra. Se a identidade for muito forte, os laços também são mantidos relativamente fortes com o espaço de origem, mesmo estes não estando mais presentes. Entretanto, todo indivíduo, migrante ou não, está sujeito a processos de desterritorialização e reterritorialização afinal, sair de um território implica entrar em outro. Os migrantes precisam ser múltiplos e pensar sua territorialidade em escalas múltiplas, para que através desta multiterritorialidade se consiga viver com mais dignidade, sendo os indivíduos mais ricos da sociedade os que conseguem acionar as diferentes escalas espaciais e ter acesso a esta multiterritorialidade com mais desenvoltura.

3.2.1. Os Jovens e suas Identidades

As identidades da era pré-moderna eram fortemente marcadas por imposições vindas do sistema religioso, familiar e político. Para romper com esta lógica, muitos foram para as cidades com a esperança de construir novas identidades. Porém, somente na era

moderna e industrial as cidades adquiriram a plasticidade necessária para se tornarem “espaço de libertação pessoal e coletiva, no sentido da transfiguração das identidades de origem dos sujeitos”. (FORTUNA, 1994)

Só com mudanças nas estruturas sociais é que se pode conferir à cidade este ambiente renovador, plástico e flexível. Segundo o autor as identidades são expressões onde se entrelaçam fatores internos e externos, sendo difícil separar um e outro. Sendo assim, na contemporaneidade temos muitas escolhas, possibilidades e recursos com os quais podemos refletir e construir a identidade. A identidade moderna é assim, complexa e dotada de uma transitoriedade que garante aos sujeitos (re) construí-las progressiva e continuamente. (FORTUNA, 1994)

Para Fortuna (1994) ao se (re) construir as identidades, choca-se o velho com o novo gerando o fenômeno da “destruição criadora das identidades”, que nada mais é do que o reajustamento das matrizes de identidade que os sujeitos elaboram a partir dos múltiplos acontecimentos políticos, científicos, econômicos e culturais que invadem o cotidiano. Esta “destruição criadora” é o contraponto individual para os “centros” de identidade na sociedade moderna tais como a família, a classe social, o sexo ou o grupo étnico e religioso.

Para Santos (2007) é justamente na cidade que se cria o lugar do movimento e da possibilidade de comunicação e inter-relação entre sujeitos diversos que trocam idéias, conceitos, tecem apropriações, usos e poder, não só nas relações interpessoais como nas relações com o espaço. É na materialidade e na forma do espaço que está impressa a maneira de agir e de se relacionar dos sujeitos no espaço urbano. A cidade representa uma construção histórica e dialética eivada de contradições, conflitos, segregação e desigualdade. Há uma multiplicidade de agentes que interferem na construção e gestão dos espaços urbanos. Entre eles estão os grandes industriais, o Estado, e os grupos sociais excluídos. Todos eles interferem na cidade, “pois cada um percebe e atua conforme seu papel na sociedade, para fazer da cidade seu espaço de vivência de poder e significação”. (SANTOS, 2007, p. 34- 35)

O jovem é, para Santos (2007), um importante elemento que contribui na configuração de práticas espaciais na cidade uma vez que apresentam uma intensa relação com determinados territórios e influenciam e criam lugares específicos e, através da vivência

na cidade constroem suas imagens e deixam suas marcas. Estas características da população jovem acabam por criar alguns rótulos ou identidades específicas. Neste contexto, os sujeitos buscam afirmação de si e de sua identidade, além da construção de comunicação e sociabilidade através das experiências cotidianas que se apresentam em grande multiplicidade, e que dependem da classe social, sexo, escolaridade, etc.

Os jovens que se deslocam são, no tempo da globalização, grandes agentes transformadores das realidades urbanas, não apenas pela expressão quantitativa dos deslocamentos, que se tornaram muito intenso, mas também pelo fato de que os sujeitos partem de seus lugares de origem com suas identificações e buscam se encaixar em uma nova organização cultural e recriar laços sociais e novas relações com o novo espaço de moradia. Estes sujeitos carregam consigo os valores do local de onde partiu, mas também está em contato com outras culturas na cidade aonde chegou, buscando negociar suas identidades com a realidade desta multiplicidade de culturas. As culturas híbridas são para Santos (2007) uma nova forma de influenciar na organização espacial e na vida social da cidade.

Para Haesbaert (2004 *apud* SANTOS, 2007) o sujeito que se desloca representa, na modernidade a flexibilização de indivíduos que se encontram em diferentes níveis de des-reterritorialização. O nível de reterritorialização varia de indivíduo para indivíduo, mas está muito atrelado às relações que estes mantêm com o espaço de onde partiram. Para Santos, são justamente as cidades com Universidades ou outros estabelecimentos de ensino que acolherão o maior número de jovens devido à sua possibilidade de ascensão social pela possibilidade de profissionalização. Os centros educacionais das cidades agem não apenas como centros de racionalização, mas também espaços onde há possibilidade de manifestações democráticas onde é possível trocar experiências e aprendizados. Através de práticas espaciais cotidianas, nas atividades básicas e nos momentos de lazer, seja no nível individual ou coletivo, é que os sujeitos vivenciam a cidade e formam uma imagem do local onde vivem. (SANTOS, 2007, p. 40-42)

A construção de imagens ou dos imaginários urbanos produz também um modo de vida, de valores, lutas e projetos que influenciam na organização do espaço na medida em que os grupos delimitam territórios, influenciando e usufruindo os mesmos. Se o espaço oferecer acesso, circulação e direitos para os migrantes pode-se construir relações

simbólicas intensas, gerando identificação e estratégias de poder e controle. Todavia, o universo de possibilidades que uma cidade oferece ao sujeito que se deslocou é limitado pelas visões de mundo e pelas práticas espaciais do mesmo, havendo lugares que serão incluídos nas suas práticas espaciais e outros que serão deixados de fora.

Assim, entender este processo de deslocamento dos jovens e a construção de suas identidades se faz importante na nossa pesquisa, na medida em que *gays* e *lésbicas* que chegam a Viçosa, encontram um ambiente acadêmico que possibilita não só o aperfeiçoamento profissional na Universidade, mas também a troca de experiências, a proximidade com outros homossexuais e também a delimitação de grupos e espaços de sociabilidade. A seguir, discutiremos os processos utilizados por estes sujeitos para se apropriarem da cidade, fazendo dela um refúgio para suas vidas e identidades.

3.3. A Cidade como Refúgio

Tendo o meio urbano como foco de sua análise principal, autores da Escola de Chicago como Louis Wirth, em especial no artigo “Urbanismo como um modo de vida”, concentraram seus esforços em pensar e definir como se dava a organização espacial, econômica, social e cultural das cidades modernas, no início do século XX. Alguns dos seus estudos se centraram no imigrante, buscando entender como essa condição se interpunha na desorganização e reorganização pessoal e de grupo. Para Wirth (1979) a cidade atrai todo tipo de pessoa de todos os lugares possíveis e as concentram em um espaço muito reduzido. Segundo ele, este número grande de pessoas não só limita, mas também modifica o caráter das relações sociais, sendo a cidade marcada por fragmentações das relações e por contatos mais secundários. Sendo assim, superficialismo e anonimato marcam a vida social urbana, e o sentimento de participação e integração, tão comuns em sociedades menores, cedem espaço a uma emancipação e “liberdade de controles pessoais e emocionais de grupos íntimos”. (WIRTH, 1979, p. 101).

Na perspectiva de Wirth (1979), na cidade, os laços de parentesco se enfraquecem e o significado da família, enquanto instituição norteadora da moral e da vocação dos indivíduos que dela participam modifica-se para uma realidade onde o indivíduo tem mais liberdade para seguir seus próprios interesses vocacionais, religiosos, políticos, etc. Para o autor, a grande heterogeneidade das cidades provoca uma tendência à quebra

de estruturas sociais mais rígidas e colocam em seu lugar a mobilidade e a insegurança, o indivíduo fica tão reduzido, que uma das saídas encontradas pelos habitantes da cidade é se organizar em grupos. Nessa perspectiva, a impotência dos habitantes urbanos frente à sua realidade complexa e frágil é convertida em organizações de indivíduos com interesses semelhantes. É então, através de grupos organizados, que indivíduos isolados ganham força coletiva e promovem controle social na cidade e manipulação de símbolos. Devido a ineficácia dos laços de parentesco criam-se “grupos fictícios de parentesco”. (WIRTH, 1979, p. 110-111)

Numa posição diferenciada da proposta por Wirth (1979), mais recentemente, Maffesoli (2006) analisando a composição dos grupos na cidade considera que há uma “combinação natural”, mas que é verdadeiramente cultural que agrupa as pessoas no ambiente urbano. É a experiência comum que funda, a partir de valores heterogêneos, um equilíbrio. Os microgrupos e as tribos se fazem a partir do sentimento de pertencimento, de uma ética comum e de uma rede em constante comunicação. As tribos são uma metáfora para grupos que se mantêm coesos pelo costume, que “produz ‘sociabilidade’ para uma comunidade dada”. Estes valores são muito parecidos com aqueles que existiam nas tribos das sociedades mais tradicionais. Sendo um fenômeno paradoxal ao individualismo, a divisão das massas urbanas contemporâneas em tribos nada mais é do que a emoção e a sensibilidade de alguns elementos da vida que são compartilhados. (MAFFESOLI, 2006, p. 63-65)

Para o autor, os indivíduos têm funções sociais, podendo participar de grupos estáveis. Entretanto, uma pessoa pode assumir diversos papéis em diversas tribos diferentes. Mudando-se o gosto sexual, religioso ou cultural, pode-se assumir e transitar por lugares diversos. “(...) determinado por seu território, sua tribo, sua ideologia, cada um pode, igualmente, e em um lapso de tempo muito curto, irromper em outro território, em outra tribo, em outra ideologia”. A cidade é então “uma sucessão de territórios onde as pessoas, ou as tribos, de maneira mais ou menos efêmera, se enraízam, se retraem, buscam abrigo e segurança”. A delimitação destes territórios pode ser concreta, mas pode também ser simbólica, não sendo menos real por isso. Sua existência se efetiva no sentimento de pertencimento e sua duração está relacionada ao “grau de investimento de seus protagonistas”. (MAFFESOLI, 2006, p. 133-225)

A cidade grande vai ser um refúgio para os homossexuais, um lugar mais acolhedor do que o local de nascimento. De acordo com Eribon (2008) a migração dos homossexuais das pequenas comunidades interioranas para as cidades maiores é marcada pela precoce independência financeira e pela busca de um lugar onde se podem criar redes de sociabilidade que não signifiquem um incômodo para a família.

Para Eribon (2008) a vida cotidiana dos homossexuais, tanto masculinos como femininos, é fortemente marcada pelo medo constante de agressões físicas ou verbais. Devido a este fato, os gays e as lésbicas precisam negociar em tempo integral as manifestações do seu comportamento com a realidade que está envolta. Demonstrações de carinho por parceiros do mesmo sexo ou até mesmo o jeito de se vestir ou gesticular deve ser policiado para evitar um conflito que pode terminar com agressões. Os homossexuais são para o autor, “assediados” pela sociedade e isto acaba por influenciar nas estruturas subjetivas destes indivíduos, moldando suas personalidades e identidades. Se o homossexual vive em um ambiente de controle social muito forte, este por negar a si mesmo ou então dissimular seu comportamento e orientação sexual para fugir da injúria. Outra possibilidade é migrar para lugares mais receptivos.

A busca de lugares menos opressivos foi tão intensa, que nas décadas de 1950 e 1960 formaram-se na Europa e nos Estados Unidos numerosos “enclaves *gays*” nas grandes cidades, mas ainda assim havia dificuldade em se organizar nestes locais devido à constante repressão aos bares e outros territórios de sociabilidade homossexuais. Até mesmo no século XIX cidades como Nova York, Paris ou Berlin eram campos de “refugiados” para onde convergiam ondas de migrações de gays vindos de todos os lugares em busca de um “mundo *gay*” que só nestes espaços teria condições de existir (ERIBON, 2008, p. 31-32).

Segundo este autor, a homossexualidade tem uma relação direta com a cidade, encontrando no espaço urbano condições de se desenvolver plenamente por ser este um “mundo de estranhos” onde não se pode controlar nem mesmo a vida dos vizinhos. O anonimato gerado na cidade é que dá suporte a existência do “mundo *gay*”. Não saber da vida e da rotina da vizinhança não impede que indivíduos homossexuais, que migraram pelo mesmo motivo, criem locais de sociabilidade tais como bares, boates e restaurantes. Tudo isso não evita a existência de sociabilidade homossexual em cidades

pequenas e no meio rural. Contudo, nestes espaços interioranos existe um imenso controle e fiscalização da vida e o íntimo conhecimento que se tem de todos, o que torna muito improvável a sobrevivência de “subculturas” que não se mantenham em anonimato. Isto gera “invisibilidade” e dificuldade em estudar estas formas de organizações homoafetivas.

3.3.1. A Sociabilidade Homossexual na Cidade

Nessa pesquisa, a análise dos territórios homossexuais perpassou a análise dos processos de construção e reconstrução desses territórios do ponto de vista das relações sociais aí constituídas, do campo de disputas, de poder e das possibilidades de sociabilidade nesses espaços.

De acordo com Vieira (2010), que estudou a comunidade LGBT de Coimbra (Portugal), os homossexuais criam modelos codificados de sociabilidade urbana que são muito específicos, tendendo a invisibilidade. A vida de um homossexual está quase sempre voltada para o jogo de ritmos do cotidiano, seja em espaços públicos ou privados, onde há maior possibilidade de se mostrar o verdadeiro *eu* ou, ao contrário, se tornar mais invisível.

Na sociabilidade dos homossexuais está o elemento fundamental do contato com outros homossexuais. Assim, *internet*, bares e festas privadas são essenciais para o encontro e diálogo destes indivíduos, sendo o contato virtual uma forma de driblar o preconceito social e a falta de espaços públicos tolerantes. Assim, o mundo virtual gera novos “vínculos sociais e comunitários. (...) A *internet* é, por isso, um ‘espaço’ de importância fundamental na construção das redes informais que constituem o núcleo duro das sociabilidades da população estudada e que se sedimentam, através das ‘redes de amigos’”. (VIEIRA, 2010, p. 9)

Sobre o meio virtual, Miskolci (2009) diz que devido ao conservadorismo e a segregação histórica que os homossexuais presenciaram nos espaços públicos, a *internet* é vista pelos *gays* como um “um espaço inédito para se socializar”. A possibilidade de desenvolver uma sociabilidade homossexual, que antes se reduzia às cidades maiores e mais tolerantes devido aos seus territórios de aceitação e convivência, hoje pode se espalhar por comunidades menores, devido ao relativo anonimato proporcionado pela

interação virtual. A *internet* espalhou o “código-território” homossexual para um número muito maior de espaços e pessoas que devido a vários motivos, sejam eles econômicos, ou por preconceito, não poderiam ou não queriam frequentar os territórios “reais”. (MISKOLCI, 2009, p. 175-176)

De acordo com este autor, a internet trouxe, para os homossexuais uma ambiguidade. Por um lado, ela possibilita a criação de redes de sociabilidade entre iguais, seja para relacionamentos sexuais, encontros casuais, criação de novas amizades ou simplesmente romper a solidão de indivíduos que se encontram isolados socialmente devido a sua sexualidade. Entretanto, à medida que *gays* e lésbicas escondem suas verdadeiras identidades na *web*, estão ajudando a reforçar a ordem heteronormativa não só nos espaços públicos, mas também na sociedade como um todo. Os antigos “guetos” urbanos agora estão se deslocando para o mundo Virtual.

Assim, muitos homossexuais podem desenvolver uma vida dupla, uma sociabilidade virtual em “territórios limpos”, longe do “mito do meio gay como território ‘impuro’, associado ao ‘efeminamento’ e à marginalidade” (MISKOLCI, 2009, p. 187). A *internet* abriu um enorme campo de possibilidades aos homossexuais que viviam aprisionados no “armário”. Agora eles podem vislumbrar um novo mundo, onde há contato sem a exposição pessoal que marca os lugares “reais” freqüentados por homossexuais. Todavia, Miskolci (2009) pôde constatar que as duas formas de sociabilidade, *on-line* e *off-line*, não são necessariamente excludentes. Alguns homossexuais que se conhecem na internet acabam por criar relações que se estendem para a vida social e conseguem criar amizades.

Para Eribon (2008, p. 37-41) a cidade possibilita a coexistência de vários e diferentes mundos sociais onde os indivíduos podem transitar, usando para cada um deles uma identidade diferente, seja no ambiente religioso, de trabalho, de lazer ou sexual. Pode-se viver na cidade e criar uma “vida dupla”. Entretanto, existem aqueles que vão para a cidade justamente para escapar da vida oculta que tinham em seus locais de origem. Estes ficam diante da possibilidade de reinventar suas identidades. A sociabilidade para estes homossexuais pauta-se primeiramente por uma “política” de amizade, onde é preciso encontrar pessoas, criar contatos e redes de amizade e formar um círculo de relações onde há a possibilidade de desenvolver a identidade pessoal de uma forma mais

positiva. Assim, a vida dos homossexuais está fortemente vinculada à criação e manutenção dos círculos de amizade, e ao encontro com amigos em cafés, bares, parques e boates.

Segundo Vieira (2010) a amizade é um *fato social* e também um *fato espacial*, pois as redes de amizade influenciam em espaços de sociabilidade. Para os homossexuais os amigos são como uma “família” e com quem se pode ser autêntico. Os amigos são também a fonte de aprendizado das regras, gírias e códigos de sobrevivência no espaço urbano (VIEIRA, 2010, p. 10). Existem também as ‘sociabilidades caseiras’ em que os homossexuais se encontram em locais privados como dentro de casa ou na casa dos amigos, mas muitos também aproveitam os espaços públicos como cafés e *shoppings* para o lazer.

É nas conversas e no convívio entre amigos que espaços vão “ganhando fama” e se constituindo em *gay-friendly*. Assim, é possível se proteger de possíveis agressões verbais ou físicas e não deixar de conviver em espaços públicos. Alguns espaços urbanos tornam-se, aos poucos, espaços frequentados por indivíduos homossexuais. Assim, a comunidade LGBT, com seus códigos, redes de amizade e sociabilidade, efetiva uma apropriação simbólica e resignifica espaços que inicialmente eram destinados a outro público. Este processo define o surgimento e a consolidação de alguns territórios homossexuais na cidade, assunto que será melhor delineado a seguir.

3.3.2. Identidade e Territórios Homossexuais na Cidade

De acordo com Barreto (2009) para se compreender os territórios e territorialidades homossexuais no espaço, é imprescindível entender os processos de construção e manifestação da identidade neste grupo social. Assim, no processo em que um indivíduo se forma enquanto sujeito social, diversos fatores contribuem para a construção de sua identidade. Esta não passa de uma construção cultural que define o indivíduo a partir de fatores biológicos, étnicos, culturais, mas também das múltiplas experiências e escolhas individuais.

Na verdade, um indivíduo pode se decompor em várias identidades diferentes e, por ser um ser social, vai procurar na sociedade outros indivíduos com quem possa compartilhar um determinado jeito de ser, de enxergar e vivenciar a realidade. No caso

específico dos homossexuais, o exercício pleno da identidade poderia acarretar problemas para alguns indivíduos, devido ao preconceito que este grupo carrega. Por isso, muitos homossexuais vivem no “armário”, sem exercer plenamente esta identidade pelo receio de que ela possa atrapalhar suas outras identidades que são praticadas em outros ambientes sociais como o trabalho, a família ou a religião. Assim, dependendo do meio em que se encontra, a identidade homossexual pode entrar em conflito com as outras identidades. (BARRETO, 2009, p. 7)

A construção e identificação dos homossexuais se dariam então através de símbolos como a bandeira do arco-íris, as gírias, um estilo de vida bem peculiar, modos de se vestir e gostos musicais. Todos estes fatores podem ser construídos coletivamente ou até incentivados por estereótipos midiáticos. Estes indivíduos podem, portanto, utilizar dos símbolos como modo de resistência do grupo à discriminação e para se afirmar diante da sociedade.

Os grupos que carregam certa identidade também se expressam espaço-territorialmente, na construção de territórios e na expressão de territorialidades. Afinal, segundo Claval (1999 *apud* BARRET, 2009, p. 8) a construção de territórios através de representações é inseparável dos processos de construção das identidades. O território seria um meio de se proteger da discriminação, mas também o lugar de afirmação da identidade plena.

Para Haesbaert (2002) os territórios podem representar muito mais do que a materialidade impressa no espaço. O território é subjetivo, parte de um imaginário individual ou coletivo e transpassa pelas relações sociais e conseqüentemente as relações de poder. Haesbaert, assim como outros autores, enxerga o território “como fruto de uma apropriação simbólica, especialmente através das identidades territoriais, ou seja, da identificação que determinados grupos sociais desenvolvem com seus ‘espaços vividos’”. (HAESBAERT, 2002, p. 120)

Haesbaert enfatiza a importância simbólica do território e prossegue:

Como a escolha de um símbolo não pode privar-se de toda a referência ao ‘real’, podemos associar estas reflexões ao nosso campo, a Geografia, e lembrar que muitos espaços expressam muito mais do que a manifestação concreta de seus prédios, estradas e montanhas. Neles há ‘espaços’ ou, se preferirem, territórios (enquanto espaços concretas e/ou simbolicamente dominados/apropriados) de um caráter

particular, especial, cuja significação extrapola em muito seus limites físicos e sua utilização material. É o que autores como Poche (1983) denominam ‘espaços de referência identitária’, a partir dos quais se cria uma leitura simbólica, [...] mas que, de qualquer forma emana uma apropriação estética específica, capaz de fortalecer uma identidade coletiva que, neste caso, é também uma identidade territorial. (HAESBAERT, 2002, p. 149)

Desta forma é que os territórios são consolidados no imaginário de grupos sociais. Porém, para os homossexuais, a procura de territórios de aceitação faz com que os indivíduos mudem constantemente no espaço. Para este autor criam-se vários territórios mentais e inicia-se um “trânsito” por estes territórios. Este fenômeno é chamado por Haesbaert (2004) de “multiterritorialidade”, um fenômeno relativamente recente e que reconfigura as relações dos indivíduos com o espaço. Tendo uma diversidade ou um conjunto de opções muito maior de territórios/territorialidades que se pode transitar e construir pontes. Assim, para Haesbaert, a dinâmica da vida moderna configura e reconfigura territórios e “multiterritorialidades”, dando um grande sentido simbólico aos territórios onde um grupo social e sua rede de relacionamentos pode exercer seu poder e suas práticas culturais, diminuindo o conflito eminente com outros agentes sociais. Porém, isto não exime os territórios de possíveis tensões e novas reconfigurações.

No sentido de contribuir com esta discussão, Fernandes e Costa (2007) dizem que na cidade contemporânea são produzidas apropriações espaciais a partir de práticas culturais. As formações territoriais podem apresentar diversas escalas, que vão desde as escalas maiores até as microterritorializações que “são condições das práticas culturais, assim como formadora delas”. A cidade é para estes autores, o local do encontro com o outro, um campo de possibilidades que pode gerar tanto identificação como conflito. Quando as trocas sociais não são muito pacíficas, as “micropartes” do espaço urbano viram um refúgio para aqueles que se identificam enquanto “iguais” e pretendem materializar e proteger os valores que constituem suas identidades. Os “iguais” então se territorializam e se “microsegregam”, constituindo, muitas vezes, pequenos espaços que duram relativamente pouco e que possuem fronteiras bem flexíveis, além de dividirem estes espaços com outros sujeitos, só que em tempos diferentes.

A cidade de Viçosa é, portanto, o “refúgio”, o palco onde os homossexuais sujeitos desta pesquisa irão forjar ou reafirmar identidades, grupos, territórios e segregações. Nos capítulos que se seguem, discutiremos estes processos que se materializam nas relações que estes *gays* e lésbicas desenvolvem com seu novo espaço de moradia. Discutiremos também como ficou a relação com a família após se mudarem para Viçosa.

4. QUEM É IGUAL A QUEM: A CONSTRUÇÃO DA SOCIABILIDADE DOS UNIVERSITÁRIOS HOMOSSEXUAIS EM VIÇOSA

Ao chegar à Viçosa, os estudantes se deparam com uma nova realidade. Longe dos espaços de primeira socialização, precisam construir novas redes de sociabilidade e se adaptar a um cotidiano e uma vida sem a vigilância e o apoio da família. Nessas situações os estudantes enfrentam dificuldades de várias ordens, conforme narraram nossos entrevistados. Dificuldades que vão desde a organização da própria dinâmica doméstica a ter que lidar com a nova vida de muita liberdade e responsabilidade. Falas de Daniel e Marcelo evidenciam esse contexto.

Lá eu estudava de segunda a sexta, tinha o grupo de escoteiros, o grupo de jovens sagrado sábado a noite, no domingo ia pra casa de um familiar. Aqui vi que isso não se aplicava. Não consegui manter o cotidiano que eu tinha lá. Eu vi que não ia conseguir transferir o tipo de vida que eu tinha lá pra cá. No início eu tentava justificar com a Universidade, que eu estava estudando mais, o fato é que eu não consegui transpor o tipo de vida de antes pra cá. Não tenho resposta, não sei se aquilo já não estava me satisfazendo, se eu visualizava outras coisas aqui, outras amizades. (Daniel, 23 anos)

Achei dificuldade por que nunca tinha morado sozinho, apesar de que eu já tinha uma independência muito grande, mas quando a gente sai de casa, você tem que pensar por você e nos outros. Isso você tem que adquirir quando mora numa república em conjunto. Não sabia cozinhar, lavar roupa, tive que aprender a ser independente né! Pra mim o mais radical foi a questão de horário. Quando morava com meus pais tinha horário pra tudo, agora se você mora sozinho, você faz o que você quer, não por que você é obrigado e não tem ninguém te vigiando. Tem também a questão da liberdade. Meus pais são católicos, minha mãe é professora, eles me educaram para que eu fizesse o que eu achava certo, aqui você tem liberdade pra fazer o que você quer, mas as consequências também são suas. Você tem que medir isso, e é essa medição que a gente não tinha antes. Antes tinha cobrança, agora tem consequências. (Marcelo, 23 anos)

Haesbaert (2005) entende que um importante elemento desterritorializador para o sujeito que se desloca é a perda dos laços identitário-territoriais. Esta perda não se dá por completo, pois as pessoas mantêm, em graus diferentes, as memórias e territorialidade que se perderam com a mudança espacial. O processo de reterritorialização não é um transplante perfeito de antigas territorialidades para as novas, mas um hibridismo entre o local de partida e o local de destino. Assim, os sujeitos que migram são seres desgarrados, desterritorializados. Porém, estes forjam

novas formas de reterritorialização, marcadas por uma memória anterior à mudança e por novos laços de identidade. Um exemplo desse processo é que alguns estudantes, assim que chegaram a Viçosa substituíram as religiões herdadas dos pais por outras atividades, como é o caso de Daniel, Plínio, Tomás e Luciana.

No nosso estudo observamos que todos os trinta entrevistados procuram visitar a família com alguma frequência e manter contato com a família, o que corrobora a ideia de Haesbaert de que apesar de estarem submetidos a um processo de desterritorialização, os antigos laços e espaços não são completamente suprimidos, mas sim resignificados. Somente os que moram muito longe vão com uma frequência menor, como no caso de Amanda que vai *“umas duas vezes ao ano”*, em função da distância e do calendário escolar e as atividades extracurriculares (como o estágio que faz atualmente). Aliado a esses fatores, dificuldades financeiras, são impeditivas dificultam idas mais frequentes, como é o caso de Jorge, que diz que *“ir pra casa fica muito caro”*. Relações conflituosas com os pais também (em função inclusive da orientação sexual dos filhos) também foram associadas a uma menor frequência nas visitas – aspectos que serão melhor explorados no capítulo 6.

Para entender melhor esse momento de chegada à Viçosa, compusemos no quadro abaixo, uma síntese de todas as trinta entrevistas, a partir do cotidiano vivido, dos grupos constituídos e das redes de sociabilidade dos universitários homossexuais nesse período. Os dados foram compostos em dois momentos distintos: o de chegada à Viçosa e o momento presente buscando compor os grupos e redes de sociabilidade anteriores e atuais, além dos fatores intervenientes para a constituição destes grupos e redes. Acreditamos que essa síntese nos ajudará a compreender melhor as mudanças que ocorrem com a sociabilidade dos estudantes homossexuais universitários neste processo de reterritorialização.

Quadro 01: Rotina, grupos e redes de sociabilidade dos universitários homossexuais

Entrevistado	Local de origem	Área do conhecimento	Idade	Cotidiano	Grupos que frequentava ao chegar à Viçosa e grupos atuais	Espaços que frequenta	Onde mora	Relação com a vizinhança	Os amigos	A família	Renda mensal (R\$)
01 - Daniel	- Cidade do interior	- Ciências Humanas	- 23 anos	- Fica a maior parte do tempo na UFV - Namora - Sexta-feira as vezes sai	- Frequentava o grupo de escoteiros, do centro espírita e de pessoas do curso que faz - Atualmente tem um grupo de pessoas de outros cursos e pessoas da pós-graduação	- Antes de namorar frequentava o <i>chat</i> , ia muito ao Bar do Leão ou em <i>Calouradas</i> - Não vai às festas <i>gays</i> em Viçosa	- República com outros <i>gays</i>	- Pouco contato com a vizinhança	- Tinha um amigo da Bioquímica que era da mesma cidade e também era <i>gay</i> - Amigos do curso de Dança - Tem muitas amigas heterossexuais	- Pai falecido - Eram todos católicos, hoje são todos espíritas	- 1.700,00
02 - Plínio	- Cidade do interior	- Ciências Humanas	- 29 anos	- Universidade - Adora ir ao cinema e aos eventos culturais da UFV	- Frequentava o centro espírita e o grupo de teatro - Atualmente frequenta o grupo da pós-graduação	- Festas <i>gays</i> - <i>Chat</i>	- Em uma república <i>gay</i> , mas antes morava no alojamento	- Pouco contato com a vizinhança	- Amigos do alojamento - Amigos <i>gays</i> e amigos heterossexuais	- Os pais são falecidos - Eram católicos - Baixa escolaridade	- 1.200,00
03 - Tomás	- Cidade do interior	- Ciências Humanas	- 20 anos	- Aula na Universidade - Faz Yoga, joga vôlei - Estuda - Usa a internet - Lê, assiste filmes	- Frequentava o grupo de jovens católicos - Atualmente frequenta os grupos ligados ao curso que faz	- Espaços na Universidade - Casa de amigos - <i>Chat</i>	- No alojamento	- Tem contato com a vizinhança	- Amigos do curso que faz e de outros cursos também - Amigos <i>gays</i> e heterossexuais	- São católicos - Escolaridade baixa	- 200,00
04 - Vicente	- Cidade do interior	- Ciências Humanas	- 31 anos	- Durante a semana está na Universidade - Nos fins de semana costuma ir às festas	- Frequentava o grupo de pessoas do cursinho que fez - Atualmente frequenta grupos ligados ao Movimento estudantil	- Festas <i>gays</i> e outras festas - Já usou muito o <i>chat</i>	- Alojamento	- Tem contato com a vizinhança	- Amigos do alojamento - Amigos da cidade natal	- O pai é evangélico; não define sua família como religiosa - Baixa escolaridade	- 300,00
05 - Marcelo	- Cidade do interior	- Ciências Agrárias	- 23 anos	- Vai as aulas na Universidade e a o experimento - Namora - Vai ao cinema com o namorado e fica em casa na <i>internet</i>	- Frequentava o grupo de jovens da igreja católica, grupo do <i>Rotary</i> e o centro espírita - Atualmente frequenta grupos ligados ao curso d grupo da Empresa Júnior	- Festas que tem na cidade - Nunca foi em festas <i>gays</i>	- Numa república <i>gay</i>	- Pouco contato com a vizinhança	- A maioria é <i>gay</i> - Pessoas do estágio que faz	- Família toda católica - Grau maior de escolaridade	- 1.200,00
06 - Jorge	- Cidade do interior	- Ciências Agrárias	- 23 anos	- Fica muito na Universidade e na casa do namorado	- Frequentava o grupo da igreja presbiteriana - Atualmente frequenta o grupo que o namorado frequenta	- Antes de namorar frequentava o <i>chat</i> - Casa do namorado	- Com o irmão	- Pouco contato com a vizinhança	- A maior parte é de amigos do namorado e são quase todos heterossexuais	- São evangélicos - Escolaridade média	1.200,00

Entrevistado	Local de origem	Área do conhecimento	Idade	Cotidiano	Grupos que frequentava ao chegar à Viçosa e grupos atuais	Espaços que frequenta	Onde mora	Relação com a vizinhança	Os amigos	A família	Renda mensal (R\$)
07 - Luciana	- Cidade do interior	- Ciências Humanas	- 23 anos	- Fica muito na Universidade - Fica muito em casa - Namora - Nos fins de semana vai muito as festas	- Frequentava o grupo de oração católico - Atualmente frequenta o grupo do cursinho de inglês da Universidade, onde dá aulas	- Universidade - Barzinhos - Festas em geral - Festas <i>gays</i>	- Com a irmã que também é lésbica	- Pouco contato com a vizinhança	- Não tem amigas lésbicas - Amigos da UFV	- São católicos - Escolaridade média	- 400,00 e a mãe ajuda pagando o aluguel
08 - Carla	- Cidade do interior	- Ciências Humanas	- 19 anos	- Na Universidade faz disciplinas, inglês e um projeto de extensão	- Frequentava o grupo das pessoas do curso que faz - Atualmente frequenta o "Primavera nos dentes" e a Marcha Mundial das Mulheres	- Universidade - "Primavera nos dentes" - Bares - Festas <i>gays</i>	- Numa república com mais dos <i>gays</i> do mesmo curso que faz	- Pouco contato com a vizinhança	- As pessoas que moram na república - As pessoas do Primavera e da Marcha Mundial das Mulheres	- São católicos - Escolaridade média	- 700,00
09 - Denise	- Cidade média	- Ciências Humanas	- 17 anos	- Fica na Universidade - Nos fins de semana assiste filmes e vai em festas	- Frequentava o grupo dos veteranos do curso - Atualmente frequenta o grupo dos movimentos sociais na Universidade	- A Universidade - Bares - Festas do curso	- Numa pensão	- Pouco contato com a vizinhança	- Pessoas do curso que faz - Pessoas dos movimentos sociais.	- A família toda é cristã - Escolaridade alta	- 600,00
10 - Rodrigo	- Cidade do interior	- Ciências Humanas	- 24 anos	- Vai para bares, para o DCE - Fica com o pessoal dos movimentos sociais	- Tinha um grupo de amigos heterossexuais - Atualmente participa do Movimento estudantil e do "Primavera nos dentes"	- Festas <i>gays</i> - Bares - Casa de amigos - Algumas festas no Galpão - DCE	- Numa república com um <i>gay</i> e uma lésbica, que também são do "Primavera"	- Pouco contato com a vizinhança	- Amigos que são da militância	- Mãe é católica e o pai não tem religião - Escolaridade alta	- 800,00
11 - Tatiana	- Capital	- Ciências Humanas	- 20 anos	- Milita na Marcha Mundial das Mulheres - Participa do "Primavera" - Faz estágio	- Tinha um grupo de pessoas do curso de Nutrição - Atualmente participa do Movimento estudantil, Movimento LGBT e Movimento feminista	- Bares - DCE - Estágio	- Numa república com outros <i>gays</i>	- Pouco contato com a vizinhança	- Amigos da república - Amigos do "Primavera" - Algumas meninas da Marcha Mundial das Mulheres	- Pais divorciados - Escolaridade média dos pais	- 1.200,00
12 - Renata	- Capital	- Ciências Humanas	- 24 anos	- É praticamente a UFV	- Tinha um grupo de amigos na Zootecnia - Atualmente tem um grupo no curso que faz; mas sua vida é sua namorada	- A Universidade - Sua casa - Bar do Marcelo - Não é muito de sair	- Mora com a namorada	- Pouco contato com a vizinhança	- A namorada - Alguns amigos no curso - Não tem muitos amigos	- São católicos - Nível médio de escolaridade	- 1.100,00
13 - Sara	- Capital	- Ciências Agrárias	- 25 anos	- Fica muito na UFV ou em casa - Assiste novela ou filme com a namorada e passeia com o cachorro	- Não fez muitas amizades nem participava de grupos - Atualmente tem um grupo do cursinho que faz para mudar de curso na Universidade	- Não é muito de sair, mas vai a bares como o Marcelo, <i>shopping</i> e shows, quando tem	- Mora com a namorada	- Pouco contato com a vizinhança	- Alguns amigos do curso da namorada - Amiga mesmo só a namorada	- Escolaridade dos pais é baixa - A família não é religiosa	- 450,00

Entrevistado	Local de origem	Área do conhecimento	Idade	Cotidiano	Grupos que frequentava ao chegar à Viçosa e grupos atuais	Espaços que frequenta	Onde mora	Relação com a vizinhança	Os amigos	A família	Renda mensal (R\$)
14 - Fábio	- Cidade maior	- Ciências Humanas	- 20 anos	- Aula à noite - Reuniões do grupo de diversidade sexual e de um grupo de estudo que participa	- Frequentava um grupo dos veteranos do curso que faz - Atualmente frequenta o C.A., o grupo de diversidade sexual e o grupo de estudo em antropologia	- UFV - Casa de amigos - Bares - DCE	- Mora numa república	- Pouco contato com a vizinhança	- As pessoas do curso que faz	- Os pais são católicos - Escolaridade média	- 400,00
15 - Samanta	- Cidade média	- Ciências Humanas	- 24 anos	- Vai muito a bares - Sai muito em Viçosa - Quando está em casa, fica na <i>internet</i>	- Frequentava o grupo de pessoas do curso que iam as festas - Atualmente tem um grupo de amigos das festas	- Igreja - UFV - Festas - Bares	- Mora sozinho	- Pouco contato com a vizinhança	- Amigos da Universidade - Amigos do meio <i>gay</i>	- Presbiterianos - A mãe tem escolaridade média e o pai superior	- 1.100,00
16 - Juliano	- Cidade média	- Ciências Agrárias	- 22 anos	- Fica em casa, ou na casa de uma amiga - Vai à aula na UFV - Vai a bares .	- Tinha um grupo de amigos heterossexuais e da república onde morava - Atualmente tem um grupo das pessoas do curso que faz	- Casa de amigos - Bares - Festas - <i>Chat</i>	- Mora sozinho	- Pouco contato com a vizinhança	- Uma lésbica - Um amigo natural de Viçosa que é homossexual	- Os pais são falecidos - A família é católica e espírita	- 1.000,00
17 - André	- Cidade média	- Ciências Agrárias	- 22 anos	- Participação no movimento estudantil - Nos fins de semana toma umas cervejas	- Tinha um grupo de pessoas do curso que faz e um grupo de pessoas da república onde morou - Atualmente frequenta o Movimento estudantil e o “Primavera nos dentes”	- Boteco - Barzinho, como o Marcelo - Não gosta dos espaços frequentados pelas agrárias	- Numa república <i>gay</i>	- Pouco contato com a vizinhança	- Pessoal do movimento estudantil - Alguns amigos do curso - Amigos da república onde mora, que também são do movimento estudantil	- Família é católica - Escolaridade média	- 1.050,00
18 - Amanda	- Capital	- Ciências Humanas	- 25 anos	- Cotidiano de quem é casada - UFV/estágio - Fica muito em casa nos fins de semana	- Tinha um grupo de pessoas da república que morava - Atualmente tem um grupo de pessoas do curso que faz	- UFV - Supermercado - Floricultura - Leão	- Com a namorada	- Pouco contato com a vizinhança	- Pessoas da Universidade e do curso	- O pai é falecido, a mãe é espírita e está fazendo curso superior.	- 900,00
19 - Janaina	- Cidade do interior	- Ciências Humanas	- 21 anos	- Ir a aula ou reunião na UFV - Terapia - Yoga	- Não tinha muitos contatos - Atualmente participa do “Primavera nos Dentes”, do DCE e do Movimento estudantil	- UFV - Bares - Casa de algumas pessoas	- Numa república	- Pouco contato com a vizinhança	- Pessoas do “Primavera” - Um professor - Algumas pessoas do curso e uma amiga da república	- Pais católicos - Pai tem Ensino Médio e a mãe tem Ensino Superior	- 550,00
20 - Helena	- Cidade do interior	- Ciências Exatas	- 21 anos	- Ir para a aula - Ficar na biblioteca - Ficar com a namorada	- Tinha um grupo de pessoas do curso que faz - Atualmente participa de grupos ligados ao C.A. e ao Movimento estudantil	- A Universidade - Bares	- Numa república com meninas da dança	- Pouco contato com a vizinhança	- Pessoas da república	- Escolaridade média - São cristãos	- 550,00

Entrevistado	Local de origem	Área do conhecimento	Idade	Cotidiano	Grupos que frequentava ao chegar à Viçosa e grupos atuais	Espaços que frequenta	Onde mora	Relação com a vizinhança	Os amigos	A família	Renda mensal (R\$)
21 - Valquíria	- Cidade do interior	- Ciências Humanas	- 24 anos	- Estágio e aula na UFV	- Tinha um grupo da república onde morava - Atualmente participa do Movimento estudantil e do Movimento feminista	- Assessoria de movimentos sociais - Bar do Marcelo e Bar do Leão. - Casa de amigos - Porão e DCE	- No alojamento	- Pouco contato com a vizinhança	- Tem amigos nos diferentes grupos que participa	- Pai é falecido - Mãe é católica - Nível de escolaridade superior	- 610,00
22 - Ronaldo	- Cidade média	- Ciências Humanas	- 21 anos	- Universidade - A noite vai para bares ou casa de amigos	- Era meio “bicho do mato” - Atualmente participa de grupos do curso que faz	- Universidade - Bar do Leão, Bar do Teddies, Galpão - Porão	- Numa república gay com pessoas do curso	- Pouco contato com a vizinhança	- Pessoas do curso que faz	- Pais separados - Família católica - Nível de escolaridade superior	- 800,00
23 - Saulo	- Cidade do interior	- Ciências Humanas	- 19 anos	- Fica muito em casa - Vai as aulas na UFV	- Participava de um grupo de pessoas apresentadas por uma amiga - Atualmente participa de grupos ligados ao curso	- Universidade - Porão - DCE - Bar do Leão, Teddies - Festas GLS	Numa república gay com pessoas do curso	- Pouco contato com a vizinhança	- pessoas do curso que faz	- São católicos - Nível superior	- 850,00
24 - Guilherme	- Cidade do interior	- Ciências Exatas	- 20 anos	- Resolver coisas do DCE - Estudar - Ficar no computador	- Tinha um grupo de pessoas do curso de Física - Atualmente participa do DCE, do Movimento estudantil de um grupo do alojamento e do grupo dos “bicho grilo”	- Festas - Eventos culturais - Eventos que o DCE organiza	- No alojamento	- Tem contato com a vizinhança	- Pessoas do alojamento - Pessoas do movimento estudantil - Pessoas do DCE	- O pai é falecido - A mãe é católica e o padrasto evangélico - Tem um nível médio de escolaridade	- 600,00
25 - Tamara	- Cidade do interior	- Ciências Agrárias	- 19 anos	- Vai à aula e a assessoria de movimentos sociais - Milita - Nos fins de semana vai a festas	- Tinha um grupo de pessoas do curso que fazia e de pessoas da pensão onde morava quando chegou a Viçosa - Atualmente participa de grupos ligados aos movimentos sociais e a Marcha Mundial das Mulheres	- Bar do Leão, Bar do Marcelo - Festas gays	- No alojamento	- Tem contato com a vizinhança	- Pessoas dos movimentos sociais	- Família católica - O pai tem escolaridade média e a mãe escolaridade baixa	- 360,00
26 - Vítor	- Cidade média	- Ciências Exatas	- 25 anos	- Fica em casa - Vai para as aulas	- Tinha um grupo de amigos da cidade natal que o ajudaram - Atualmente tem um grupo de pessoas do alojamento	- É muito caseiro	- No alojamento	- Tem contato com a vizinhança	- Homossexuais do alojamento	- A mãe é cristã - Tem escolaridade média	- Não tem renda mensal fixa

Entrevistado	Local de origem	Área do conhecimento	Idade	Cotidiano	Grupos que frequentava ao chegar à Viçosa e grupos atuais	Espaços que frequenta	Onde mora	Relação com a vizinhança	Os amigos	A família	Renda mensal (R\$)
27 - Wallace	- Cidade média	- Ciências Humanas	- 22 anos	- Procura siar com o namorado - Faz estágio - projeto de iniciação e extensão	- Frequentava o grupo de amigos do namorado - Atualmente tem um grupo de pessoas que conheceu no curso que faz	- Vai a festas - Restaurantes - Barzinhos - Apresentações culturais	- No alojamento	- Pouco contato com a vizinhança	- Pessoas do alojamento - Pessoas do curso que faz	- São católicos - Nível médio de escolaridade	- 660,00
28 - César	- Cidade do interior	- Ciências Humanas	- 20 anos	- Faz ginástica - Vai à casa de amigos - Fica no computador	- Andava muito com as pessoas do <i>Hilton</i> - Atualmente tem um grupo de amigas do curso que faz	- Universidade - Alojamento - Bares - Festas	- No alojamento	- Tem contato com a vizinhança	- Pessoas do alojamento - Meninas do curso que faz	- Pais separados - Mãe católica e pai ateu - Nível baixo de escolaridade	- 300,00
29 - Joana	- Cidade do interior	- Ciências Exatas	- 20 anos	- Vai à aula - Fica na <i>internet</i> - Nos fins de semana si com os amigos	- Sempre se enturma com <i>gays</i> , lésbicas, heterossexuais; conversa com todo mundo	- Festas GLS - Bar do Leão e Bar do Teddies - Festas em república (Flat Center) - DCE	- No alojamento	- Tem contato com a vizinhança	- Amigos do alojamento - Amigos virtuais - Amigos do curso - Pessoas nativas de Viçosa	- Pais separados - Cristãos - Nível médio de escolaridade	- 300,00
30 - Verônica	- Capital	- Ciências Agrárias	- 26 anos	- Universidade - DCE	- Se enturmou pouco com as pessoas do curso - Atualmente participa do movimento estudantil e do C.A.	- Movimento estudantil - C.A. - Bares	- Numa república	- Pouco contato com a vizinhança	- As meninas da república onde mora - Pessoas do curso que faz	- Pais separados - Mãe católica e com nível de escolaridade superior	- 800,00

4.1. A cidade de Viçosa vista do espaço: quem é “nativo” e quem é “de fora”

Em 1926, com a inauguração da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), pelo então presidente da república Arthur da Silva Bernardes, natural de Viçosa, a expansão do município passou a ficar atrelada ao processo de expansão da ESAV. Esta instituição é que foi responsável pelo dinamismo econômico da cidade, uma vez que o setor industrial não absorveu a força de trabalho da cidade.

Para Portugal (2009), o processo de federalização da instituição que aconteceu em 1969 e a presença de muitos professores e estudantes imigrantes, foi um importante fator para a formação na cidade, de uma classe de pessoas com um nível cultural mais elevado e com um poder aquisitivo maior do que o restante da população local.

Vista de cima, a cidade de Viçosa mostra uma clara segregação espacial. O processo histórico que transformou Viçosa, de uma cidade pequena e com atividades predominantemente agrárias, numa cidade universitária com aproximadamente 70.000 habitantes⁹, produziu também, através de relações de poder e distinção, uma segregação entre os diferentes grupos sociais (PORTUGAL, 2009).

Esta segregação¹⁰ se materializa no espaço fragmentado da cidade: nos condomínios fechados, na diferença de infraestrutura entre os bairros mais periféricos, onde está a população de mais baixa renda e os bairros mais centrais, próximos à Universidade. Essa distinção social se evidencia também na sociabilidade dos grupos “de fora da cidade” e dos “nativos”, na distinção dos espaços de sociabilidade dos moradores naturais do município e dos moradores que migraram para a cidade seja para trabalhar ou para estudar. Conforme apontou o estudo de Portugal (2009), até mesmo a UFV é vista como um lugar para “os de fora”.

⁹ De acordo com os dados do censo realizado pelo IBGE, no ano de 2010 a população de Viçosa era de 70.923 habitantes. Contudo é preciso somar a este número a população flutuante, formada por estudantes de graduação, pós-graduação, entre outros, o que tornaria a população superior a 80.000 habitantes. (Dados do site da PMV)

¹⁰ O conceito de segregação aqui proposto está ancorado nos debates de Negri (2008). Para o autor a segregação sócio-espacial é um fenômeno com diferentes facetas ligadas aos processos socioeconômicos de cada país e que pode se materializar em aspectos como raça, classe, sexo, entre outros. Contudo, no Brasil, os estudos estão demonstrando que a principal segregação é a socioeconômica, que acaba por produzir uma distribuição desigual das classes no espaço urbano. Ainda segundo Negri, com o controle de instrumentos como o Estado e o mercado imobiliário, as elites fazem do espaço urbano fragmentado, não apenas o reflexo das diferenças sociais, mas também o ambiente propício para o agravamento destas diferenças.

Esse estranhamento também foi perceptível entre os nossos entrevistados, na delimitação dos espaços e das sociabilidades constituídos. Uma de nossas entrevistadas, Carla, quando perguntada sobre o perfil das pessoas que frequentam as festas gays em Viçosa expõe o conflito que acontece quando os “nativos” frequentam uma festa que os universitários também frequentam.

Predominantemente, pelo que eu vejo, são pessoas jovens e da Universidade. Quando tinha a *Lotus* que era uma festa mais barata, o povo odiava por que ia muito “nativo” e muita bicha feia. Tinha um preconceito horrível contra a *Lotus*. (Carla, 19 anos)

Observa-se que existe uma divisão bem marcante entre a cidade de Viçosa, com seus moradores “nativos” e a cidade de Viçosa com os moradores de fora, estudantes ou professores universitários. Mesmo sendo uma cidade de médio porte¹¹, esta segregação chega a reduzir as possibilidades de sociabilidade no espaço urbano viçosense. Este fato ficou bem evidente na fala de Daniel, entrevistado que veio de uma cidade muito pequena, ao chegar à Viçosa, esperava encontrar uma cidade com mais possibilidades, mas que se viu reduzido ao grupo de pessoas do “mundo universitário”.

Viçosa, como cidade universitária, sendo maior do que minha cidade, eu pensei: Pronto, é onde eu vou poder ser eu sem dar satisfação, por que numa cidade pequena as relações são muito interpessoais, então você precisa dar satisfação, e como eu vim pra cá com 18 anos, novinho, você fica com muito medo de tudo isso. Eu achei que Viçosa ia romper com tudo isso, mas quando eu cheguei aqui eu notei que não era bem assim, por que é muito definido o que é Universidade e o que é cidade, então eu reparei que a Universidade era muito grande sim, mas que havia uma limitação, eu fiz até uma analogia que aqui era uma minicidade dentro de outra, onde todo mundo se conhece, as coisas rodam muito bem. No início isso me deu muito medo, não era o que estava esperando. Se você fizer faculdade numa cidade grande, você vai ter um grupo de amigos ali dentro, mas saberá que lá fora terão outras possibilidades. Aqui eu vi que estava reduzido a este grupo da Universidade o tempo todo, este grupo de socialização. Foi o que eu notei quando cheguei. (Daniel, 23 anos)

¹¹ Para Serra (1998), as cidades médias são aquelas que possuem população entre 100 mil e 500 mil habitantes. Contudo, autores como Sposito (2001) e Sanfeliu & Torne (2004) preferem classificar as cidades médias como aquelas com funções específicas no sistema urbano ou possuem o papel de articulação e formação de redes em escalas regional, nacional ou até mesmo internacional. (LIMA, M. C. Apontamentos para definições conceituais de cidades médias. Disponível em <<http://www.redbcm.com.br/arquivos/publicacoes/marcoscostalima%20conceitos.pdf>>. Acesso em 21 de maio de 2012.

Na fala de Daniel percebe-se ainda que, diferente do restante da cidade, dentro da “minicidade” que é o “mundo universitário”, as relações são bem pessoais, típicas de cidades pequenas, onde as pessoas se conhecem e, em um grau maior ou menor, sabem dos acontecimentos que envolvem a vida dos outros. Isso causou em Daniel um sentimento de frustração em relação à cidade e um medo de não conseguir viver sua sexualidade de forma mais anônima e sem vigilância social.

O contexto de Viçosa em muitos aspectos se aproxima do contexto estudado por Prado (1995)¹² que estudou os aspectos da personalidade que marcam as relações nas cidades pequenas. De acordo com ela, nas relações pessoas de contextos menores, é marcante a realidade humana das pessoas e os estreitos laços de amizade, além de uma vida onde não existem os efeitos que o anonimato produz, como a indiferença. Para Prado, a personalidade tem duas faces, uma que é a segurança e a satisfação em ter laços e conhecer todo mundo; e outra que é a insatisfação que vem da vigilância social e a impossibilidade de ser anônimo ou um “indivíduo”, sem estar impresso na identidade de cada um, as características como posição social, grupo e local de origem, entre outras. Este fato se evidencia na fala de César, estudante do curso de Economia Doméstica que se viu imerso numa realidade onde o curso que faz é desvalorizado e, portanto, os estudantes deste curso sofrem discriminação.

Faço um curso taxado de feminino. Economia Doméstica é um curso que 99% das pessoas que fazem são mulheres, então quando cheguei na sala só tinham três homens. Eu tinha um pouco de preconceito quando me perguntavam que curso eu fazia, por que se tornava uma coisa pejorativa. As pessoas têm grande preconceito com o curso por que é um curso desconhecido, numa área nova, que até mesmo nós que entramos no curso não temos noção de toda a dimensão que o curso abrange e é um curso difícil de se defender e as pessoas faziam bullying em cima disso, o que era uma coisa muito chata. Também pensei em desistir do curso por causa do excesso de mulheres, onde meu gênero é tão mal vindo. Até você se acostumar naquele ambiente, foi chato se adaptar, mas por eu já ter essa convivência com muitas mulheres em casa, consegui driblar. Agora gosto do meu curso. Desconsiderei essa grande quantidade de mulheres e agora tenho meu espaço lá. (César, 20 anos)

¹² Este estudo é uma adaptação de parte da dissertação de mestrado de Rosane M. Prado publicada em 1986, onde a autora estudou, durante 14 meses de trabalho de campo, as relações estabelecidas entre os moradores da pequena cidade de Cunha, no interior de São Paulo.

O estudo apontou que em Viçosa existe uma dupla realidade para os estudantes universitários. Por um lado, existe uma grande impessoalidade em relação ao restante dos moradores da cidade, que não fazem parte dos grupos de sociabilidades dos estudantes. O desconhecimento e a impessoalidade ficam evidentes, por exemplo, nas relações estabelecidas com a vizinhança: todos os entrevistados disseram não conhecer ou não ter contato com seus vizinhos ou conhecer e ter contato apenas com aqueles que, dentro da realidade da UFV, fazem parte dos seus círculos de amizade, colegas de curso ou conhecidos. Daniel, por exemplo, classificou sua vizinha como “*muda*”. Já Plínio até sabe quem são seus vizinhos, mas não tem nenhuma relação de sociabilidade com eles, exceto um estudante da UFV que faz mestrado.

Esses aspectos aproximam a sociabilidade vivida entre os “de fora de Viçosa” e os “nativos” à sociabilidade das grandes cidades. De acordo com Louis Wirth (1979), as grandes cidades constituem-se em um atrativo para todo tipo de pessoa de diversos lugares possíveis. Segundo ele, as relações sociais na cidade são marcadas pela fragmentação das relações e por contatos mais secundários, onde o superficialismo, o anonimato e o sentimento de emancipação fazem parte da vida social urbana e libertam as pessoas do sentimento de pessoalidade presente nas comunidades menores.

Contudo, por outro lado, no cotidiano dos universitários existe a possibilidade de construção de relações pessoais especialmente entre os estudantes. Entre os universitários homossexuais e em relação aos espaços sociais frequentados, os estudantes se conheciam, sabiam de onde os outros vinham ou que curso faziam, se moravam na cidade ou nos alojamentos e, muitas vezes, até a orientação sexual. A formação dos subgrupos e as aproximações dentro do “mundo universitário” acontecem em função das identidades e identificações, dos gostos, interesses e práticas comuns, aspectos que serão melhor analisados no item 4.3.

Porém, antes de procedermos às análises de como os “iguais” podem ser diferentes quando vistos de perto, analisaremos a identidade de “universitários”, como uma identidade maior, que os diferencia do restante dos moradores “nativos” da cidade de Viçosa e que contribuem para aprofundar os antagonismos e as relações de alteridade que se estabelecem entre os estudantes universitários e os “nativos”.

4.2. A Universidade Federal de Viçosa vista do espaço: os “ufevianos”

Em relação ao local de residência, dos trinta estudantes que compuseram a nossa amostra oito residiam nos alojamentos dentro do campus da UFV e vinte e dois nos bairros mais centrais, próximos à Universidade - espaço mais valorizado e objeto de profunda especulação imobiliária. Nesses locais, eles residiam sós ou compartilhavam suas residências com outros universitários, sejam eles *gays* ou não. A única exceção encontrada foi o caso de Denise, que morava em uma pensão. Muitas relações de amizade no grupo emergiram a partir do convívio desses espaços de residência, quer fossem repúblicas, alojamentos ou o convívio diário no curso.

No cotidiano, durante a semana, todos os entrevistados possuíam a UFV como uma referência para suas atividades acadêmicas obrigatórias (como as aulas) e as atividades optativas (a exemplo dos estágios, grupos de debate ou movimentos sociais). Nos fins de semana, a preferência do grupo era a sociabilidade dos bares, festas e casa de amigos. Isso fica evidente nas falas dos entrevistados, a exemplo dos depoimentos de Valquíria, Verônica e Tatiana:

“DCE barzinho, porão do Centro de Vivência, assessoria de movimentos sociais, barzinhos (Marcelo e Leão), a casa das minhas amigas”.

“No meu cotidiano, é o dia todo na universidade. Tenho aula, DCE, ABS (executiva do curso)”. (Verônica, 26 anos).

“Festas, barzinho, samba, receber amigos em casa e assistir filmes juntos. Nos fins de semana eu estudo, eu leio muito, assisto filmes e vou para os barzinhos, gosto muito do bar do Marcelo”. (Tatiana, 20 anos).

Os espaços de lazer frequentados pelos entrevistados nos fins de semana são basicamente os mesmos que os frequentados durante a semana: ou seja, a casa de amigos, o cinema, festas e shows no Galpão ou em sítios; se tratando de bares, é o Bar do Leão, Flor e Cultura, Bar do Marcelo, Bar do Teddies, Moreiras bar, barzinho do DCE (dentro do campus).

Na avaliação dos grupos que os entrevistados participavam, observamos que eles estavam – de alguma forma – relacionados à UFV, o que demonstra uma tendência dos estudantes de não se envolverem em grupos externos à Universidade ou formado por moradores “nativos” de Viçosa.

Num primeiro momento, ao se mudarem para Viçosa alguns entrevistados, tentaram transpor seus antigos espaços e grupos para a cidade. Esse foi o caso já mencionado de Daniel, que procurou o grupo espírita e de escoteiros para participar, mas percebeu que isso já não o satisfazia mais, pois vislumbrava outras coisas e outras amizades. Outros, como Luciana, Tomás, Marcelo e Jorge também frequentaram grupos religiosos quando chegaram a Viçosa. Segundo eles, isso se deu como uma tentativa de manterem aqui os referenciais anteriores relacionadas à antiga cidade e à família de origem, uma vez que nos seus locais de origem eles frequentavam estes grupos. Porém, com o passar do tempo foram fazendo amizades na universidade e frequentando grupos ligados ao curso ao qual estão vinculados ou outros grupos na UFV.

Para Wirth (1979), a vida na cidade enfraquece os laços de parentesco e o significado da família enquanto instituição que dita a moral e a vocação dos indivíduos que dela participam. Assim, a cidade oferece mais liberdade para seguir os próprios interesses vocacionais, religiosos, políticos, etc. Para o autor, a grande heterogeneidade das cidades provoca uma tendência à quebra de estruturas sociais mais rígidas e colocando em seu lugar a mobilidade e a insegurança, o indivíduo fica tão reduzido, que uma das saídas encontradas pelos habitantes da cidade é se organizar em grupos. A impotência dos habitantes urbanos frente à sua realidade complexa e frágil é convertida em organizações de indivíduos com interesses semelhantes e, devido à ineficácia dos laços familiares, criam-se “grupos fictícios de parentesco”.

Ter muita gente longe da família torna as pessoas acolhedoras. As pessoas da Universidade formam grupos muito fechados, mas são muito acolhedores, é meio família. Aqui em casa mesmo parece que somos casados, ainda mais por fazermos o mesmo curso. Aqui eu não tenho problema nenhum em relação à homossexualidade. (Ronaldo, 21 anos)

Entre os estudantes homossexuais estudados, as relações de amizade são referências importantes no grupo. Todos os entrevistados, sem exceção, possuem uma rede de amigos constituída entre os estudantes do mesmo curso ou de outros cursos, nas repúblicas, nos alojamentos, nos colegas participantes de projetos, grupos e movimentos sociais que participam dentro da UFV. Enfim, é uma rede de sociabilidade que se constrói entre os “ufevianos”. Valquíria, por exemplo, diz ter muitos amigos, de vários grupos diferentes, todos constituídos na UFV: *“Tenho muitos amigos. Cada um de*

grupo diferente. [...] Já viajei pra casa desses amigos e conheci a família dessas pessoas”. (Valquíria, 24 anos)

O que a pesquisa mostrou, foi que a constituição destas redes de amizade começa logo no momento da chegada à Viçosa ou até mesmo antes de se mudarem. Neste momento, os universitários se deparam inicialmente com os colegas de curso, onde se dão os primeiros contatos de amizade ou se é atraído pela possibilidade de estudo na universidade, a partir de contatos prévios existentes no local. Esse foi, por exemplo, o caso de Daniel que já tinha um amigo que morava em Viçosa e também alguns amigos dos seus irmãos. Mas foi no curso que ele fez um grupo de amizade.

Quando eu cheguei, no dia de matrícula, já fui conhecendo os veteranos, o pessoal foi bem receptivo, estava lá esperando, aí em você ir em tal lugar com a pessoa você já vai delimitando, já vai conhecendo outros lugares. (Denise, 17 anos)

Então, quando você chega, faz um grupo de amizade no curso. Eu fiz um grupo, mas não durou muito esse grupo de amizade por que acaba a lua de mel. Você descobre que a pessoa pensa diferente, só meninas do meu curso, então eu afastei, procurei novas amizades dentro do curso, e foi paralelo a isso que conheci uma menina da Dança. (Daniel, 23 anos)

Muitos estudantes já vêm para Viçosa com algum contato na Universidade. Este foi o caso de Vítor, que tinha uma amiga de infância da sua cidade natal que também estudava na UFV. Sara também já tinha a namorada que morava em Viçosa, o que facilitou as coisas para ela. No caso de Plínio, sua vinda se deu por intermédio do namorado de um amigo de sua cidade natal, que é professor da Universidade. A partir desses contatos iniciais, conhecer outras pessoas, formar uma rede a partir dos amigos de amigos, não é difícil, como mostram os depoimentos:

Quando eu cheguei aqui eu fiquei por causa da minha amiga. Eu escolhi vir pra Viçosa por que eu se eu passasse já teria alguém pra me dar uma mãozinha. Eu fiquei com ela de 15 a 20 dias. Depois conheci um rapaz que morava no alojamento, tinha uma vaga no quarto dele, sai de provisório e vim direito pro quarto. Eu fui me enturmando por ele, foi o que eu fiz amizade depois da minha amiga; eu e ela somos amigas de infância. (Vítor, 25 anos)

Meu amigo em disse: “Olha, meu namorado lá em Viçosa pode te ajudar”. Meu amigo contou a história pra o namorado dele, e ele me ligou dizendo que ia lá na minha cidade me buscar para morar com

ele. Foi uma decisão relâmpago. Achei que não ia aguentar nem um dia, achei que ia voltar na primeira semana. E estou aqui até hoje. (Plínio, 29 anos)

Eu não conhecia Viçosa e não queria vir pra cá, mas decidi vir e começar o contato com as pessoas daqui por internet e conheci o menino. Fui morar com um ele, que também era do curso de Ciências Sociais e que também é *gay*. Os amigos que tenho até hoje eu conheci através dele. (Ronaldo, 21 anos)

Quando eu cheguei em Viçosa e fiquei, não tinha tido experiência em um lugar totalmente novo, mas a Sabrina já estava aqui, então alguma coisa era familiar pra mim. Admito que foi um choque, mas pra mim foi mais tranquilo porque a Sabrina já estava aqui. Quando vim pra Viçosa, eu e a Sabrina já estávamos juntas a três anos. Nós duas somos muito caseira, mas a Sabrina mudou de curso e começou a fazer amizade e a trazê-los pra dentro de casa, foi ai que começamos a sair, mas bem de vez em quando. Vamos a bar, mas muito pouco. (Sara, 25 anos)

Se as relações de amizades são demarcadas pela identidade “ufeviana”, as relações afetivas amorosas também o são. Ou seja, as pessoas comprometidas num relacionamento amoroso, têm como parceiros, outros universitários. Nenhum dos doze *gays* e *lésbicas* entrevistados está num relacionamento com “nativos”. Além disso, nos raros momentos em que se verificou que universitários-*gays* e nativos-*gays* dividem o mesmo espaço, como nas festas-*gays*, o nativo é sempre visto de forma pejorativa e preconceituosa. Já foi demonstrado anteriormente, a partir da fala de Carla, a discriminação que acontece quando “nativos” frequentam os mesmos espaços (a exemplo da festa *gay*), em que há possibilidade de aproximação afetivo-sexual entre estes e universitários

Tudo isso demonstra que, mesmo sendo homossexuais, a identidade “ufeviana” é maior e mais englobante do que o fato de compartilharem uma identidade homossexual. Mesmo porque, em Viçosa, muitos destes homossexuais preferem viver no anonimato ou construir uma rede de sociabilidade que não inclua amigos *gays* nem morar em espaços com outros homossexuais. Daniel é um exemplo de pessoa que, apesar de morar com outros *gays*, prefere não manter amizades com homossexuais.

Aqui é um círculo muito fechado, todo mundo se conhece, todo *gay* te conhece e sei lá, rola muita picuinha, não gosto do tipo de relação que se mantém nesses grupos, então me afasto! Eu prefiro assim! Vou citar um exemplo. O menino que mora comigo tem um grupo de

amigos *gays* e nesse grupo o fulano já pegou fulano, que agora namora fulano que já pegou fulano... Então, como diria meu irmão, isso é coisa de lésbica. Lésbica é que consegue fazer isso, pegar a mãe e casar com a filha (risos). Eu não vislumbro isso, como depois você senta numa mesa e eu pego você, agora eu namoro você, o meu ex namora o seu ex. Eu não entendo isso! E por mais que fale, nossa amizade é maravilhosa, não é? Por exemplo, saio com um casal hétero e minhas amigas são todas héteros. Todas elas namoram. Aí eu saio e é uma relação muito saudável. Sai eu e meu namorado, elas e os namorados delas, eles brincam, todo mundo sabe. Tem aquela troca, tipo, tem uma amiga que namora um negão e aí rola umas brincadeiras como eu falar: ‘hoje vou sair com um negão’. É de boa mesmo! Eles dormem lá em casa. Chega num nível tão grande de intimidade que eles bebem e depois vem me agarrando e falando: ‘hoje vou ficar com você!’ E agarra mesmo! Começa a dançar e rebolar. Sabe, tem muito disso! Tem disso delas com os namorados das outras, falar que vai dormir com o namorado da outra. É muita brincadeira e muito respeito também. Nunca sofri preconceito na mão deles. É outro nível, por que não tem nenhum interesse por trás, não tem nenhuma armadilha, não tem nenhum falar mal depois. É uma amizade sincera. Eu prefiro. (Daniel, 23 anos)

Outros, como Plínio e Tomás, possuem amigos heterossexuais e homossexuais. Todos “ufevianos”.

Meus amigos são meio a meio, não tenho só amigos *gays* ou só amigos héteros. Tenho muito contatos, não amigos. Agora amigo em questão do pessoal e da proximidade, que faz diferença eu tenho uns cinco amigos *gays* ou lésbicas e dois héteros. (Plínio, 29 anos)

Amigos, eu tenho dois amigos do meu curso, a gente tem uma ligação maior, que é de ligar, perguntar o que fez, se preocupar. Tenho uma amiga muito próximo também, que é da nutrição. Meu grupo de amigos eram todos heterossexuais, pelo menos o que eu reconhecia, por que não havia me assumido ainda. Mas hoje eu tenho amigos de ambas as orientações. (Tomás, 20 anos)

A identidade “ufeviana” serve de início, como uma distinção entre as práticas e os espaços dos “nativos” e dos universitários. Todavia, segundo Fernandes e Costa (2007), a vida em cidade produz aproximações espaciais em escalas diversas, que vão desde escalas maiores até microterritorializações, por que a cidade é o espaço do encontro com o outro, o espaço da identificação e do conflito. Assim, se as trocas sociais são relativamente pacíficas, como no caso dos universitários, eles procuram refúgio no espaço urbano, uma vez que se identificam enquanto “iguais” e com isso, materializam

e protegem os valores que constituem suas identidades. Posteriormente, outro fenômeno acontece: os “iguais” então se microterritorializam e se diferenciam através de variados estilos de vida, como veremos adiante.

4.3. O cotidiano e suas práticas: de perto, nem todos são iguais

Vista de cima, a identidade de universitário perpassa por todos os entrevistados e entrevistadas. Sendo essa uma identidade que se solidifica na quase ausência de laços criados pelos estudantes da UFV com os moradores naturais de Viçosa ou ainda através de suas práticas sociais, que preferencialmente acontecem em espaços frequentados, por outros universitários. Contudo, é no cotidiano acadêmico, que essa identidade maior demonstra sua incapacidade de abarcar e explicar as práticas exercidas por tantos atores com tantas demandas, expectativas e *capitais* diferentes.

A partir deste ponto, tentaremos desvendar os grupos e microgrupos de estudantes homossexuais que se sobrepõem nesse espaço de sociabilidade que é a Universidade Federal de Viçosa. O diagrama a seguir é uma síntese do arranjo destes grupos, que serão debatidos separadamente. Inicialmente, as pessoas que pertencem a mais de um grupo não serão citadas nesta discussão. Estas pessoas e suas formas de sociabilidade apenas aparecerão quando formos discutir as intercessões, ou seja, quem transita por diversos grupos.

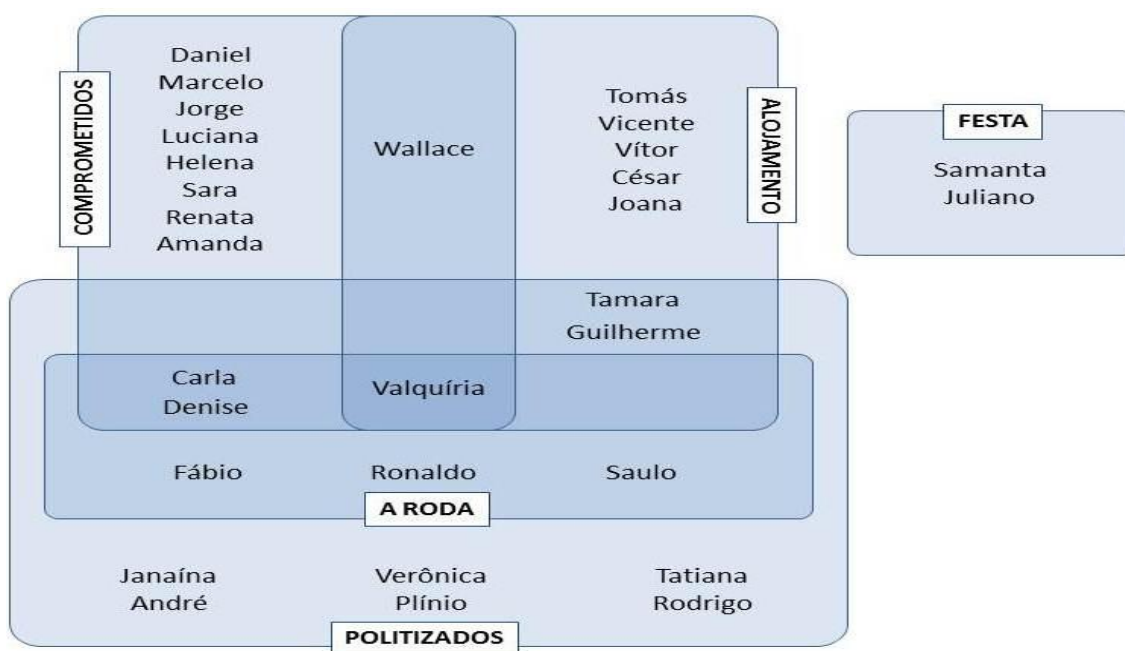


Figura 01: Grupos e microgrupos formados por estudantes homossexuais da UFV.

O Grupo dos “Comprometidos”

Durante a realização das entrevistas, ficou evidente que as pessoas que estão em um relacionamento amoroso duradouro possuem um cotidiano muito diferente das demais pessoas que não estão envolvidas num relacionamento. Mas não é só isso. Os grupos e espaços que frequentam e seus amigos também se diferenciam. Neste grupo estão incluídos oito dos trinta entrevistados. São eles: Daniel, Marcelo, Jorge, Luciana, Helena, Sara, Renata e Amanda.

O que mais chamou a atenção foi o cotidiano da maioria destas pessoas, que fica restrito a práticas mais “caseiras” como assistir novelas e filmes e passear com o cachorro. Segundo Sara,

tudo que a gente pode fazer na rua, a gente também pode fazer em casa, é mais seguro e barato (risos). É muito difícil a gente sair com os amigos. É umas duas vezes no período. Meu lazer é assistir filme e novelas. Somos muito caseiras, não temos uma vida agitada. Quando queremos fazer alguma coisa, fazemos aqui em casa. Meu lazer é muito com a minha namorada, assistimos novela, filmes, jogamos vídeo game juntas, passeamos com o cachorro. (Sara, 25 anos)

Quando fazem outros tipos de programas, os espaços que as pessoas deste grupo frequentam são geralmente barzinhos como o *Flor e Cultura*, o Bar do Leão, o Bar do Marcelo, restaurantes, casa de amigos e apresentações culturais que acontecem, normalmente na UFV. Na maioria das vezes, não gostam das festas gays de Viçosa e também não usam o *chat*¹³, pelo fato de já estarem comprometidos, por não gostarem desta ferramenta ou por não terem conhecimento dela. Sobre isto, Amanda disse:

Eu moro com minha namorada; desde que cheguei em Viçosa estou com ela. Meu cotidiano é de quem está casada. De tarde venho pra UFV, tenho estágio e à noite vou pra casa. [...] Quando queremos nos divertir, vamos para o *Flor e cultura* ou para o Leão. Para encontrar parceiros sexuais, eu nunca procurei, mas o que eu observei é que aqui não tem um lugar específico. O pessoal comenta do Leão, tem umas festas também de vez em quando, inclusive eu já fui umas três vezes, mas não tem um lugar aberto ao público GLS, não tem. É complicado. Joélcio: Você conhece o chat? Amanda: Não, nunca ouvi falar. Se eu fosse procurar seria um problema, por que eu não sabia desse negócio do *chat* e nem quero me envolver nesse lance de internet. Se eu fosse

¹³ O *Chat Terra* (Sala de Viçosa) e o Bate-papo UOL (Sala de Viçosa) são importantes espaços de sociabilidade para alguns homossexuais. Este assunto será mais bem trabalhado no próximo capítulo.

solteira iria pra umas festas, por que lá você sabe quem é *gay* também.
(Amanda, 25 anos)

Os laços de amizade que desenvolvem e os grupos que participam são geralmente com pessoas do curso, aos estágios ligados ao curso que fazem ou ao curso que o namorado ou a namorada faz ou ainda, amizades com pessoas da república, conforme evidenciam os depoimentos abaixo:

“(Meus amigos) são o pessoal da Universidade. Têm alguns amigos da minha namorada, que também são gente boa”. (Amanda, 25 anos)

*“através do meu namorado conheci um número maior de amigos, que eu não ligo que saibam de mim. Mas são todos basicamente héteros. De *gay* tem só o menino que mora com meu namorado”* (Jorge, 23 anos)

Nossos amigos são mais pessoas do estágio que o meu namorado faz. São dois casais de *gays* também; a gente reúne mais assim. Tem também uma menina hétero que mora com ele, mas a maioria é *gay*. Na Zootecnia tem muito *gay*, nós contamos umas quarenta pessoas (risos) de todos os anos da graduação e na pós-graduação. Esses peões são todos recatados, são os piores (risos). (Marcelo, 23 anos)

Observamos, igualmente, em relação às pessoas que participam, de forma exclusiva deste grupo que elas têm uma vida acadêmica muito ativa, sempre se tratando de participação em projetos ligados a área científica, não sendo, portanto, participação em movimentos sociais ou grupos políticos dentro da Universidade. Na fala de Renata: *“o meu cotidiano é só a UFV. De casa pra faculdade e da pra faculdade pra casa. O tempo na UFV com aulas e no departamento é muito maior que em casa”*. Marcelo assim descreveu suas atividades acadêmicas: *“basicamente vou pra Universidade cursar as disciplinas e vou para o experimento!”*.

O Grupo do “Alojamento”

Neste grupo estão cinco dos trinta entrevistados. São eles: Tomás, Vicente, Vítor, César e Joana. Três variáveis – renda, local de moradia e grupo de amigos – demarcam os contornos deste grupo.

As menores rendas mensais encontradas entre os entrevistados estão neste grupo (Variação de R\$ 200,00 a aproximadamente R\$ 600,00). Ter uma renda mais baixa é critério para que a Universidade conceda aos estudantes uma vaga nos alojamentos.

Uma vez lá, a rede de amizades que o estudante irá forjar tem no local de moradia um forte elemento agregador. Sendo essas redes frequentemente associadas às pessoas que moravam no mesmo apartamento, em outros apartamentos do mesmo prédio ou de outros prédios de alojamento da Universidade¹⁴, tal como evidenciam as falas abaixo:

Quando eu cheguei aqui tinha uma amiga que já morava no alojamento da Universidade. Eu escolhi vir pra cá por que eu já tinha alguém pra me dar uma mãozinha. Eu fiquei com ela uns dias. Depois conheci um rapaz, que morava no alojamento, tinha uma vaga no quarto dele, sai de provisório e vim direto pro apartamento. Joelcio: Quem são seus amigos? Vítor: Meus amigos são do meio GLS. A maioria dos meus amigos em Viçosa são do alojamento. (Vítor, 25 anos)

As pessoas mais carentes, que não têm onde ficar enquanto a Universidade analisa a documentação que comprova a carência ou não do estudante, acabam por ser alojadas em um lugar improvisado num porão do alojamento, apelidado pelos moradores de *Hilton*¹⁵. Assim, às vezes, já neste lugar inicia-se a construção de uma rede de amizade, como é o caso de César, que narra sua jornada no momento que chegou à Viçosa:

No começo minha rede social era só o pessoal do *Hilton*. (...) Acabei indo para o *Hilton* para provar que era carente e depois consegui aqui. As condições do *Hilton* são ruins, não tem condição nenhuma ali, é mofado, pouca higiene, muito apertado, sem privacidade, mas apesar disso, eu gostei de ficar lá por que era todo mundo diferente. Aprendi também o tanto que a gente era solidário, por que todo mundo era carente mas a gente sempre foi muito unido, por que as condições do *Hilton*, a princípio não dá pra ninguém ficar. Foi uma fase de aprendizado mesmo, de tudo novo. Tive que deixar um pouco de lado minha sexualidade, por que ali eu não era *gay* ou hétero, eu era um estudante universitário carente, como todo mundo que estava lá. (César, 20 anos)

Uma característica deste grupo é a solidariedade, como disse César nesta fala. Todas as pessoas deste grupo se conhecem, almoçam juntas no Restaurante Universitário, saem juntas, vão a festas juntas e, algumas, até se “pegam” de vez em quando.

¹⁴ São seis os prédios destinados aos alojamentos na UFV: Feminino, Velho, Novo, Novíssimo, Pós e Pozinho. Destes, os três primeiros são exclusivamente femininos e os três últimos exclusivamente masculinos.

¹⁵ Em referência ao Hotel Hilton, um dos hotéis mais caros e glamorosos de São Paulo onde já ficaram hospedadas pessoas consideradas importantes.

O Grupo dos “Politizados”

Este grupo é formado por Janaína, André, Verônica, Plínio, Tatiana e Rodrigo. O que caracteriza este grupo é o cotidiano das pessoas, os grupos que frequentam, os amigos, mas também o curso que fazem – quatro dos seis integrantes fazem cursos ligados à área das Ciências Humanas.

No cotidiano, estas pessoas vivenciam muito a Universidade, assim como as pessoas dos grupos anteriores. Contudo esta vivência é diferente. Ela está mais direcionada a espaços e movimentos políticos, como o movimento estudantil, o grupo de diversidade sexual, assessoria aos movimentos sociais e movimentos feministas.

Nos espaços frequentados busca-se estabelecer uma distinção – de forma contrastante – em relação ao grupo dos estudantes que têm no estilo *country*¹⁶, um modelo a ser seguido¹ Isso se verifica na oposição que se busca estabelecer pelo estilo de vida, padrão de consumo (festas, roupas), comportamentos e modo de vida relacionada ao grupo. Nesse contexto, busca-se estabelecer uma distinção entre o estilo de vida, frequentemente, associado aos estudantes das “Humanas” ao estilo, frequentemente, associado aos estudantes das áreas “Agrárias e Exatas”. Mesmo os estudantes vindos dessas áreas, mas que pertencem ao grupo dos “**Politizados**” buscam estabelecer um distanciamento entre si e “os outros”, os “diferentes”, como se observa no depoimento de André, abaixo:

Tem lugares que dá muito *Playboy* e muita gente que exala a heteronormatividade e tem lugares na Universidade que eu fico incomodado, principalmente os ambientes muito masculinos do meu curso. E tem lugares que o povo frequenta que é muito de agrárias, que dá uma galera que adora exalar o machismo. (André – Ciências Agrárias)

Eu tenho receio com a *Fazendinha*: ‘Bruto, rústico e sistemático’¹⁷, por causa do tipo de música que toca lá. Já vi o Dj colocar música lá muito machista. Esses espaços de festas de bebidas liberadas, eu acho

¹⁶ Isso se verifica tanto no padrão de consumo (festas, roupas) como na cultura de classe relacionada ao grupo.

¹⁷ O lema “Bruto, rústico e sistemático” pertence a um grupo de estudantes na Universidade (das Ciências Agrárias e Exatas) que valoriza algumas características da masculinidade. Este grupo chama-se “Calcinha nos Dentes”. Não é um grupo organizado, mas surgiu como um contraponto ao grupo “Primavera nos Dentes”, que desde 2008 promove debates, palestras e oficinas com a temática do respeito à diversidade sexual na UFV.

o povo muito machista. Os caras não respeitam as mulheres. (Tamara – Ciências Agrárias)

A visão de mundo e comportamentos machistas, sexistas e normatizadores frequentemente associados aos estudantes das Ciências Agrárias são, ao mesmo tempo, elementos que se colocam para diferenciá-los e distingui-los em relação aos demais.

Neste grupo, as amizades estão voltadas para pessoas que também participam de movimentos sociais e que compartilham ideias semelhantes. Segundo os entrevistados, o perfil das pessoas e dos lugares frequentados pelos integrantes deste grupo são mais “alternativos”, como disse Janaína e Rodrigo:

“As festas do *Primavera* que eu já fui e voltaria com certeza e no Tedies também, acho que são lugares e pessoas mais alternativas, “bicho grilo”. Tem o pessoal meio Rock, tem o pessoal do Samba e tem aqueles que vão em festas que o Primavera faz¹⁸”. (Janaína, 21 anos)

Eu convivo muito com as pessoas que moram comigo hoje, que uma é lésbica e outro é *gay*, os dois são do *Primavera* e as pessoas do movimento estudantil. São meus amigos hoje, que eu ando. Essa galera mais “bicho grilo” que o pessoal fala. Acho que eu estou mais perto dos “bicho grilo” do que dos gays. Uma vez no *Primavera* estávamos discutindo sobre isso e chegamos a conclusão que os *gays* de Viçosa olham pra gente e nos chamam de “bicho grilo *gay*”. Quando a gente passa eles dizem: a lá o *gay* bicho grilo, a *sapata* bicho grilo (risos). (Rodrigo, 24 anos)

Porém, dentro do grupo dos “**Politizados**” existem pessoas, que, devido às suas especificidades precisam ser colocadas em um subgrupo independente, o da “**Roda**”.

O subgrupo da “**Roda**”

Classificamos este subgrupo dentro do grupo dos “**Politizados**” em função das suas práticas estarem ligadas aos movimentos sociais e a um discurso mais político. Nesse contexto, os sujeitos participantes desse subgrupo estão mais envolvidos com os movimentos sociais e frequentarem espaços mais “politizados” ou então, possuem um discurso “político”.

¹⁸ Bicho-grilo é uma pessoa que procura não seguir os padrões de consumo e comportamento hegemônicos. É um estilo de vida não formal que se aproxima do movimento de contracultura *hippie*, que na década de 1960 ganhou muita força, principalmente nos EUA.

A tarde, ou eu estou estudando ou em alguma reunião. As reuniões são do grupo de Diversidade Sexual. Tem encontros semanais e reuniões de um grupo de estudo para a pesquisa de um professor sobre Antropologia; tem reunião pra chapa que nós estamos montando pra o C.A. E durante o dia, eu quase não fico em casa, tem muitas coisas pra fazer. Fico também no DCE pra conversar com o pessoal. Tenho esse grupo de amigos meu que a gente costuma se pegar com alguma frequência, mas é aleatório. Se a gente bebe na casa de um amigo, tem gente se pegando, mas não é nada intencional não, nem com muito interesse (risos). (Fábio, 20 anos)

Este subgrupo é formado por Fábio, Ronaldo e Saulo. Algumas características os diferenciam dos demais: são estudantes do curso de Ciências Sociais; moram com pessoas também do curso de Ciências Sociais e seus amigos, majoritariamente, pertencem a este curso. Como disse Fábio: “*Com meus colegas de curso passamos o dia inteiro quase junto, nós saímos bastante, somos amigos mesmo, tenho muita consideração*”.

O Grupo da “Festa”

Este grupo é composto por dois entrevistados, Samanta e Juliano. Eles são amigos, frequentam a casa um do outro e suas práticas não os localizam em nenhum dos grupos citados acima. Não são comprometidos, muito pelo contrário, prezam por uma vida com mais liberdade; não moram nos alojamentos, na verdade moram sozinhos na cidade; não são politizados, ao contrário, não se preocupam muito com causas políticas que lhes poderiam ser importantes; não são do curso de Ciências Sociais, são das Ciências Exatas. Além disso, possuem uma renda mensal relativamente alta (Juliano R\$ 1.000,00 e Samanta R\$ 1.100,00) se comparada com a de outros entrevistados.

Além dos pontos em comum apresentados acima, o que os diferenciam dos demais entrevistados é que eles adoram festas, como disseram:

Frequento pouco a UFV. Vou muito ao *Moreiras, Leão* e festas. Nos bares, o *Moreiras* a gente chama de *Mogayras*, por que tem sempre um *gay* ou outro lá, você pode passar que sempre tem um lá. Já usei muito o *chat* para encontrar outros *gays*. Às vezes eu entro ainda. Mas hoje é nas festas que encontro. (Juliano, 22 anos)

Meu pai sempre me prendeu muito. Então quando eu cheguei aqui, eu amei. Pude fazer o que eu quisesse. Festas o dia inteiro! Só ia para festas. Eu sou muito fácil de fazer amizade. Na minha fala, já fazia

amizade com todo mundo em festa. Basicamente foi nas festas que eu me enturmei. Não fiz nenhum tipo de curso na UFV que poderia me ajudar a me enturmar também. (Samanta, 24 anos)

Devido a isto, criamos um grupo específico para eles, o grupo da “**Festa**”, pois gastam a maior parte de suas rendas em festas; viajam para outras cidades em busca de festas e durante a semana, quando não estão na casa um do outro, estão em festas ou bares “*festejando*”.

Algumas Intercensões

Dentre os entrevistados, alguns realizam um trânsito maior por dois ou mais grupos, e com isso, suas práticas também são sobrepostas. Esse é o caso de Wallace, Carla, Denise, Tamara, Guilherme e Valquíria, sendo esta última, a que mais transita pelos diferentes grupos.

Wallace é “**Comprometido**” e, como tal, seu cotidiano está mais voltado para atividades acadêmicas e para programas com seu namorado. Além disso, compartilha muitos amigos com o namorado. Contudo, por ser do “**Alojamento**” e morar num apartamento com outros *gays*, acaba interagindo com os homossexuais deste grupo e também criando laços com estes.

Tamara e Guilherme são do “**Alojamento**” e acabaram criando uma rede de amigos e conhecidos lá. Principalmente Guilherme, que já participou da Comissão de Moradores dos Alojamentos. Porém, eles não estão restritos a este grupo; são também “**Politicados**”, militantes, participam do Movimento Estudantil e dos movimentos sociais; Tamara participa da Marcha Mundial das Mulheres. Enfim, seus amigos são também as pessoas dos movimentos que participam.

Carla e Denise por sua vez, estão no grupo dos “**Comprometidos**”, mas também estão dentro do grupo dos “**Politicados**”, mais especificamente dentro do microgrupo da “**Roda**”. Estar em grupos que possuem cotidianos, práticas e sociabilidades tão distintas não parece ser um problema para estas duas entrevistadas. É inclusive por uma fala de Carla, que o grupo da “**Roda**”, formado pelas pessoas das Ciências Sociais, foi assim nomeado.

Não gostamos muito dessas festas que dá muita patricinha, gostamos de espaços mais politizados. Pra encontrar parceiros sexuais é mais complicado por que vou às festas e pego meus amigos e amigas (risos), a gente se pega. É uma Babilônia, tem gente que você jurava que era *hétero* e quando você olha tá pegando alguém do mesmo sexo. É uma galera das (Ciências) Sociais que se pega muito e tem até um grupo chamado de “A roda”. (Carla, 19 anos)

Contudo, dentre todos os entrevistados, é Valquíria que transita pelo maior número de grupos e onde estão seus amigos. Ela chegou fazendo um curso, depois mudou para Ciências Sociais, se aproximou do Movimento Estudantil, do Movimento Feminista e ficou amiga de muitas pessoas do curso de Dança, porque sua namorada (Helena, que também foi entrevistada) mora numa república com estas pessoas e é na casa da namorada que ela passa uma boa parte do tempo livre. Segundo sua própria fala:

Tenho muitos amigos. Cada um de um grupo diferente. Tenho amigos da época do teatro, tenho amigos do grupo do forró, tenho amigos próximos do movimento estudantil, tenho amigas da dança, tenho amigos muito próximos que trabalhamos junto numa bolsa atividade. (Valquíria, 24 anos)

Ter proximidades com o grupo do “**Alojamento**”, por morar lá; com o grupo dos “**Politizados**”, por ser dos movimentos sociais; e com o microgrupo da “**Roda**”, por ser das Ciências Sociais; desenvolvendo com isso uma interação com pessoas com pensamentos, práticas e espaços tão distintos, não impede Valquíria de ter um cotidiano também ligado ao grupo dos “**Comprometidos**”, como observado na sua fala:

Helena e eu ficamos juntas o dia inteiro: acordamos juntas, vamos pra Universidade juntas, na hora do intervalo de uma aula ligamos uma pra outra pra se encontrar, almoçamos juntas. O meu estágio, eu marquei no mesmo horário que as aulas dela, pra gente ficar mais juntas. Sei que algumas pessoas irão pensar que é um grude, que é nojento (risos), mas eu gosto assim. (Valquíria, 24 anos).

O fato de algumas pessoas construírem sua sociabilidade transitando por grupos diferentes, como acabamos de ver nas “**intercessões**”, não significa dizer que as pessoas dos outros grupos delimitados e descritos acima, não desenvolvem relações com pessoas de fora dos grupos que pertencem. O propósito desta divisão em grupos foi apenas para traçar algumas tendências de comportamento e de sociabilidade dos *gays* e *lésbicas* “*ufevianos*”.

5. ESPAÇOS GAYS E LÉSBICOS EM VIÇOSA

A análise das entrevistas com os trinta estudantes homossexuais nos permitiu identificar os territórios formados por eles, a partir da vivência destes sujeitos tanto no campus da UFV como na cidade de Viçosa, MG, município no qual se insere a Universidade. Alguns destes territórios, a exemplo das repúblicas *gays* e dos apartamentos *gays* do alojamento foram relacionados como territórios fixos uma vez que têm fronteiras mais definidas e relações de poder delimitadas, como expressa Souza (2002) e Silva (2002).

Outros territórios foram avaliados como sendo territórios mais fluidos, uma vez que se constituem e se dissolvem com mais facilidade (nos termos de Souza, 1995), a exemplo das festas *gays* em Viçosa. Nesses territórios fluidos que se constituem, a ordem social é invertida e a lógica homossexual prevalece por um período curto: não duram mais do que o espaço de tempo de uma noite. Na fala de uma das entrevistadas, Tatiana, estudante do curso de Geografia “*os territórios gays de Viçosa mudam muito rápido, é tudo muito fluido*”.

De forma geral, o público frequentado por esses territórios é, majoritariamente, de homossexuais. No entanto, alguns espaços constituídos pelos homossexuais, podem se estabelecer com um público mais heterogêneo. Esse é o caso de alguns bares viçosenses, de muitas festas e de algumas repúblicas e apartamentos nos alojamentos onde moram e convivem tanto homossexuais como heterossexuais que são frequentados pelos homossexuais universitários, mas também são frequentados por outros sujeitos que não possuem uma identidade ou práticas homossexuais. A seguir apresentamos, de forma mais detalhada, o contexto em que esses territórios se estabelecem.

5.1. Espaços de tolerância e conflito em Viçosa

Em Viçosa não existem espaços comerciais, a exemplo dos bares, que sejam territórios exclusivamente homossexuais. Assim, os espaços comerciais encontrados são interativos e contam com a presença não só de homossexuais como de heterossexuais. De acordo com Saquet (2007), irá existir, inevitavelmente, conflitos nestes espaços onde diferentes grupos sociais convivem, uma vez que o conflito é inerente as relações sociais.

A tolerância dos heterossexuais para com os homossexuais varia muito entre os diferentes espaços viçosenses. Para se sentirem mais a vontade e evitar o conflito com os heterossexuais, os homossexuais tendem a formar grupos com pessoas com as mesmas orientações, agindo, frequentemente, com prudência para vivenciar publicamente o afeto pelo companheiro ou companheira, conforme evidencia a fala de Valquíria:

Nós costumamos sair com as pessoas que pensam na mesma direção que a gente, mais por proteção. Tínhamos um casal de amigas lésbicas e costumávamos sair juntas para ficarmos mais protegidas. As festas de movimento estudantil eu fico mais à vontade pra ficar com a Helena. Na primeira semana que a gente se conheceu, nós sentávamos no gramado do barzinho do DCE ou até mesmo em outros lugares e beijávamos ali mesmo. Hoje não é tão comum, porque já passamos por situação que deixou a gente com um pouco de medo. E a situação da Universidade mudou no sentido de assalto. E hoje, se alguém mexer com a gente e respondermos, pode acontecer alguma coisa meio ruim, então estamos preferindo evitar. (Valquíria, 24 anos)

Em pesquisa realizada por Bissaco (2009) junto aos estudantes homossexuais nos alojamentos masculinos da UFV, constatou-se que, em relação aos espaços de sociabilidade, a maior parte dos homossexuais entrevistados disse preferir os locais frequentados por outros homossexuais, pois, segundo eles, *“existe mais liberdade e mais segurança para poder namorar e se divertir nestes espaços”*. Assim, a expressão do afeto sem o medo de ser ofendido ou agredido acaba levando os homossexuais a preferir espaços alternativos, uma vez que os demais frequentadores são pessoas com problemas e anseios semelhantes.

Na atual pesquisa, a maioria afirmou não ter sofrido preconceitos ou violência em razão de sua opção sexual nos espaços de lazer, na UFV e na cidade de Viçosa onde frequenta. Nas palavras de Vicente, um dos entrevistados, *“em Viçosa existe uma maior abertura em relação à sexualidade, o que não quer dizer que se possa fazer o que quiser”*. Na sua compreensão, a Universidade é o fator interveniente nessa maior flexibilidade. Todavia, no grupo dos **“Politizados”** foi onde encontramos as maiores manifestações de insatisfações em relação aos espaços e situações vivenciadas pelos gays e lésbicas em Viçosa.

Para os homossexuais deste grupo, em alguns ambientes os *gays* e lésbicas não são bem vindos, principalmente os frequentados por estudantes dos cursos de Ciências Agrárias, como a "8 Segundos Country Fest" e a festa "Torresmo, cachaça e viola". Estabelecimentos e eventos voltados para pessoas de diferentes cursos podem expressar uma sociabilidade mais heterossexual ou homossexual.

Na fala de Plínio, abaixo, fica evidenciado que os cursos voltados para a área agrária e os estabelecimentos a eles associados têm uma sociabilidade mais heterossexual. Mesmo em se tratando dos alojamentos, eles também não são iguais, se diferenciando por alguns deles (a exemplo dos alojamentos próximos à Lagoa) estarem associados a uma sociabilidade mais heterossexual e inflexibilidade ou intolerância às sociabilidades homossexuais. Abaixo, estão algumas falas que corroboram esta ideia.

Eu não percorro todos os espaços da UFV, mas tem lugares que eu não entraria, tenho um pouco de receio. Tipo eu não entraria no prédio dos solos, departamento das engenharias, o "cuecão", tem um ar muito hétero, muito agrário, algo muito viril eu fico com o pé atrás, mas eu nunca fui lá pra ter certeza. Agora falando de algo que tenho experiência e bagagem é o alojamento. Ali você tem que sair olhando para os lados. Nos alojamentos perto da lagoa, sei que o preconceito lá é muito mais forte do que o Novíssimo. Nesses alojamentos você sempre pode esperar uma coisinha, mesmo que uma piadinha. Acho que o novíssimo é o mais *gay* dos alojamentos. (Plínio, grupo dos "politizados")

O alojamento, toda vez que chegamos perto dele a gente fala: "Vamos soltar as mãos, não me chame de amor" porque, por mais que achamos que o pessoal de lá entende o que a gente é, que a gente namora, nós procuramos não demonstrar. Homens não podem entrar no alojamento, por ser namorado, a gente tem medo de que ela também possa ser impedida de entrar, de ficar transitando por lá livremente, mesmo sendo menina. Não sabemos que tipo de preconceito isso pode gerar. (Valquíria. É uma intercessão, transita entre todos os grupos, exceto o grupo da "festa")

No entanto, mesmo com restrições, a universidade ainda se revela como o espaço que agrega espaços onde a sexualidade pode ser manifestada. A impossibilidade de expressar sua afetividade ou sua opção sexual em espaços públicos (especialmente àqueles relacionados à cidade, ao "lugar comum") leva os homossexuais a tentar restringir sua sociabilidade à vida na universidade, conforme avalia Valquíria:

Não me sinto muito à vontade nesses lugares tipo *shopping* e *Sabor & Cia* por ter um público diferente de mim. Nós ficamos muito limitadas à universidade, apesar de morar aqui há muito tempo. (Valquíria. É uma intercessão, transita entre todos os grupos, exceto o grupo da “festa”)

Na fala dos entrevistados, especialmente àqueles relacionados ao grupo dos alternativos, as festas também se revelaram, como sendo um território fluido que expressa uma sociabilidade diferenciada em relação à opção sexual dos seus frequentadores, conforme fala da Tatiane:

Eu não gosto de frequentar *Tiger*, *All time*, esses ambientes em que o pessoal vai depois das festas. Acho esses ambientes opressores. Os homens geralmente estão bêbados, então duas meninas juntas fica mais opressor ainda. As meninas são tratadas mais ainda como objetos. Eu não gosto de festas em que o ambiente é extremamente heterossexual, que tocam sertanejo, eu não gosto, são ambientes que me deixam muito oprimida e que não tem nada haver comigo. Mas são ambientes fluidos, não fixos. (Tatiana, grupo dos “politizados”)

No grupo dos “**Politizados**” quando se remetiam ao grupo dos heterossexuais as falas expressaram mais do que a contraposição a uma identidade sexual, mas a um estilo de vida (nos termos de Bourdieu). Busca-se contrapor a um modo de vida comum, marcado por um padrão de consumo exagerado e, especialmente relacionado ao consumo de produtos ligados a uma cultura de classe (a exemplo das festas, cujos temas, frequentemente, fazem alusão à exacerbação de aspectos da rusticidade, brutalidade e abuso do álcool). Nesse sentido, a construção das identidades nesse grupo não se daria somente pela contraposição à opção heterossexual, mas a um estilo de vida contrastante ao que se busca construir.

Quando queremos nos divertir, juntamos todo mundo e vamos pra algum lugar, não importa o lugar, pode ser qualquer lugar. Seja na casa de alguém, no bar da esquina, gostamos de ir em festa em sítio por que dá uma galera mais alternativa. **Não gostamos muito dessas festas que dá muita patricinha, gostamos de espaços mais alternativos.** Qualquer festa que dá muito hétero eu evito ir. Teve uma festa “Bruto, Rústico e Embriagado” que evitei passar perto pelo caráter machista da festa. Até o barzinho do DCE eu não curto ficar por causa dos papos que ouço lá. Eu não gosto de festa hétero. Tem homofobia em todos os espaços, mas depende também das pessoas que estão neles. (Carla, que pertence ao grupo dos “politizados”, “comprometidos” e subgrupo da “roda”)

Ser homossexual no grupo dos “**Politizados**” coloca-se como uma contraposição a valores e estilos de vida, gostos musicais, dentre outros, ligados a uma cultura de classe. Em contraposição a esses territórios, alguns espaços – principalmente o Barzinho DCE no *campus* e outros bares na cidade onde o estilo musical é mais “*alternativo*” e as pessoas que os frequentam também serem mais “*alternativas*” – mesmo não sendo exclusivamente territórios homossexuais, coloca-se a possibilidade de uma coexistência mais pacífica entre os diferentes frequentadores e, com isso, exercer a afetividade de uma forma mais aberta.

Na percepção dos entrevistados, quando frequentados por pessoas dos movimentos sociais, pessoas mais “*alternativas*” e “*com mente aberta*” os espaços tornam-se mais tolerantes. Em oposição a esses espaços, os espaços, relacionados a um estilo de vida tradicional são, recorrentemente, associados a um público “*machista*”, geralmente associado aos cursos das ciências agrárias e como mais opressores para os homossexuais.

Os bares que dá pra se utilizar. E eu frequento esses espaços por que as pessoas do movimento (estudantil, feminista e de diversidade sexual) frequentam esses espaços, o meu círculo de amizade, meus amigos próximos frequentam esses lugares. Eu me sinto mais liberta pra expressar minha sexualidade. O bar do Marcelo é um lugar tranquilo pra isso, quando eu namorava, eu beijava minha namorada tranquilamente no bar e isso nunca foi um problema. [...] O Teddies depende do dia, isso pode mudar de acordo com o dia, mas eu consigo beijar uma menina, depende da situação que ele se encontra, quinta feira quando ele está muito cheio não dá pra beijar nenhuma menina lá. Não dá pra beijar nenhuma menina na quinta, por que o gueto que eu faço parte não está presente na quinta feira, são pessoas de outros cursos. Os agro-boys e as meninas mais arrumadas eles estão quinta-feira no Teddies ou no Leão, por isso se torna um ambiente mais opressor. (Tatiana, grupo dos “politizados”)

A fala de Tatiana, acima, deixa claro que há ainda ambientes onde uma convivência pacífica vai depender da territorialidade que o espaço apresenta em diferentes momentos. A territorialidade é, nas palavras de Haesbaert (2005), um artefato do poder, ao mesmo tempo que é abstrato, media as relações sociais, a organização das pessoas e a posse dos lugares. As territorialidades possuem diversos níveis de intensidade, podendo ser mais abertas ou mais fechadas. Em alguns territórios com uma maior

multiplicidade de agentes, as territorializações são mais flexíveis ou multifuncionais, como grupos que constroem seus territórios multi-identitários.

No entanto, mesmo havendo alguns bares onde a tolerância é maior, as festas *gays* são os espaços de maior liberdade para os universitários homossexuais. Na fala de Carla: “*aqui (Viçosa) não tem bar para o público gay, então as pessoas vão para as festas buscar ‘pegação’*”. Sobre esses espaços, as festas *gays*, é que discutiremos a seguir, no nosso próximo tópico.

5.2. Quando tem festa

As festas *gays* de Viçosa possuem duas características bem marcantes. Primeiro, o fato de serem consideradas um grande sucesso entre o público homossexual, e outra porque são territórios extremamente fluidos. O sucesso pode ser explicado em função de haverem poucas opções de espaços voltados exclusivamente para os homossexuais em Viçosa. Assim, quando acontece um destes eventos, elas representam a possibilidade de frequentar um espaço com tolerância, liberdade e de encontro com muitas pessoas que compartilham o mesmo interesse afetivo-sexual, conforme expressam as falas dos nossos entrevistados, abaixo:

Eu acho que as festas *gays* proporcionam liberdade de expressão. Festa *gay* é um ambiente que dá pra você conhecer pessoas novas e parceiros e parceiras. (Tatiana, 20 anos)

Eu não sei chegar muito nas pessoas, aí eu ia nas festas tipo as festas *gays*, a “4 her”, uma festa lésbica, e não pegava ninguém por que tinha vergonha de chegar nas meninas, mas eu ia por que era o único lugar que eu tinha certeza que encontraria sapatão. Você não vai chegar num barzinho e cantar uma menina. Se fizer isso aqui em Viçosa, você vai sofrer homofobia. Você coloca cartaz de visibilidade lésbica aqui na Universidade e o povo já rasga. Então, o lugar de encontrar *gay* e sapatão aqui é em festa *gay*. Meus amigos ficavam até contando o dia pra ter festa *gay*. Compravam até roupa nova pra ir e sair do zero a zero. (Carla, 19 anos)

Gosto de festa *gay* por que eu gosto de música pop, gosto de dançar, gosto de beber. Iria na festa *gay* independente de estar afim de pegar alguém ou não. Acho que festa sempre tem aquele ar de curtição, independente de pegar alguém naquela noite ou não. A festa você vai e pode rolar alguma coisa de forma natural. (Rodrigo, 24 anos)

Sobre o público frequentador destas, as falas relacionaram, sobretudo, os estudantes gays, mas podendo ser encontrado também estudantes heterossexuais. Para Tamara, “o perfil das pessoas que frequenta as festas gays é de estudantes de Viçosa. Nas festas gays é bem variado, a maioria é gay, pessoas que gostam de música eletrônica”. Para Juliano, “nas festas gays a maioria é sempre gay, raramente você vê um que é hétero”. Plínio disse que “tem muitos héteros em festas gays. Só não dá travesti, por que em Viçosa não tem”. A figura 02 mostra diferentes cartazes de propaganda de festas gays comerciais em Viçosa.



Figura 02: Três diferentes cartazes de festas direcionadas ao público homossexual em Viçosa. *Joker*, *Lotus* e *4her*.

No entanto, no grupo entrevistado observamos que estas festas – que têm um caráter de maior comercialização e produção – são vistas com certo distanciamento pelo grupo dos “**Politizados**”. Esse rechaço é justificado por eles, em função do caráter comercial que esses eventos adquiriram. Na nossa amostra encontramos três estudantes (Fábio, César e Joana) que apesar de já haverem frequentado essas festas, atualmente têm buscado outros ambientes sociais alternativos em função do preço cobrado nessas ocasiões e de rechaçarem o fato de que esses ambientes haverem se tornado um negocio lucrativo e

comercial. Além disso, a expectativa é por um público “*novo*”, o que acaba não acontecendo em função de ser sempre o mesmo público a frequentar as festas:

Sempre gostei de festa muito alternativa, mas hoje estou mais quieto. Em festas *gays* em Viçosa eu fui em poucas. Não sou muito disso, até por que fiquei muito tempo no armário. Vou em lugares que eu gosto, com o tipo de música que eu gosto. Gosto de um ambiente em que eu vá me sentir a vontade. (André, 22 anos)

Nós costumamos ir em festas *gays* também, mas em Viçosa não tem muita festa *gay* e quando tem é muito caro. Nessas festas são sempre as mesmas pessoas e isso é cansativo. (Fábio, 20 anos)

Vou nas festas *gays*, mas não tem um lugar definido, costuma ser em sítios. Eu não vou bastante por que elas são caras, então tenho que ver o orçamento. Quando o orçamento permite ou prefiro passar fome para ir em festa, aí vou nas festas *gays* e arrumo alguém. (César, 20 anos)

Frequento as festas *gays* de Viçosa, mas antes frequentava muito mais, acho que esse período só fui na festa que teve antes da parada. O pessoal tá reclamando muito das festas GLS aqui de Viçosa por que estava cobrando muito caro e as vezes não era aquilo tudo, nem tinha bebida liberada. A festa que eu fui era R\$ 25,00 sem bebida liberada. Acho que as festas GLS aqui de Viçosa estão muito focadas em ganhar lucro. Acho que as festas desse tipo não são só pra ganhar lucro, a galera é estudante e não tem tanto dinheiro assim. (Joana, 20 anos)

De uma forma geral, o único grupo que vai pouco às festas *gays* é o grupo dos “**Comprometidos**”. Todos os outros, em grau maior ou menor, frequentam as festas *gays* mais comerciais, que ganham uma grande publicização (vide cartazes divulgados na Figura 02, acima), ou as festas que o grupo dos “**Politizados**” organiza que não necessariamente são direcionadas para o público homossexual, mas que acabam se tornando espaços de muita tolerância. Nestas últimas, o público costuma ser mais “*alternativo*” e acontecem, com frequência, no porão do prédio do Centro de Vivência no campus da UFV.

Além dessas festas que têm no segmento homossexual o público alvo, uma festa com foco mais específico foi relacionada pelo subgrupo da “**Roda**”, formado pelas pessoas do curso de Ciências Sociais. Esse evento foi caracterizado pelo grupo pela diversidade das identidades sexuais do público relacionado a elas. Nas falas também ficou expressa

a preocupação em não demarcação de uma identidade homossexual, mesmo quando existe a prática homossexual:

O pessoal que eu sou mais próximo é um pessoal mais de boa, aberto, que não tem preconceito, como nas festas lá do Porão, que são festas hétero, mas que homem fica com homem, mulher com mulher, na hora do beijo todo mundo beija todo mundo. É um pessoal que tem uma visão um pouquinho diferente, tipo os homens héteros que beijam outros homens e acham isso uma forma de carinho, sem conexão sexual. Conheço muita gente que tem relacionamento aberto, nas festas sempre tem rodinha do beijo. (Guilherme, 20 anos)

As festas das Ciências Sociais são meio GLS, mas não são, entendeu? (risos). Tem uma grande diversidade sexual. As festas não são com essa temática, mas tem um grande público GLS. Frequentava esses espaços por que era lá que estavam os meus amigos e as pessoas que eu tinha me aproximado. São pessoas libertinosas (risos). Nem todas, mas a maioria das pessoas são despidas de preconceito. (Denise, 17 anos)

As festas “alternativas” se caracterizam também pelo caráter não comercial dos eventos. Estes, inicialmente, não foram pensados ou dirigidos para o público homossexual. Outro ponto relevante que pode ser abordado é o caráter fluido da sexualidade de muitos estudantes, principalmente aqueles com um estilo de vida mais “alternativo”.

É uma galera da humanas, sempre. Nas festas no porão, vai gente mais dos movimentos sociais. Você vai ver sempre as mesmas pessoas. (Ronaldo, 21 anos)

Tem as festinhas mais populares que os *gays* vão que são as festas do Porão. **No Porão é mais popular por que a gente não paga para ir, é na Universidade, é perto, agora a gente ocupou lá, é um faroeste.** A desvantagem é que a festa lá não é nossa, mas a gente chega caracterizando, chega em massa e domina. **A festa não era gay, mas virou (risos) por que nossa presença apaga as outras.** Também dá muito bicho grilo lá, mas tem muito bicho grilo que é bissexual. (César, 20 anos)

Como evidenciaram os dados, estes territórios também são flexíveis, fluidos e podem mudar drasticamente no tempo e no espaço de acordo com especificidades e anseios do grupo que está, mesmo que temporariamente, se apropriando do mesmo. Um exemplo disso é que os mesmos espaços que são utilizados pelo público *gay* para promover suas festas, também são utilizados pelos heterossexuais e outros atores sociais, só que em outros momentos. Sobre tal aspecto, Souza (1995), diz que alguns territórios podem

“formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido”, serem instáveis e possuírem uma existência apenas periódica ou, por alguns momentos. Além disso, o substrato espacial pode permanecer o mesmo. Assim, a construção de um território *gay* durante a realização de uma festa, não impede que toda a vizinhança e a ordem heteronormativa que o circunda, permaneça a mesma.

5.3. As repúblicas *gays* em Viçosa e os apartamentos *gays* nos alojamentos da UFV

Dos trinta entrevistados, dezenove moram em repúblicas *gays* na cidade de Viçosa. Os homossexuais do grupo da “**Roda**” tiveram na identidade homossexual e na identidade dada pelo curso de Ciências Sociais elementos agregadores que os levaram a morarem juntos, a partir da constituição de repúblicas. Além destas, o grupo associou outras repúblicas *gays* na cidade como também promotoras de festas *gays*. As mais lembradas nas entrevistas foram às festas nas repúblicas do *Flat Center*, prédio localizado no centro da cidade.

Na pesquisa de Bissaco (2009) a identidade *gay* era um elemento que levava os estudantes a se agregarem. À época o estudo apontou dois apartamentos no alojamento “Novíssimo” da UFV que se constituíam em territórios *gays*, cuja lógica interna e regras eram orientadas pelos homossexuais residentes. Constatou-se também que o principal motivo para estes sujeitos irem morar num apartamento com outros *gays* era o sentimento de proteção e companheirismo que ali poderiam encontrar, mesmo podendo sofrer algum tipo de retaliação por parte de outros moradores vizinhos.

Na minha atual pesquisa, entrevistei outros moradores destes apartamentos, que continuam sendo ocupados por estudantes homossexuais. A dificuldade deles serem aceitos pelo restante da comunidade universitária, por residirem num apartamento declaradamente homossexual, também continuaram. A fala de César, morador de um dos apartamentos é reveladora disso: “*tem só um pessoal aqui do lado que tenta ofender a gente, mas nós não consideramos*”. Ainda segundo ele:

Consegui entrar num quarto também sabendo que era um quarto homossexual. A princípio eu não queria. Queria ir para um quarto hétero, aprender a viver com hétero, mas nas entrevistas eu estava com dificuldade de achar quarto, eu precisava logo, não conseguia mais ficar naquelas condições precárias do *Hilton*, aí eu acabei procurando vaga aqui nesse quarto e no outro aqui do alojamento que

também é *gay* pra ter mais chance. [...] O Pós é homofóbico. Lá os gays são obrigados a se esconderem. Lá eles não podem se assumir, levantar, pegar a bandeira por que lá eles são recriminados. Eu tive amigo *gay* que saiu de lá por lá ser homofóbico. [...] No momento que fui aceito nesse quarto, fui aceito em dois outros quartos héteros também, aí eu pude escolher, aí eu já pensei em qual eu me sentiria mais a vontade e em qual eu teria uma qualidade de vida melhor. [...] Descobri que embora tivesse pouco quarto *gay* aqui, a gente estava circundado de homossexuais. (César, 20 anos)

Este relato mostra ainda outro problema enfrentado pelos homossexuais nos alojamentos. Para ser aceito em um apartamento é necessário, na maioria das vezes se submeter a uma entrevista com os veteranos antes de os calouros terem garantida a sua “admissão”. Nesta entrevista o candidato à vaga é questionado sobre sua sexualidade. Ai se cria um impasse, porque se se falar a verdade, acaba-se não sendo aceito, e se se omitir a verdade, tem-se que arcar com as consequências, que neste caso é uma vida “dentro do armário”. Este foi o caso de Tomás, que mora no alojamento Pós e precisou omitir sua sexualidade para ser aceito.

Estas entrevistas são mais comuns nos alojamentos Pós e Posinho. Sendo assim, se um homossexual objetivar entrar num apartamento destes dois prédios de alojamentos, seria, em tese, necessário que ele mentisse e, por consequência, negasse sua orientação sexual. A pressão social feita pelos heterossexuais nos alojamentos se faz perceber em demasia, o que poderia explicar o fato de que, dos sete moradores de alojamento na UFV que participaram da pesquisa, apenas um (Tomás) não ser do Novíssimo. Se assumir enquanto homossexual pode resultar numa expulsão do apartamento. Esta opressão realizada pelos heterossexuais é o que Bourdieu (1995) discute como forças da estrutura social na “normalidade” da vivência coletiva.

Contudo, para aqueles que assumiram sua identidade sem problemas, o único lugar mais tolerante é o Novíssimo, onde existem apartamentos gays e a aplicação de entrevista não é uma regra. Os moradores homossexuais deste alojamento são amigos entre si, saem juntos, vão a festas juntos e muitos até “se pegam”. Por isso, constituem o grupo do “**Alojamento**”, já descrito anteriormente.

A gente foi se juntando, se descobrindo, se conhecendo e agora eu só ando, na maior parte do tempo com os homossexuais daqui, que é minha rede fixa de amigos mesmo, que eu posso contar todas as coisas, a gente se apoia bastante. (César, 20 anos)

Esses aspectos reforçam o que Santos (2007) apontou: de que a identidade se fortalece no grupo. Segundo esse autor, os sujeitos buscam afirmação de si e de sua identidade, além da construção de diálogo e sociabilidade através das experiências cotidianas que se apresentam em grande variedade, e que dependem de fatores como a classe social, escolaridade, entre outros.

Em relação aos demais alojamentos (Velho e Feminino), não houve nenhuma outra menção dos entrevistados de outro apartamento ocupado, de forma exclusiva, por homossexuais. No passado, segundo os relatos havia um apartamento no alojamento Velho que era de formação lésbica, mas foi se desfazendo e hoje moram duas lésbicas e duas heterossexuais. Não encontramos nas entrevistas indícios para esta quase ausência de quartos com moradoras exclusivamente lésbicas nos alojamentos.

As figuras 03 e 04 abaixo localizam alguns espaços na cidade de Viçosa e no *campus* da UFV que são frequentados pelos homossexuais universitários. Contudo, estes não são os únicos. Os territórios mais fluidos, como as festas que acontecem em alguns sítios nos arredores da cidade, como na Chácara das Palmeiras, não estão presentes. As repúblicas também não estão referenciadas, exceto as que estão no *Flat Center*.



Figura 03: Alguns espaços frequentados por *gays* e lésbicas na cidade de Viçosa.

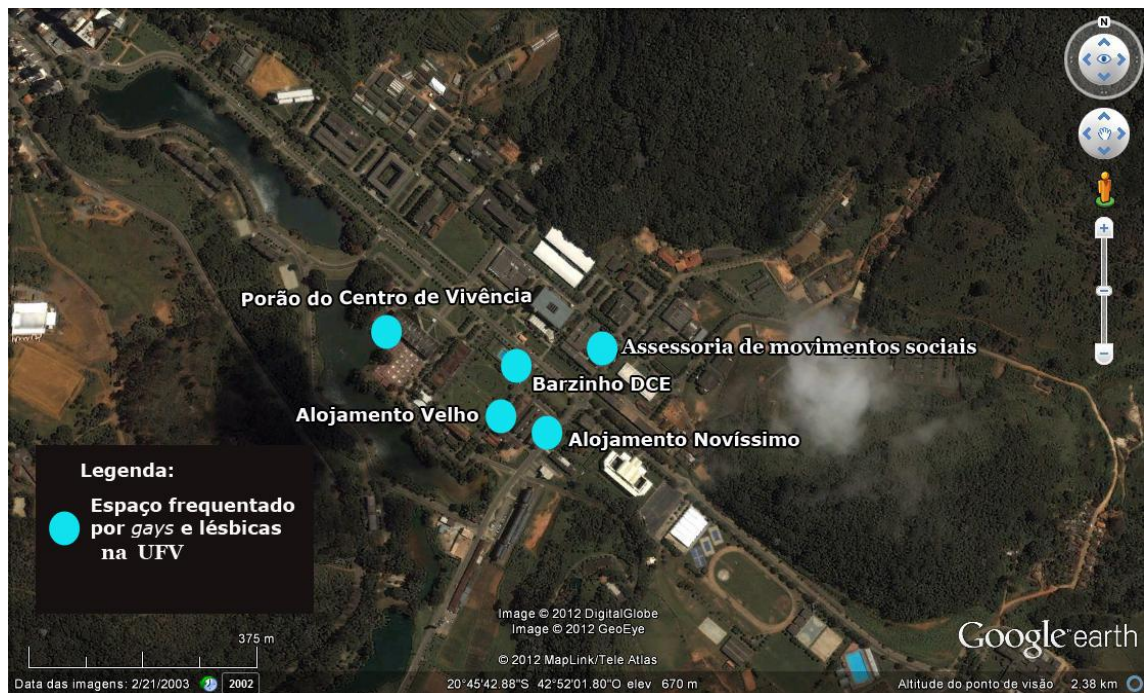


Figura 04: Alguns espaços frequentados por gays e lésbicas no *campus* da UFV.

5.4. Vamos entrar no *chat*

Um importante meio de sociabilidade entre homossexuais é a *internet*. De acordo com Vieira (2010) o mundo virtual é um importante espaço para a construção das redes informais entre os homossexuais por permitir o anonimato, mas não só isso. É lá que existe a possibilidade do encontro e do diálogo, constituindo-se numa forma de escapar da vigilância e dos perigos de uma exposição real.

Em Viçosa, a *internet* é também uma importante ferramenta de sociabilidade para os homossexuais, e o motivo disso, segundo Miskolci (2009), é que até mesmo em cidades menores, onde antes não havia territórios *gays*, (ou, mesmo se houvesse), as pessoas não estavam dispostas a frequentá-los, em função do receio que tinham da vigilância social existentes nessas comunidades menores. Nesses contextos, a *internet* veio para romper com esta barreira e espalhar este “código território” que antes era muito comum apenas em cidades maiores.

Algumas redes sociais como o *Leskut* e o *Facebook* são utilizadas atualmente como formas de se conhecer outros homossexuais pelos estudantes universitários. No entanto, nada se compara à importância que tem os sites locais de relacionamentos, como o *chat* Terra (sala de Viçosa) e o Bate-papo UOL (sala de Viçosa). Funciona assim: você entra

com um *Nick* (pseudônimo ou apelido) e então pode conversar com qualquer pessoa que também esteja na mesma sala de bate-papo. Qualquer pessoa pode entrar – o que explica a grande variedade de *Nicks*, que expressam claramente as reais e as mais variadas intenções dos que ali estão e o que procuram. As figuras 05 e 06 mostram a página da cidade de Viçosa nestes dois *websites*.

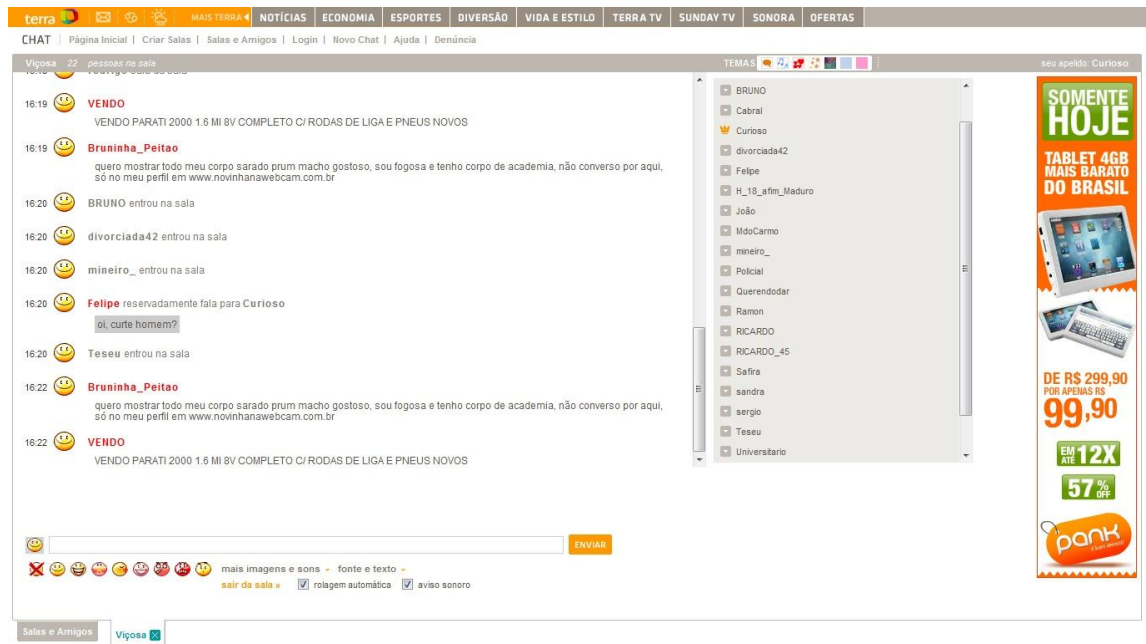


Figura 05: Página inicial do *Chat Terra*. Acesso em 09 de mar. De 2012.



Figura 06: Página inicial do *Bate-papo UOL*. Acesso em 09 de mar. De 2012.

Dentre os trinta entrevistados nesta pesquisa, oito deles (todos do sexo masculino), disseram utilizar ou já ter utilizado o *chat* para conhecer pessoas ou encontrar parceiros sexuais. Inclusive, para Tomás e Jorge, esta foi a forma que encontraram, quando chegaram à Viçosa de se inserirem no universo homossexual. Para Tomás, que veio do interior, de uma família muito católica e conservadora, a dificuldade de “sair do armário”, a necessidade do anonimato e o medo da rejeição social o fizeram buscar nesse território um espaço de encontro dos seus parceiros, conforme evidencia a sua fala, abaixo:

A questão de encontrar parceiros sexuais, isso é complicado, porque era uma página fechada na minha vida, era difícil de conviver com isso, porque não tinha assumido pra mim mesmo. Hoje uma das formas que eu descobri para encontrar parceiros sexuais é o *chat* da cidade de Viçosa, que as pessoas vão com a finalidade de se conhecer e se encontrar, eu procurei o chat porque é um ambiente onde sua identidade está protegida, você está ali e pode manter um anonimato. Por mais que eu tenha me assumido para mim mesmo, para a sociedade eu ainda continuo "dentro do armário", e no *chat* dá a segurança de as pessoas não ficarem sabendo. (...) Eu acho que é uma insegurança comum de uma pessoa jovem ainda, que está conhecendo a sua realidade agora, que está se assumindo agora. Preocupação com sua vida profissional, porque é inegável que a sociedade ainda continua muito conservadora e que talvez a abertura de dizer sua orientação claramente pode fazer com que as pessoas se afastem um pouco, ou de fazer você perder a credibilidade da sociedade. Por mais que seja preconceito da própria pessoa que está na situação. Então prefiro manter um pouco mais de discrição a respeito disso. Eu ainda estou até questionando, se fica em aberto mesmo a minha orientação sexual para a sociedade, uma coisa tão íntima. Talvez, as pessoas mais próximas precisem saber. (Tomás, 20 anos)

No caso de Jorge, que pertencia a um grupo social muito ligado a uma igreja evangélica e vindo de uma família muito religiosa e que não aceita a homossexualidade, o *chat* também foi a saída que encontrou para conhecer outras pessoas mantendo o anonimato.

Como eu não tinha um grupo e não tinha amigos *gays*, e todo mundo tem necessidade de encontrar alguém, então achei o *chat*. Aqui em Viçosa, era o ponto que eu tinha. Ali alguém só conhece você no momento que você quer que te conheça. Entrei pra conversar com o pessoal. No início nem queria encontrar parceiros sexuais, mas amigos, formar um círculo que eu não tinha, pra falar coisas que não podia falar com o pessoal da república nem da igreja. (...) Tem *gay* lá (no *chat*) na mesma situação que eu que ninguém podia saber, morria de medo. (Jorge, 23 anos)

Para Miskolci (2009), a *internet* abriu esta possibilidade da criação de redes de sociabilidades entre iguais e o rompimento da solidão de indivíduos que viviam isolados socialmente e “aprisionados no armário” devido à sua orientação sexual. Contudo, o fato de expressar sua identidade em territórios virtuais “limpos”, longe do estigma da homossexualidade, não faz com que exista uma separação total entre vida *on-line* e *off-line*, uma vez que alguns encontros virtuais podem se concretizar materialmente.

Confirmando esta alternativa de não deixar só no mundo *on-line* a expressão da homossexualidade, Daniel, que apesar de ter demorado para se adaptar a esta forma de sociabilidade, acabou por fazer do *chat* um aliado na busca (e encontros) de parceiros. Aliás, foi ai que conseguiu encontrar o atual namorado (que é o Jorge).

Antes de arrumar este namorado, quando queria ficar com alguém, minha amiga arranjava pra mim, entendeu!?, Depois comecei a entrar no *chat* Terra e UOL, onde conheci meu atual namorado. Eu era muito sincero, dava papo pra todo mundo, mostrava minha cara na *web cam* e o cara já mostrava tudo lá. Custei pegar a malícia. As pessoas que eu ficava normalmente conhecia lá. As pessoas tem muito medo de se mostrar no chat, não pode falar o nome, nada. Eu falava meu nome, o curso que fazia. (Daniel, 23 anos)

As falas revelam um ritual de aproximação entre os frequentadores do *chat*. Primeiro é preciso “puxar” papo com alguém, ir conversando, ver se há afinidade, para depois ir para o MSN onde é concretizada a aproximação com a exibição de uma foto ou ligando a *web cam*, onde o rosto ou o corpo é mostrado sem maiores pudores. Mas, para falar nome, o que faz, onde mora é preciso “ganhar-se confiança”, sendo esse um processo que pode ser bastante demorado. Tudo para manter o anonimato.

Apesar da relativa facilidade em se constituir um parceiro sexual por meio dos chats da internet, ser morador de alojamento pode se constituir um entrave a mais entre o segmento dos universitários *gays*. César, 20 anos, por exemplo, descreve com bastante clareza a dificuldade que um morador de alojamento tem para marcar encontros. Isso, por causa da falta de recursos financeiros para pagarem os custos de um quarto em um hotel e/ou motel e da falta de privacidade, pois muitas pessoas dividem o mesmo apartamento e o mesmo quarto. Nesses casos, preponderam as situações improvisadas, os encontros fortuitos e, até mesmo, clandestinos nos prédios da instituição:

Lá na minha cidade não dava para usar o *chat*, mas aqui em Viçosa tem gente no chat, as pessoas são informatizadas, tem tecnologia em casa, então o chat é um bom meio, por que você entra no *chat*, vai pro MSN e lá você marca se quiser ou não. Às vezes, quando não tem ninguém aqui em casa eu chamo pra cá quando marco no MSN ou vou pra casa da pessoa, ou então marcamos nas “quebradas” (risos), é um escuro onde tem privacidade e onde você tem coragem de fazer alguma coisa. Se o cara que eu conheci no vôlei, no chat ou em outro lugar puder, vamos pra casa dele, porque moro no alojamento. Caso ele não possa, é eu ter sorte de não ter ninguém aqui em casa e eu possa trazer ele pra cá. Se não der nenhuma dessas opções, aí tem que ser num terceiro lugar. E como as condições financeiras não permitem, tem que ser atrás de prédio, em qualquer lugar escondido, indecoroso. Tem o porteiro do alojamento que ele sabe, ele sempre me vê saindo e chegando. Se eu for fazer sexo, o porteiro do alojamento tá lá e vai me ver chegando e saindo, não tem como fugir dele. Já que você quer saber a *reality* (risos), como moro no alojamento, a gente vai para os prédios da Universidade mesmo. Tem uns meninos que tem a chave dos laboratórios. Aí a gente finge que vai fazer alguma coisa profissional e acadêmica lá e rola mais coisa (risos, risos). Pelo menos não estou fazendo exposição da figura pra ninguém e não cometendo nenhum crime à moral e aos bons costumes; e estou a vontade né! (risos). (César, 20 anos)

Não foi um consenso entre os entrevistados que usam o *chat*, a forma como percebiam os interesses dos frequentadores destes espaços e as possibilidades que dali podem surgir. As falas oscilaram entre aqueles que acreditavam que as relações surgidas a partir daí poderiam ser duradouras e estáveis e aqueles que não a viam dentro de um campo de possibilidades para constituírem relações mais estáveis, atribuindo esse fato, à fluidez desse território:

As pessoas têm o mito de que quem usa o *chat* só quer sexo rápido. Já ouvi até um amigo dizer que tem dó dessas pessoas que buscam namorado no *chat*. As pessoas rebaixam o *chat* por que acham que lá só tem escória, só homem casado querendo mostrar o pau, só ‘pegação’, o que não é verdade. Todos os relacionamentos que tive nos últimos anos e que duraram foi do *chat*, os que eu conheci cara-a-cara não duraram uma ou duas ficadas. Acho que lá no chat é muito variado, por que lá tem uma chave que é a do anonimato. Você tá ali pra conhecer a essência da pessoa. Ninguém vai te mostrar foto, você vai ter um papo. Se você quiser sexo, vai ter sexo, se quiser um papo legal, vai ter um papo legal. Se quiser sexo e ele não agradar fisicamente, você corta. Lá tem muita gente como meu namorado que não tem coragem pra se assumir ainda. Gente que quer apoio. Aqui em Viçosa é o lugar pra fazer isso. Como você vai se soltar se não tem amigos *gays*? Tem gente com perfis bem diferenciados. Tem

malandro, tem novo, tem velho, tem gente que quer só sexo, tem gente que você conhece e quer casar no outro dia. (Daniel, 23 anos)

A galera que frequenta o *chat* é aquela que quer ficar com alguém hoje, amanhã ficar com alguém e depois de novo. Quem tá ali tá a fim de ficar mesmo. É como se tivesse numa festa, só que numa festa online, entendeu!? Tá ali, olhou, flertou, pegou. É um espaço de ficar. (Vicente, 31 anos)

Tem *gay* lá de todo tipo, gente feia, gente bonita; 95% são pessoas procuram sexo mesmo. Casual. Chega a ser bizarro. É difícil achar alguém que quer só mesmo conversar. Amizades eu fiz pouquíssimas lá. Mantenho algumas até hoje. (Jorge, 23 anos)

No caso de Vicente, por exemplo, ele não conseguiu vislumbrar nesse meio, uma possibilidade de encontrar um homem que ele considerasse “*legal*”.

Já tentei encontrar parceiros no *chat*, mas não deu pra mim. Não encontrei ninguém bacana. Normalmente as pessoas estão lá para encontrar uma coisa bem rápida, não que eu não quisesse isso também, mas não foi um lugar pra encontrar alguém legal. (Vicente, 31 anos)

É muito comum, por exemplo, pessoas entrarem com *nicks* relacionados a sexo fora do casamento, sexo rápido e sigilo total. Muitos homens, sobretudo os casados, fazem uso deste artifício para se relacionarem sexualmente sem vínculos afetivos. Aliás, quando perguntados sobre o perfil das pessoas, um dos entrevistados, as falas também não foram consensuais, conforme os depoimentos abaixo:

“A maioria é de jovem, universitário, homossexual. A maioria é assumida para os amigos daqui, mas não é assumida em casa. Alguns são nativos, mas é minoria” (César, 20 anos).

“No chat têm muitos coroa, velhos, professores universitários, dá muito empresário de Viçosa, muito pivete, dá de tudo ali dentro” (Plínio, 29 anos).

Essa questão do perfil ela é complicada, porque não é exato. Mas tem algumas pessoas que você enxerga uma certa regularidade, só querem uma relação sexual naquele momento, outras que ainda querem ter um relacionamento mais duradouro pessoas que estão passando por uma situação de crise e que buscam um companheiro para conseguir ter segurança pra lidar com essa descoberta. Mas o que eu percebi é que as pessoas querem algo não duradouro, ter uma relação sexual e acabar por ali mesmo. Há uma variação de idade muito grande: há pessoas com 40, 50 anos e pessoas mais jovens de 20 anos. Você percebe que ali, apesar de ter um grande número de homossexuais que

buscam uma relação, existem outros que não se declaram homossexuais, homens que querem experimentar a relação homossexual ou mesmo para manter-se no anonimato. Há um grande número de pessoas no chat que não se declaram homossexuais e que esperam daquele ambiente ali uma possibilidade de anonimato. (Tomás, 20 anos)

Dá muito homossexual enrustido, dá muito “agroboy” enrustido, cowboy enrustido. Antigamente parecia dá muito passivo, hoje tá ali meio-a-meio. Hoje tem *gay* querendo amizade o que antigamente não dava tanto, hoje tem muita bicha solitária. O perfil clássico do chat é 95% de homens e 5% mulher. E a maioria das mulheres nos chats são lésbicas. Há uma hegemonia de *gays* homens no *chat*. (Plínio, 29 anos)

Os depoimentos apontaram que o *Chat* Terra e o Bate-papo UOL são ferramentas utilizadas pelos homossexuais masculinos. Essas salas virtuais eram utilizadas por oito dos dezesseis *gays* entrevistados. Em contraposição, apenas uma das quatorze lésbicas que constituiu a nossa amostra relatou ter usado essa ferramenta virtual uma única vez, sem continuidade. Esse foi o caso de Luciana que disse já ter entrado no chat para ver como era, mas não gostou. Na sua justificativa ela argumenta que:

Esse negócio de *internet* não compensa. Por que se você quer, você vai procurar, vai conhecer as pessoas. Conhecer pessoalmente, não ficar na internet, naquela ilusão ali. Eu acho muita ilusão. Talvez, não era aquilo que você esperava. Acho legal conhecer a pessoa ali naquele momento, você conversava com ela. Na internet acaba se esperando uma coisa, na ‘hora H’ pode ser uma decepção. (Luciana, 23 anos)

Para as lésbicas, existe uma forma de exercer a sexualidade que se difere bastante da utilizada pelos homossexuais masculinos. Para elas, a melhor forma de conhecer alguém que possa despertar algum interesse é através do uso das redes de amigos, das festas, ou simplesmente dos encontros casuais que “acontecem”, não sendo nada planejado ou intencional. O *chat* é considerado pela maioria delas como um espaço “*mais pra homem*”, não se sentindo à vontade no uso dessa ferramenta.

Essa resistência ou falta de identidade em relação a essa forma de sociabilidade pode estar ligada à grande fluidez que existe nesse espaço virtual e que não é condizente com a construção simbólica dos corpos femininos e do que é esperado de sua sexualidade. Essa construção estabelece uma divisão das sexualidades masculinas e femininas, tendo a masculina um caráter mais desenfreado e conquistador e a feminina mais delicada e

fiel. Segundo Badinter (2005) esta divisão levou, inclusive, a uma desmoralização das mulheres com uma sexualidade mais livre, a exemplo das prostitutas que não exerciam os papéis que a elas eram determinados, e por isso, eram até consideradas mais infelizes. A autora tenta desconstruir essa ideia de divisão sexual a partir de um estudo realizado na França ao longo de três décadas, mostrando que comportamentos antes considerados masculinos, popularizaram-se também entre as mulheres.

A pesquisa de Badinter (2005) evidenciou também que o número de mulheres que recorrem a serviços sexuais é muito maior do que se gosta de admitir, e só não é maior porque ainda existem “tabus que pesam sobre a sexualidade feminina”. Tudo isso fica bastante evidente até mesmo na indústria pornográfica, que descobriu nas mulheres um segmento de consumo, porém, com especificidades. Ao contrário dos filmes pornográficos comumente produzidos e que se baseiam em muita penetração e dominação, os filmes destinados para o público feminino investem em preliminares, duração e sentimentos, o que apenas confirma a tradicional definição do que deve ser a sexualidade feminina.

Na nossa pesquisa percebemos que, de maneira geral, prevalece uma divisão das sexualidades masculina e feminina. Apesar disso, não podemos tomar essa divisão de forma muito rígida e estruturalista não percebendo nela também possibilidades de permeabilidades. Essas podem estar presentes na atitude da Luciana, uma das entrevistadas, que chegou a utilizar o *chat* ou nos *gays* masculinos que buscam o *chat* com objetivos mais românticos e comprometidos que o de sexo rápido e anônimo.

Além desses, o grupo formado por alguns estudantes do curso de Ciências Sociais, os “**Politicizados**”, estudantes ligados aos movimentos sociais ou movimentos estudantis e que, com uma única exceção, também não utilizam o *chat* como ferramenta para desenvolvimento de suas relações afetivas e sexuais. Do grupo das Ciências Sociais, somente Guilherme disse utilizar o *chat*. Ainda assim, não avalia esta opção como muito atraente. Aliás, este grupo de estudantes não consegue se entusiasmar por esse tipo de relacionamento, achando muito mais interessante encontrar parceiros em barzinhos, locais com música mais alternativa, na casa de amigos ou então utilizando as redes sociais, onde um amigo “arranja” algum conhecido para alguém.

As pessoas que eu fico são pessoas que eu já conheço e vou jogando um papinho ou então festas e essas coisas. Eu entro no chat mais para *zuar*, já marquei (encontro) algumas vezes, mas sei lá, é muito chato. É meio chato entrar lá, encontrar a pessoa, e não saber nem o nome dela. (Guilherme, 20 anos)

Mesmo não fazendo parte deste grupo de estudantes, Vitor tem certa aversão aos “*amores de internet*”:

Sou uma pessoa bem reservada, não procuro na internet de maneira alguma. Se tiver que acontecer, vai acontecer por acaso. Eu não vou muito em festa, não vou muito em bar. Essas coisas é puramente ocasião. Não uso o *chat*, não gosto. Não acho que seja saudável. Amor de internet? Pelo amor de Deus. Eu prefiro uma coisa cara a cara, olho no olho. (Vitor, 25 anos)

As diferentes percepções e práticas que existem em relação à busca por parceiros afetivos em Viçosa só corroboram a tese de que, apesar de existir uma identidade de universitários que agrega todos os trinta entrevistados. Esta pode ser percebida no tratamento que estes têm com as pessoas naturais da cidade de Viçosa, excluindo-os quase que totalmente de suas redes de sociabilidade. Por outro lado, existe também uma divisão entre estes mesmo estudantes universitários, que se segregam em diferentes grupos ou tribos, como diria Maffesoli (2006). Essas diferenças se estabelecem principalmente, pelo estilo de vida.

Assim, esta constatação fica bem evidente quando os alunos ditos mais “alternativos”, Eles são adeptos dos barzinhos, da casa de amigos, ou de espaços onde conseguem resguardar as diferenças culturais que agregam as pessoas deste microgrupo. De outro lado, não estabelecem sociabilidades ou territórios com indivíduos com estilos de vida diferentes dos seus. As tribos são assim, uma metáfora para sujeitos que se mantém unidos pelo costume, que “produz ‘sociabilidade’ para uma comunidade dada” e que possuem alguns elementos da vida que são compartilhados.

Contudo, para Maffesoli, isso não significa que as pessoas terão existências e práticas estáticas. Muito pelo contrário. Uma pessoa pode assumir diversos papéis em diversas tribos diferentes, principalmente quando se mudam os gostos. Tudo depende do sentimento de pertencimento e do “grau de investimento de seus protagonistas”.

Para Fernandes e Costa (2007), quando as trocas sociais não agradam a todos, as “micropartes” do espaço urbano viram um refúgio para aqueles que se identificam enquanto “iguais” e pretendem materializar e proteger os valores que constituem suas identidades. A questão é que tudo isso acaba por gerar, inevitavelmente, uma segregação.

5.5. Os banheiros da UFV

Nas entrevistas que fiz, tanto com homossexuais masculinos como femininos, ninguém me relatou o uso de banheiros públicos, seja na UFV, seja na cidade de Viçosa, como um espaço para práticas afetivo-sexuais. Apenas Rodrigo, ao final da entrevista já com o gravador desligado, contou-me que o banheiro anexo à igreja católica, bem no centro da cidade, era usado para encontros sexuais. Contudo, disse-me que nunca havia frequentado este espaço, mas já ouvira falar que estas práticas casuais lá acontecem com certa frequência, principalmente no final das tardes.

Movido por uma curiosidade, fui ver pessoalmente se isso acontecia. Fiquei sentado num banco da praça, bem de frente para os banheiros observando a movimentação no final de uma tarde. Não observei nada que pudesse contradizer a ordem moral que a igreja, bem ao lado, tenta transmitir. Mas não dá para responder se naquele dia específico nada aconteceu, ou se o que eu tinha ouvido falar não passava de um boato. Não insisti nesta observação por que, segundo fui informado, este espaço seria mais para o encontro de moradores da cidade que não são universitários, ou seja, não é um objetivo deste trabalho.

Mas não me dei por satisfeito. Como sabia que alguns banheiros da Universidade eram tomados por frases das mais diversas, além de contatos, sejam números de telefone ou endereços de e-mail, fui para lá tentar fotografar e entender a lógica dos recados deixados nos banheiros da UFV. Contudo, em muitos prédios da Universidade o material que reveste as paredes ou é escuro, dificultando a leitura, ou é de materiais lisos, que impossibilitam a fixação de escritos. Este fato restringiu o campo praticamente aos banheiros do Pavilhão de Aulas I (PVA), onde o material que reveste as paredes permite a fixação de tinta e assim, os estudantes ali podem expressar suas ideias livremente.

Optamos por não revelar por inteiro os nomes, endereços de e-mail e os números de telefone que apareceram, com o intuito de manter o anonimato das pessoas envolvidas. Optamos também por transcrever as frases, exatamente como foram encontradas, mesmo que contenham erros ortográficos ou palavras consideradas vulgares.

No prédio da Biblioteca Central, onde havia muitos recados, nada pôde ser encontrado porque as paredes dos banheiros foram recentemente pintadas de branco, apagando para sempre as peripécias que ali estavam escritas. No prédio da Biologia e no prédio da Bioquímica, encontrei apenas alguns endereços de e-mail e um desenho esquemático que mostra como são as práticas sexuais num banheiro público, que começa com sexo oral (felação), passa por uma penetração anal e termina com a ejaculação; tudo muito rápido. Em torno do esquema (dividido em quatro atos), liam-se as seguintes frases: “Sequencia de maravilhas do mundo” e “Por que viado tem essa necessidade de aparecer”.

Mas foi no PVA que encontrei o maior número de mensagens deixadas, tanto nos banheiros masculinos como nos femininos. Entre tantas frases de cunho religioso, legalização da maconha, ódio racial, ódio aos “Bicho grilo” e outros preconceitos, lá estavam os recados dos gays e das lésbicas, deixados principalmente nas cabines fechadas dos banheiros. Nos banheiros femininos, foi notável o número muito menor de recados em comparação aos banheiros masculinos.

Para tentar explicar este fenômeno, Maia (2010), baseando-se nas ideias da teórica Beatriz Preciado, diz que os banheiros são permeados de relações de poder, sendo os banheiros femininos um espaço de afirmação de feminilidade através da vigilância pública dos corpos. Já os banheiros masculinos, servem também como espaços de sociabilidade e experimentação sexual. Nos mictórios, há inclusive um jogo corporal, que vai do ocultamento do pênis à sua exposição.

Contudo, apesar de terem sido numericamente significativos apenas em um dos seis banheiros femininos do PVA, alguns recados puderam ser encontrados, como pode ser observado abaixo:

“Cadê as lésbicas de Viçosa?”

“A fim de conhecer mulheres? Escreva: biagls@xxxxxxxx”.

“Eu gosto de mulher mas não tenho coragem de assumir, e gosto de alguém, ela se chama Txxxxx”.



Figura 07: Mais uma frase de um banheiro feminino do PVA que expressa um pensamento homofóbico e uma reação a este preconceito. Fonte: Arquivo do autor.

Já os banheiros masculinos do PVA (também são seis ao todo) estão completamente tomados de pequenos textos que vão desde a valorização dos atributos físicos, passando por diálogos e encontros sexuais, até declarações homofóbicas e reificação da masculinidade.

5.5.1. O balé dos corpos e a tentativa de encontros sexuais nos banheiros masculinos

Usando muitas vezes o corpo e suas habilidades como forma de chamar a atenção, muitos diálogos fictícios ou reais são escritos nas cabines fechadas dos banheiros. Segundo Maia (2010), esta atitude vai de encontro com o que dizia Beatriz Preciado, que considerava as cabines fechadas espaços de experimentação sexual e não de sociabilidade.

Para Preciado, a sociabilidade estaria reservada aos mictórios, lugar de ver e ser visto. Tanto na pesquisa de Maia, realizada na UFBA, como nesta, realizada na UFV, ficou evidente que é nas cabines fechadas que se encontram o maior número de recados e diálogos. Abaixo seguem alguns exemplos:

“E me fale seu bofe se você nunca quis foder aquele amigo íntimo, heim!” Tendo como Resposta: “ Verdade, sempre quis trepar com meu primo”.

“Quero chupar e dar o cu para machos. Tenho lugar, bio1983@xxxxxxxx”.

“Eu sou gay me escreva. bafonera@xxxxxxxx”.

“Boy 20 cm, ativo e passivo, moreno claro, 175 cm. Tenho local, moro só no centro. F: 9141-xxxx”.

Em quase todos os banheiros que havia frases escritas encontrei este endereço de e-mail: “jocamg@xxxxxxxx”.

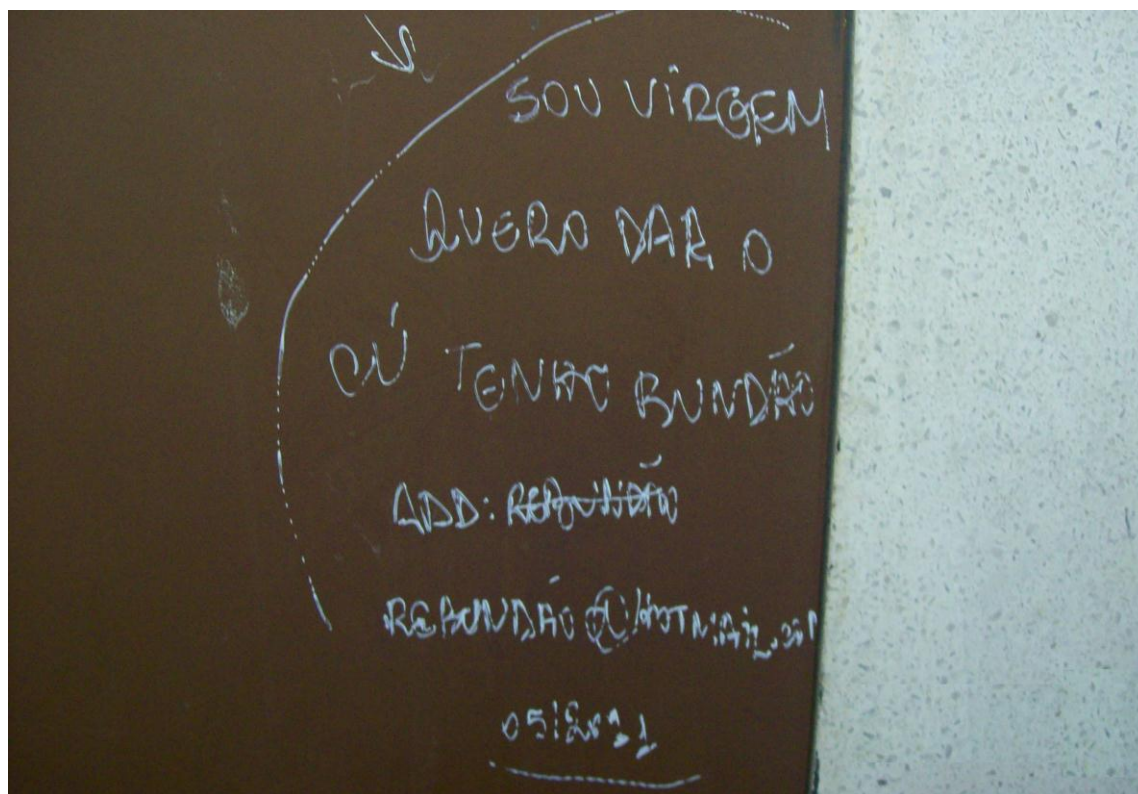


Figura 08: Valorização de atributos físicos como forma de conseguir contato. Fonte; Arquivos do autor.

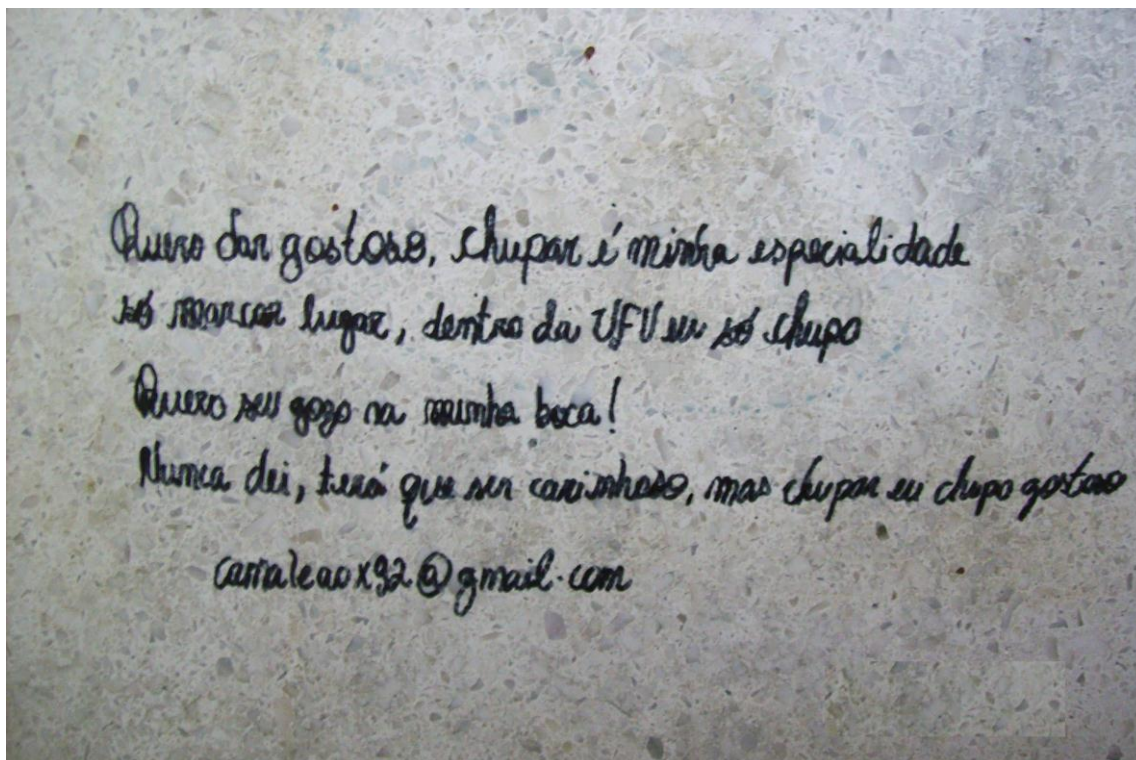


Figura 09: Valorização de algumas habilidades como forma de conseguir contato. Fonte: Arquivos do autor.

5.5.2. Masculinidade e Homofobia

De acordo com Maia (2010), os banheiros masculinos acabam sendo também espaços de reificação da masculinidade; identidade esta que se dá num campo simbólico, sendo construída a partir de alguns atributos como a dominação e o poder. Além disso, a identidade serve para delimitar quem ou o que é diferente e assim, numa relação hierárquica, marginalizar e excluir. É nesse processo de construção simbólica da masculinidade que os homossexuais são considerados os diferentes. Forja-se uma referencia na heterossexualidade que acaba por criar corpos e comportamentos abjetos. A repetição destes discursos considerados dominantes desvaloriza as práticas homossexuais, propagando e legitimando a homofobia.

Algumas frases e diálogos encontrados os banheiros do PVA, ilustram a ideia da dominação, o medo de assumir a homossexualidade, a tentativa de recriminar comportamentos considerados desviantes e o ódio aos homossexuais, como observado baixo:

“Eu já comi o prof. de LET”.

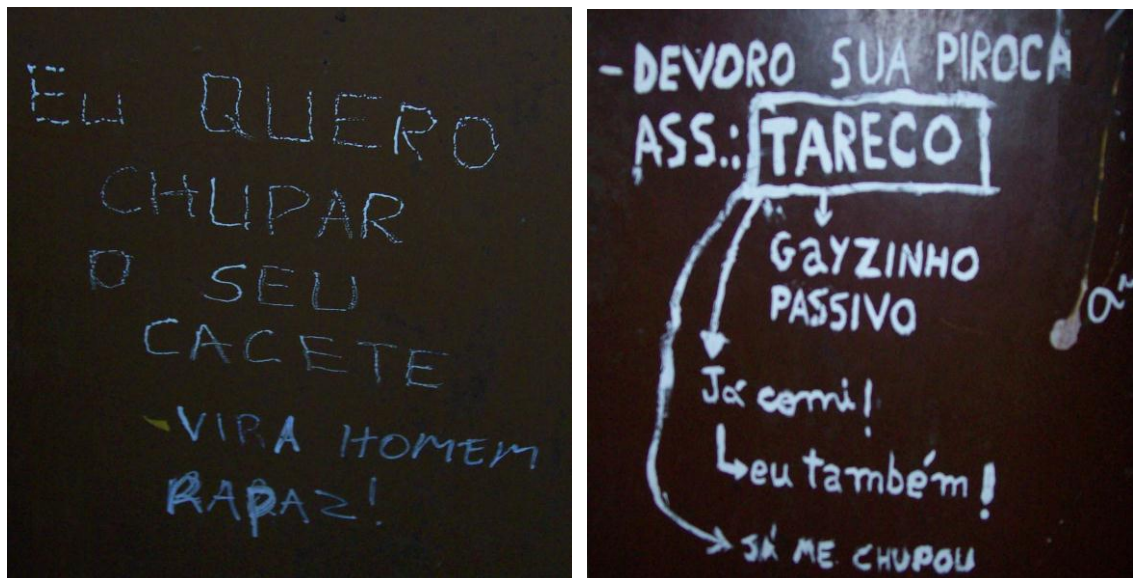
“Sou viado e ã tenho coragem de assumir!”

“Pq hetero tem raiva de bixa?” E alguém responde abaixo: “Todo banheiro que eu cago é o mesmo papo de bixa, uma quer dar, outra chupar”.

“Vamos matar os gays”. E alguém comenta: “Como? Vc será o primeiro a morrer! Viadinho enrustido”.

“Vamos exterminar os gays da UFV”.

“M.C.H. Movimento Contra Homossexualismo”.



Figuras 10 e 11: Diálogos em que há tentativa de recriminar um comportamento considerado desviante. Fonte: Arquivos do autor.

5.5.3. Arte homoerótica nos banheiros masculinos

De acordo com o historiador Pedro Paulo Funari (1989), desde a antiguidade, já existia a prática do grafite para transmitir poemas, ideias, erotismo e sensualidade em locais públicos como muros e paredes das casas de banho¹⁹.

¹⁹ FUNARI, Pedro Paulo. **Cultura popular na Antiguidade Clássica**: grafites, arte, erotismo, sensualidade e amor, poesia e cultura. São Paulo: Contexto. 1989.



Figuras 12, 13 e 14: Três imagens de diferentes banheiros masculinos do PVA . Fonte: Arquivos do autor.

Observando estas figuras dá até para pensar que a Universidade Federal de Viçosa está povoada de Michelangelos e “Picassos” que transformam os banheiros do PVA numa “Sistina Gay” ou em “*Les garçons d’Avignon*” com a manifestação de corpos idealizados e falos desproporcionais.

Só não existem mais desenhos porque, segundo o que um funcionário do PVA responsável pela limpeza me confidenciou, ele exaustivamente limpa dos boxes as imagens e os escritos, sem sucesso, uma vez que eles se reproduzem incessantemente. Outro fenômeno relatado pelo funcionário é o constante flagra que ele dá em rapazes transando nas dependências individuais dos banheiros masculinos do Pavilhão de Aulas. Segundo ele, “*tem de tudo*” e alguns não se incomodam minimamente com sua presença.

6. A VIDA LONGE DA FAMÍLIA

Apesar da dificuldade em se definir genericamente família, uma vez que as definições estão muito relacionadas à experiência e às idealizações de cada um, na maioria das vezes é função dela a socialização, que é o processo de construção social dos sujeitos, principalmente a socialização primária, que é a transformação do indivíduo em ser social dotado de gênero, classe, religião, etc. Já a socialização secundária, vinculada à divisão do trabalho, fica a cargo de outras instituições como a escola. Gomes (1994) e Macedo (1994)

De acordo com estes autores, apesar do processo de primeira socialização não definir rigorosamente todas as características de um indivíduo adulto, ela vai construir as bases da identidade e da personalidade, através da transmissão de costumes, valores, hábitos, padrões de comportamento e maneiras de interpretar a realidade. A família pode ser considerada, então, como o primeiro espaço de relação com o mundo e um meio de manutenção e continuidade de uma cultura.

Entretanto, tal como nos propõe Pinto (2002) o termo designa instituições e agrupamentos sociais bastante distintos, do ponto de vista de sua função e de sua estrutura. Nesse sentido, ao tomarmos “família” enquanto categoria analítica, necessário se faz situar o grupo social e o período histórico ao qual estamos nos referindo, dada a variabilidade histórica que a instituição assumiu. A reprodução cotidiana ou geracional desses grupos nem sempre foi específica ou exclusiva – em alguns momentos as funções políticas e econômicas foram desenvolvidas simultaneamente e com exclusividade.

Nesse sentido, a família constitui-se numa instituição social histórica, que se transforma, não existindo modelos e padrões universais de organização familiar. A própria família nuclear, inicialmente idealizada pelos tradicionalistas do século XIX e posteriormente difundida entre as classes trabalhadoras, sendo formada por pai, mãe e filhos, pautada na privacidade, na monogamia, no amor, na proteção e educação das crianças, foi glorificada pela sociedade burguesa do século XIX como o modelo universal e produto final de um longo processo evolutivo.

No entanto, essa perspectiva de família emerge – naquele contexto histórico – na confluência de fenômenos sociais como o aparecimento da infância, surgimento da

burguesia e do “casamento de companheirismo”, além da necessidade de um refúgio sólido num mundo do trabalho marcado pela disciplina, competição e insatisfação, onde as frustrações da vida pública seriam compensadas no reino do privado. (LASCH, 1991)

Essa descontinuidade e perspectiva não linear em relação aos modelos familiares podem ser percebidas ao longo do curso da história. O conceito de família patriarcal, formada por um homem forte, provedor e representante do mundo público; da mulher, boa mãe, recatada, dona de casa e do mundo privado; e dos filhos obedientes e futuros reprodutores desta mesma ordem social, começou a se modificar nas últimas décadas do século XX.

No Brasil, estas mudanças aconteceram após os anos de 1970 com a intensificação do processo de urbanização e industrialização e uma redução quantitativa de unidades domésticas caracterizadas como famílias nucleares. Esta redução não foi acompanhada do aumento das famílias ampliadas, aquelas constituídas por pais, filhos e outros parentes. Inversamente a este quadro, houve um aumento significativo de outras formas de organização, principalmente as famílias monoparentais (BILAC, 1991).

Assim, ainda que no imaginário social possa existir a ideia de que a família nuclear seja a única maneira possível de se formar unidades sociais familiares, na prática, outras formas de organização são possíveis. Bourdieu (1993) e Vaitsman (2001) situam, sobretudo, a partir dos processos de urbanização e a industrialização, a emergência das casas chefiadas por mulheres, as famílias monoparentais constituídas por pais e mães solteiros ou divorciados e também, casais homossexuais que têm uma expressão social cada vez maior em algumas sociedades mais urbanizadas e modernas.

Em contextos locais mais tradicionais, sobretudo, relacionados às cidades do interior, distantes dos grandes centros urbanos, o coletivo pode atuar de forma mais coercitiva e reguladora sobre o comportamento dos indivíduos, impedindo (ou reprimindo) a expressão das identidades homossexuais. Na nossa pesquisa, observamos que os homossexuais que vinham de cidades menores manifestaram maior dificuldade em assumir publicamente a sua identidade sexual ou em lidar com a sexualidade longe da família. Aliado a esse fator, os contextos familiares tradicionais, sobretudo, aqueles ligados a uma maior religiosidade, também exerceram forte influência na expressão dessas identidades. Este é o caso de Tomás, Marcelo, Jorge e Helena. Jorge, natural de

uma cidade interiorana e de uma família evangélica, conforme evidencia sua fala abaixo:

Sou muito medroso, não teria coragem de enfrentar, de dizer: eu sou assim e vocês vão ter que me aceitar. Se estivesse lá, ficaria escondido até que desse. Quando não desse mais, não sei o que faria. [...] A minha sexualidade é meio que velada, nunca tive uma namorada ligando pra mim, como era o caso do meu irmão, mas meus pais nunca me questionaram. Mas agora que vim pra Viçosa eles perguntam se estou namorando ou com alguém e como meu irmão está noivo, as pressões aumentaram e, na última vez que fui pra casa, tive que mentir, tive que falar que eu tinha namorada aqui. (Jorge, 23 anos)

As falas de Helena e Marcelo também demarcaram como o contexto das cidades interioranas e familiares podem se colocar como repressores à manifestação das identidades homossexuais:

Pra minha sexualidade, vir para Viçosa significou minha liberdade. Meus pais não sabem que eu namoro uma menina. Lá na minha cidade eu tenho que ficar mais recatada, não pode beijar meninas. Esse tipo de coisa pra cidade pequena é um horror. [...] Quando eu fiquei com uma menina pela primeira vez, foi na minha cidade, mas sabia que aquilo não podia ficar acontecendo. Se fosse lá todo mundo ficaria chamando de ‘Sapatão’ (risos). [...] Acho que eles desconfiam que eu namore uma menina. Eles jogam verde, mas eu desconverso. (Helena, 21 anos)

Minha mãe é muito crítica em relação a um primo meu que é homossexual. Ela vem falar dele pra mim, mas acho que é uma forma de defesa dela, por que ela não sabe de mim, mas no fundo toda mãe sabe. Acho que é uma forma dela me reprimir de alguma coisa, de criticar na minha frente, pra demonstrar a opinião dela sem ter que me perguntar alguma coisa, se bem que agora, como eu saí de casa e namoro a quase quatro anos, não tenho tanto problema mais com minha mãe saber de alguma coisa. Quando comecei meu relacionamento, achei que a sociedade inteira ia me jogar fora e que seria rejeitado em todo lugar que eu fosse, mas não é assim. Hoje, se meus pais não me aceitarem, eu vou ficar chateado, mas não vai ser uma coisa que vai me fazer tanta diferença. (Marcelo, 23 anos)

Nos contextos apresentados, os fatores “família e religião” também se revelaram fortes repressores das identidades homossexuais. Contudo, apesar de Carla e Samanta serem de contextos urbanos maiores, estas enfrentam problemas com a família em relação às

suas sexualidades. As duas veem de famílias muito tradicionais e religiosas. Segundo Carla, quando chegou à Viçosa,

tudo o que queria era fugir de família. [...] Minha mãe é de uma família muito tradicional, casou virgem na igreja, meu avô é evangélico fervoroso, acha tudo um absurdo. Minha família é muito tradicional, pode ser que tenha outro homossexual, mas eu não sei. Ninguém sabe. Somos muito padrão, temos que ir à missa nos domingos. Esse tipo de coisa. Minha mãe quer que eu case e tenha filhos. (Carla, 19 anos)

Ainda segundo ela,

quando tinha treze anos minha namorada queria contar pra eles e eu não queria. Aí tinha uma carta da minha namorada na minha mochila e minha mãe, mexendo nas minhas coisas acabou vendo e vieram conversar comigo. Falaram que preferiam uma filha ladra ou uma filha puta, mas que lésbica eles não aceitavam. Aí tomaram meu celular, meu avô teve que me buscar na escola, tinha treze anos né! A menina que eu namorava morava em frente a minha casa, mudou de lá porque minha mãe conversou com a mãe dela. Depois disso, quando minha mãe me via no MSN conversando com ela, minha mãe pirava. Minha vida virou o inferno, acho que minha mãe não pensou nisso até hoje. Eu tive que ir para o psicólogo, como se ele fosse mudar minha sexualidade, aí a vida ficou infernal. (Carla, 19 anos)

De acordo com Ressel *et al* (2011), o sexo muitas vezes é tratado como algo proibido e até pecaminoso sendo a família uma reprodutora da ideia de que a sexualidade, principalmente para as mulheres, deve ser tratada de forma sigilosa e reprimida. Para Natividade (2005), que realizou um estudo junto a jovens homossexuais evangélicos, a culpa e a vergonha são emoções interdependentes e apontam para a ocultação da homossexualidade da família por medo de rejeição dos pais.

Para Samanta, uma de nossas entrevistadas, as questões religiosas são muito relevantes e motivo de questionamentos em relação à própria sexualidade e de suscitar sentimentos de culpa e conflitos por ter que mentir para os pais. Segundo ela, eles não a compreenderiam caso dissesse a verdade. Nesses contextos, estar longe da família lhes permite vivenciar a sexualidade e afirmação da identidade homossexual, tal como explicita Samanta:

Somos presbiterianos. Eu nasci na igreja e isso é uma coisa que às vezes pesa muito pra mim por que eu acredito que estou errada em fazer o que eu faço, mas mesmo assim eu faço. Nossa, pesa muito.

Meu pai mesmo quando fala de homossexualismo, ele aprendeu a não ter preconceito, mas por causa da religião, acho que meu pai me deserdaria; já minha mãe é a pessoa mais maravilhosa do mundo, meu pai já é mais durão, já meu irmão é muito novinho, mas já percebe algumas coisas. Eles inclusive acham que namoro com um amigo meu *gay* que sempre vai lá em casa. Odeio mentir pra minha família, mas eu estando nessa situação de ser lésbica, tenho que falar muitas mentiras. Não queria mentir, mas não tem outra saída, por enquanto não. Acho que isso só vai parar um dia quando eu tiver minha renda e não precisar mais deles. Mesmo assim é difícil. Vir pra Viçosa, pra minha sexualidade, não sei se foi bom ou ruim. Tá vendo do jeito que estou falando? Mas se eu não estivesse longe da minha família eu não seria *gay*. Eu sou muito confusa em relação à religião e essas coisas, por que a primeira coisa que viria na minha cabeça seria liberdade, mas eu não tenho liberdade, por que liberdade seria eu falar a verdade. Eu não acho que eu tenho liberdade, mas é muito bom estar aqui por que eu tento me virar sozinha, eu me acho imatura ainda, mas tem muita coisa que eu melhorei em relação a isso e sobre a homossexualidade. Morar fora me levou a ter certeza do que quero e a provar de tudo. Se estivesse lá não teria a oportunidade que tive aqui. (Samanta, 24 anos)

Os contextos familiares em que os estudantes homossexuais, tiveram apoio da família estiveram relacionados a realidades em que a religiosidade não se fazia muito expressiva ou relacionados a famílias que escapavam ao modelo tradicional hegemônico, vindos de realidades mais urbanizadas. Esse era o caso de Daniel, Plínio, Rodrigo, Renata, Tatiana, Juliano, Amanda, Ronaldo, Vítor, César, Joana, Vicente e Verônica que não possuíam problemas com a família por causa da sexualidade e eram assumidos tanto para os familiares como para as outras pessoas em Viçosa. Esses contextos estão presentes nas falas de Plínio, que tem os pais falecidos e morava com os irmãos, e de Verônica, vinda de uma família monoparental:

“já era assumido bem antes para o pessoal da minha família e pro meus amigos de lá. Agora, em Viçosa, eu assumi pra quem eu tive um relacionamento de convivência”. (Plínio, 29 anos)

“minha mãe sempre me apoiou em tudo. Eu não pensei quando vim pra Viçosa: ‘Ah, me libertei da minha mãe’. Minha mãe é muito de boa, ela acha que devemos é ser felizes”. (Verônica, 26 anos)

No entanto, para todos os entrevistados, em grau maior ou menor, sair do espaço familiar, espaço de primeira socialização e mudar para uma cidade universitária exigiu também uma profunda mudança. Estas estiveram relacionadas à forma como passaram a

encarar as responsabilidades do cotidiano e as exigências de uma vida cercada por compromissos e ambientes de profissionalização.

De acordo com Heilborn *et al* (2005) a família produz indivíduos que reproduzem os valores do núcleo familiar. Porém, para que indivíduos sejam autônomos, é necessário o afastamento do núcleo de origem. O que não necessariamente significa ruptura com os valores familiares, mas uma oportunidade de negociação entre a construção da identidade pessoal e a socialização em valores sexuais e crenças. Este processo é mais evidente nos jovens, por possuírem uma autonomia mesclada com dependência.

Para Helena sair de casa significou “acordar para a responsabilidade” e possibilidade de *“buscar o que se quer”*. Segundo ela, *“quando você está lá com a família, você fica de ‘baixo da asa’, ‘você faz o que eles querem’”*. Assim, sair de casa pode ser a *“a oportunidade de ter mais responsabilidade e fazer suas próprias escolhas, ter liberdade de escolha, ver que o futuro está nas suas costas”*, conforme fala de Jorge. Nessa mesma direção, relacionamos as falas de Tomás, Daniel e Rodrigo abaixo:

Esse afastamento foi importante. Sair de casa, ir para outro ambiente, foi bom para uma questão de amadurecimento, uma questão pessoal. Se fica com a família acaba ficando preso a regras e normas impostas em que muitas vezes você não concorda. Perto da minha família eu sentia uma pressão muito grande, eu queria sair. Eu queria ter acesso a informação, a cultura e isso dentro da minha família era limitado. A formação da minha família tinha certos objetivos que não eram os meus, por ser um ambiente mais rural. Um exemplo é sair de casa pra estudar. Não era um objetivo deles sair de casa, morar fora, ter uma formação acadêmica. (Tomás, 20 anos)

Para Tomás, cuja família mora na zona rural, as relações são ainda mais conservadoras e coercitivas, o que não o agradava. Sair deste contexto e ir para Viçosa significou além da liberdade, ter também acesso a outras realidades e a possibilidade de uma formação acadêmica.

Como eu era tímido quando cheguei aqui, foi um pouco difícil de fazer amigos, tinha que vencer a timidez e foi difícil isso longe da minha família. No entanto hoje eu tenho uma independência que eu não abro mão e sei que não teria se estivesse com a minha família intervindo. Hoje eu saio a hora que quero, durmo a hora que quero, ando com quem eu quero e se minha mãe estivesse perto não deixaria eu fazer. (Daniel, 23 anos)

Mas morar sozinho muda muita coisa, acho que formei minha consciência. Tenho opiniões sobre muitas coisas que são diferentes da minha família e estar morando sozinho me propiciou isso de certa forma. Eles me mandam dinheiro e eu faço o que eu quiser com ele. Isso faz com que a gente seja mais independente. (Rodrigo, 24 anos)

Estar longe da família foi visto pelos entrevistados como um *“momento de independência e liberdade”*, e isto não esteve ligado, de forma exclusiva, ao fato de se ter uma relação boa ou ruim com a família. Um exemplo é Daniel, que apesar de ter uma relação muito boa com a família, mostrou na fala acima que não conseguiria ter a liberdade que tem em Viçosa se ainda estivesse morando com a mãe. Para André, sair de casa *“dá uma liberdade maior de você se definir sem muitos critérios que vem da família. Acho que nos libertamos dos aspectos familiares”*.

No Quadro 02, a seguir, buscamos sintetizar a partir das falas dos estudantes homossexuais, a avaliação que fizeram sobre a sua relação com a família e qual o significado, para estes *gays* e *lésbicas*, que a mudança para uma cidade universitária teve em termos da afirmação da sua identidade homossexual.

Quadro 02: Mudanças na relação com a família e o significado da mudança para uma cidade universitária e o afastamento da família em termos da afirmação da identidade homossexual

Entrevistado	Relação com a família antes de ir para Viçosa	Relação com a família atualmente	Mudanças em relação à sexualidade perante a família após a chegada em Viçosa, MG	O significado de estar longe da família em termos gerais	O significado de estar longe da família em termos da sexualidade	A possibilidade de se assumir enquanto homossexual em Viçosa	Pretensão de retornar ao local de origem ou voltar a morar junco com a família após terminar os estudos
01 - Daniel	- Boa	- Boa	- Mudança para melhor, pois agora namora e a mãe sabe de tudo	- Possibilitou mais liberdade	- Foi importante, pois foi um momento de descoberta	- Viçosa foi importante, pois ofereceu possibilidades que não havia na cidade natal	- Não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de trabalho e não voltaria a morar com a família devido à liberdade que conquistou
02 - Plínio	- Ruim	- Ruim	- Sempre reagiram bem, mas não perguntam muita coisa	- Amadurecimento	- A possibilidade de experimentar muitas coisas, de ter vários parceiros	- Já era assumido para a família e os amigos, mas Viçosa ofereceu possibilidades que não havia na cidade natal	- Não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de trabalho e por ter sofrido muito lá por ser pobre e homossexual
03 - Tomás	- Boa	- Melhorou. Hoje são mais próximos	- Não houve mudança. Continua sendo um assunto sigiloso	- Amadurecimento	- Sair de perto da família foi a fuga de uma realidade opressora	- Encontrou em Viçosa um ambiente favorável para quem é homossexual	- Não retornaria, pois lá não há oportunidades de trabalho e possibilidades de lazer
04 - Vicente	- Boa	- Melhorou. Hoje são mais próximos	- Não mudou nada. Desconfiam, mas não perguntam muita coisa	- Estar longe acabou criando um sentimento de falta da família	- A possibilidade maior de ter um grupo de amigos <i>gays</i>	- Viçosa foi importante, pois ofereceu possibilidades de conhecer muitos homossexuais	- Voltaria sem problemas, mas não é seu ideal.
05 - Marcelo	- Boa	- Boa	- Não houve mudança. Continua sendo um assunto sigiloso	- Sempre foi mais independente	- Foi essencial pra descobrir quem realmente era	- Em Viçosa encontrou muitas possibilidades e uma comunidade <i>gay</i> enorme	- Não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de trabalho e não voltaria a morar com a família devido à liberdade que conquistou
06 - Jorge	- Boa	- Boa	- A sexualidade continua sendo uma coisa velada	- Foi a oportunidade de ter mais responsabilidade	- Foi a chance que teve para se descobrir e ter um relacionamento	- Foi a possibilidade. Se continuasse lá, não teria as possibilidades que encontrou em Viçosa de se assumir	- Não retornaria, pois lá não poderia viver com seu namorado, por ser uma cidade pequena
07 - Luciana	- Boa	- Melhorou. Ficou mais próxima do pai	- Se assumir para a família serviu par se aproximarem	- Ter criado responsabilidade	- Deu coragem para experimentar	- Se não estivesse em Viçosa, talvez ainda não tivesse se assumido	- Não retornaria para a cidade, pois não enxerga futuro lá e não voltaria a morar com a família devido à liberdade que conquistou
08 - Carla	- Ruim	- Ruim	- Melhorou, pois hoje participa de movimentos políticos e a relação com a mãe está melhor	- Liberdade	- Liberdade	- Já era assumida para os amigos antes de chegar à Viçosa, mas acha que Viçosa oferece a possibilidade de vivenciar a sexualidade	- Não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de trabalho e não voltaria a morar com a família devido à liberdade que conquistou

Entrevistado	Relação com a família antes de ir para Viçosa	Relação com a família atualmente	Mudanças em relação à sexualidade perante a família após a chegada em Viçosa, MG	O significado de estar longe da família em termos gerais	O significado de estar longe da família em termos da sexualidade	A possibilidade de se assumir enquanto homossexual em Viçosa	Pretensão de retornar ao local de origem ou voltar a morar junto com a família após terminar os estudos
09 - Denise	- Boa	- Boa	- Houve mais diálogo	- Um momento para amadurecer e ganhar responsabilidade	- Liberdade	- Já era assumida para os amigos antes de chegar à Viçosa, mas acha que Viçosa deu mais abertura para vivenciar sua sexualidade	- Gostaria de voltar por causa da família, mas não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de continuar os estudos
10 - Rodrigo	- Boa	- Boa	- Hoje, por militar no movimento homossexual, a família passou a respeitar mais sua sexualidade	- Independência e responsabilidade	- Não significou muito, pois já era assumido antes e tinha o apoio da mãe	- Viçosa apenas possibilitou vivenciar a homossexualidade	- Não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de trabalho e não voltaria a morar com a família devido à liberdade que conquistou
11 - Tatiana	- Boa	- Boa	- Pode assumir sua sexualidade para a mãe, que inicialmente não recebeu muito bem a notícia, mas depois tudo melhorou	- Crescimento pessoal	- O momento para assumir a sexualidade	- Já tinha se descoberto antes, mas em Viçosa encontrou possibilidades e amparo nos movimentos sociais	- Não retornaria, pois lá não teria a liberdade de ser quem realmente é que conquistou em Viçosa
12 - Renata	- Boa	- Boa	- Hoje os pais tratam a sua companheira com mais respeito	- Amadurecimento	- Só foi a oportunidade de oficializar o relacionamento que tinha	- Já tinha assumido a sexualidade. Viçosa foi apenas a continuação	- Não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de trabalho e não voltaria a morar com a família devido à liberdade que conquistou
13 - Sara	- Ruim	- Ruim	- Hoje a família aceita melhor a sua sexualidade	- Responsabilidade e amadurecimento	- Foi a oportunidade de melhorar o convívio com a mãe	- Já tinha assumido a sexualidade. Viçosa foi apenas a continuação	- Não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de trabalho e não voltaria a morar com a família devido à liberdade que conquistou
14 - Fábio	- Boa	- Boa	- Não houve mudança	- Liberdade	- Libertação	- Já era assumido, mas em Viçosa teve a possibilidade de sair e de ter contato com outros homossexuais	- Não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de trabalho e não voltaria a morar com a família devido à liberdade que conquistou
15 - Samanta	- Boa	- Boa	- A família não sabe, então continua a mesma coisa	- Momento de amadurecer como pessoa	- Amadurecimento em relação à homossexualidade e momento de experimentar muitas coisas	- Viçosa contribuiu para que se assumisse e perdesse a vergonha de ser homossexual	- Não retornaria devido à liberdade que conquistou em Viçosa e para não correr o risco da família saber da sua sexualidade

Entrevistado	Relação com a família antes de ir para Viçosa	Relação com a família atualmente	Mudanças em relação à sexualidade perante a família após a chegada em Viçosa, MG	O significado de estar longe da família em termos gerais	O significado de estar longe da família em termos da sexualidade	A possibilidade de se assumir enquanto homossexual em Viçosa	Pretensão de retornar ao local de origem ou voltar a morar junco com a família após terminar os estudos
16 - Juliano	- Boa	- Boa	- Assumi a sexualidade e a família tratou tudo muito bem	- Foi ótimo, pois sempre quis sair de casa	- Foi ótimo por abrir outras possibilidades	- Foi a melhor oportunidade de se assumir que teve na vida	- Não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de trabalho e não voltaria a morar com a família devido à liberdade que conquistou
17 - André	- Boa	- Boa	- Assumi a sexualidade e a família tratou tudo muito bem	- Liberdade	- A momento de assumir a sexualidade	- Encontrou em Viçosa um ambiente favorável para quem é homossexual	- Não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de trabalho e não voltaria a morar com a família devido à liberdade que conquistou
18 - Amanda	- Boa	- Boa	- Mudou pra melhor. A família sempre soube da sua sexualidade, mas agora conhecem e respeitam sua companheira	- Crescimento pessoal	- ter um espaço para se afirmar	- Já era assumida, mas em Viçosa encontrou uma companheira e a possibilidade de viver em sossego com ela	- Não voltaria, pois não gosta de morar em cidade grande
19 - Janaína	- Boa	- Boa	- Melhorou, pois hoje participa de movimentos políticos e a família lida melhor com isso	- Liberdade e autonomia	- É assumida para a família, mas longe, tem uma liberdade diferente	- Já era assumida, mas em Viçosa teve a possibilidade de ter contato com outros homossexuais	- Não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de trabalho e não voltaria a morar com a família devido à liberdade que conquistou
20 - Helena	- Boa	- Boa	- Não houve mudança. Continua sendo um assunto sigiloso	- Acordar para a responsabilidade	- Liberdade	- Em Viçosa encontrou possibilidades como namorar e todo mundo ficar sabendo, sem problemas	- Não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de trabalho e não voltaria a morar com a família devido à liberdade que conquistou
21 - Valquíria	- Tinha alguns conflitos com a mãe, mas a relação era boa	- Continua tendo alguns conflitos, mas a relação é boa	- Não mudou	- Liberdade	- Liberdade	- Viçosa foi importante, pois ofereceu possibilidades de conhecer muitos homossexuais, de sair e namorar meninas sem muita preocupação	- Não retornaria devido à liberdade que conquistou em Viçosa
22 - Ronaldo	- Boa	- Boa	- Não mudou. A família sempre respeitou sua sexualidade	- Tem uma ligação forte com a mãe, mas sair significou mais liberdade	- Mais liberdade para levar pessoas pra casa	- Já era assumido antes de chegar à Viçosa, mas acha que Viçosa oferece a possibilidade de vivenciar a sexualidade	- Voltar é uma opção como outra qualquer

Entrevistado	Relação com a família antes de ir para Viçosa	Relação com a família atualmente	Mudanças em relação à sexualidade perante a família após a chegada em Viçosa, MG	O significado de estar longe da família em termos gerais	O significado de estar longe da família em termos da sexualidade	A possibilidade de se assumir enquanto homossexual em Viçosa	Pretensão de retornar ao local de origem ou voltar a morar junto com a família após terminar os estudos
23 - Saulo	- Boa	- Boa	- A família ficou mais aberta de um modo geral	- Ter mais autonomia	- Liberdade	- Viçosa oferece muitas possibilidades de vivenciar a sexualidade	- Não voltaria por pensar de uma forma diferente das pessoas de lá
24 - Guilherme	- Boa	- Boa	- Não mudou	- Crescimento pessoal	- Liberdade por ter convivido com pessoas que tem uma visão diferente	- Viçosa ajudou a se assumir por fora, por que por dentro já sabia da sua sexualidade	- Não retornaria, pois lá não há oportunidades de trabalho e também devido à liberdade que conquistou
25 - Tamara	- Boa	- Boa	- Hoje consegue conversar melhor com a mãe em relação à sexualidade	- Crescimento pessoal	- Liberdade	- Já era assumida antes de chegar à Viçosa, mas acha que Viçosa oferece muitas possibilidades de vivenciar a sexualidade	- Não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de trabalho e não voltaria a morar com a família devido à liberdade que conquistou
26 - Vítor	- Boa	- Boa	- Não mudou. Sempre foi assumido	- Tem uma ligação forte com a mãe	- Não afetou em nada, uma vez que sempre foi muito reservado	- Já era assumido muito tempo antes de chegar à Viçosa	- Retornar é uma opção, pois lá estão a sua família e o círculo de amizade
27 - Wallace	- Um pouco fechada	- Um pouco mais aberta	- Assumi a sexualidade, mas a família não aceitou muito bem	- Crescimento pessoal	- Liberdade	- Viçosa foi ótima, pois abriu a cabeça e possibilitou liberdade	- Não retornaria devido à liberdade que conquistou em Viçosa
28 - César	- Boa	- Boa	- Não mudou. A família sempre respeitou sua sexualidade	- Liberdade e maturidade	- Ter mais responsabilidade	- Já era assumida antes de chegar à Viçosa, mas acha que Viçosa oferece muitas possibilidades de vivenciar a sexualidade	- Não retornaria para a cidade, pois lá não há oportunidades de trabalho e não voltaria a morar com a família devido à liberdade que conquistou
29 - Joana	- Boa	- Ficou ainda mais próxima da mãe	- Não mudou. A família sempre respeitou sua sexualidade	- Liberdade	- Já era assumida antes e não tinha problemas com isso	- Já era assumida antes de chegar à Viçosa, mas acha que a cidade oferece muitas possibilidades para pessoas que não são assumidas, se assumirem	- Voltaria por lá ser uma cidade grande com muitas opções, mas não voltaria a morar com mãe por causa da liberdade que conquistou
30 - Verônica	- Boa	- Boa	- Não fez diferença, pois a relação com a família sempre foi muito boa	- Necessidade de amadurecer para conviver com pessoas diferentes	- A sexualidade sempre foi aberta e a mãe sempre apoiou	- Já era assumida, mas Viçosa foi importante, pois ofereceu possibilidades que não havia na cidade natal	- Não retornaria, pois lá não há oportunidades de trabalho para o que deseja

6.1. A sexualidade e a família

De todos os trinta entrevistados, somente cinco, Plínio, Carla, Sara, Wallace e Valquíria possuem uma relação ruim ou conflituosa com a família. Assumir a homossexualidade, “sair do armário” foi o que desencadeou muitos conflitos, principalmente no caso de Carla, que não tem uma relação boa com a mãe em função de esta não aceitar a sexualidade da filha.

É aquilo que falei. Sempre foi péssima a relação e quando minha mãe descobriu foi pior ainda. Mas aqui eu estou longe e eles não sabem o que estou fazendo pra ficarem me xingando. Não vou ser hipócrita e falar que foi muito difícil estar longe da minha família por que é mentira. Se pudesse estar mais longe ainda, eu estaria. Sinto falta da minha família, mas é só uma saudade, por que ter vindo pra cá foi uma realização minha. Eles sempre falavam que eu ia me arrepender de sair de casa, mas isso não aconteceu. Eu me viro sozinha, se não sei fazer alguma coisa, aprendo. Estava precisando de dinheiro e arrumei uma bolsa no meu primeiro ano aqui na universidade. (Carla, 19 anos)

Por outro lado, assumir a homossexualidade foi um fator que aproximou alguns entrevistados ainda mais das suas famílias, que é o caso de Verônica, Rodrigo, Luciana e Daniel, como apontam suas falas:

Para mim, houve uma mudança pra melhor porque agora eu namoro e minha mãe sabe quem é e não precisa se preocupar, eu acho que melhorou, não teve nada de pior! (Daniel, 23 anos).

Minha relação com minha família sempre foi muito boa. A gente sempre teve diálogos. Minha família me apoiou a vir. Eu estava com medo de vir, minha mãe pegou a minha mala e disse: ‘Você vai’. Eu faço o que eu quero dentro de casa. Sempre foi muito tranquilo com namorado, eu tive meu primeiro namorado aos 14 anos, minha mãe aceitava numa boa, aos 16 minha mãe deixava ele dormir dentro de casa. Não teve diferença quando comecei a namorar meninas. Ela sabe de todas as histórias daqui de Viçosa, eu conto tudo pra ela. (Verônica, 26 anos)

Eu não sei nem se foi o fato de estar longe da minha família, por que como eu te disse minha mãe é muito liberal com muitas coisas. Minha mãe sempre foi uma pessoa que deixou todo mundo livre, e sempre moramos com ela. Não foi o fato de ter me afastado da minha família que me trouxe uma liberdade maior. Acho que foi o fato de ter que tomar conta de mim mesmo, quem vão ser meus amigos, as coisas que vou fazer, então mudou muito, muito mesmo minha vida, mas eu não venho de uma família super-protetora, cheia de regras, minha mãe

sabe que eu bebo, que sou *gay*, então não é o caso de dizer que minha família tem me podado pra muitas coisas. (Rodrigo, 24 anos)

Quase todos os entrevistados (vinte e cinco dos trinta), possuem uma boa relação com a família. Nestes casos, a boa relação com a família é baseada em sinceridade e em famílias onde há diálogo; Entretanto, em outros casos, fica evidente que abrir o jogo e “sair do armário” para os familiares, seria um motivo de discórdia e abalo da boa relação com a família, como nos casos de Tomás, Marcelo, Samanta, Jorge e Helena. Para Natividade (2005), a culpa e a vergonha são emoções que se complementam resultando na ocultação da homossexualidade para a família, por medo da rejeição e do abandono.

6.2. Viçosa: um contexto urbano de possibilidades de expressão das identidades homossexuais?

Para Wirth (1979) a cidade atrai todo tipo de pessoa de todos os lugares possíveis e as concentram em um espaço muito reduzido. É o espaço onde as estruturas sociais mais rígidas se rompem, libertando as pessoas do controle familiar, pois os laços de parentesco são mais frágeis e o significado da família, enquanto instituição norteadora da moral e da vocação dos indivíduos que dela participam modifica-se para uma realidade onde o indivíduo tem mais liberdade para seguir seus próprios interesses vocacionais, religiosos, políticos, etc.

A cidade vai ser um refúgio para homossexuais, um lugar de acolhida. De acordo com Eribon (2008) a migração dos homossexuais das pequenas comunidades interioranas para as cidades maiores é marcada pela busca de um lugar onde se podem criar redes de sociabilidade que não signifiquem um incômodo para os familiares.

Assim, ao chegar à Viçosa, de acordo com os dados das entrevistas, existem dois grupos de homossexuais com opiniões complementares sobre a possibilidade que a cidade pode oferecer para quem está chegando de outros lugares sem a presença da família. O primeiro grupo é formado *gays* e lésbicas que já chegam na cidade com sua identidade sexual definida. Abaixo estão algumas falas que demonstram a opinião destas pessoas:

Eu nunca senti a necessidade de contar pra ninguém, mas se alguém me perguntar tanto aqui como na minha cidade eu vou falar do que

gosto. Talvez pra fazer coisas em público aqui tenha me ajudado, mas não pra me assumir. (Saulo, 19 anos)

Na minha cidade não tem muitas opções para um cara solteiro, as pessoas não se assumem, então é difícil encontrar gays. Não tem chat, não tem nada. Pra minha sexualidade vir pra Viçosa foi muito bom por eu ter esse meio de descoberta. Foi importante por ter o chat, por ter pessoas que, querendo ou não, dentro de quatro anos estão indo embora daqui. Isso foi importante pra esse desenvolvimento. Acho que foi uma construção. **Se eu tivesse ficado lá, teria demorado mais, muito mais.** Não por uma coisa interna, mas por que pra mim foi uma construção feita com as possibilidades. Fui ficando com um, depois com outro, fui vendo o que eu não queria pra minha vida, como um cara casado, que vem te propor. O cara casa e depois fica igual um louco por aí por que aquilo não satisfaz. As experiências foram importantes pra que eu pudesse visualizar. Se estivesse na minha cidade, teria demorado ou teria sido mais difícil por que eu não teria essas oportunidades e experiências. (Daniel, 23 anos)

Em relação a minha sexualidade eu pude experimentar muita coisa. Viçosa me deu muitas oportunidades. Experimentar vários parceiros. Conheci muita gente. Mas hoje eu vejo que isso não é importante na vida, isso é só uma fase. Parece que fica um buraco, por que de tanta gente que passou parece que não passou ninguém. A questão da sociabilidade de Viçosa que ajudou nas questões para assumir é a questão fluida dos estudantes, que é totalmente híbrido, tem gente de todo lugar do Brasil e do mundo, isso de certa forma acaba afogando essas coisinhas de cidade do interior, essas questões moralistas, poderia ter se não tivesse a universidade aqui, então acho que universidade ela dá essa "purifica" a cidade nesse sentido. Oportuniza a cidade nas questões de vida. Tem o Coluni onde os meninos não têm problemas pra se assumir, essa questão de festas onde o povo gosta de promover festas em sítios, tem o Primavera que tem ajudado nessa questão. A universidade trás muita gente bonita, então para *gays*, isso chama a atenção. É uma mão na roda. (Plínio, 29 anos)

Já era assumido lá na minha cidade, mas aqui eu pude ter quantidade, um número muito maior de opções de pessoas, de parceiros. Lá não tinha um número muito grande de *gays*, pelo menos assumidos e que desse pra ter relacionamentos. Aqui tenho mais facilidade de ter relacionamento afetivo, como namorar, posso ficar sério, posso ter uma relação mais íntima como frequentar a casa do namorado, ou ele a minha. No mais eu já era assumido lá como aqui. (César, 20 anos)

Desde meus quatorze anos eu já sabia que gostava de homem, mas não tinha beijado, transado, nada, mas já tinha brincado um pouquinho tanto com homem como com mulher, então pra mim, pessoalmente, nunca tive crise com isso. O que Viçosa ajudou foi perder os tabus, os preconceitos que a gente tem, mas também me ajudou a me assumir

enquanto pessoa pra fora, por que por dentro eu sabia disso.
(Guilherme, 20 anos)

Vir pra Viçosa significou a possibilidade de vivenciar minha homossexualidade muito mais, por que lá na minha cidade não existe cena gay. É zero por cento. Não existe festa, não existe bar, não existe nem bicho grilo. É uma cidade muito conservadora, não tem nada. Muita família tradicional mineira conservadora. Sair do armário eu já tinha, mas não tinha nada pra fazer fora do armário lá. Tá, eu sai do armário, e agora? não tinha nada pra fazer lá! (risos). Com certeza ter vindo pra Viçosa me permitiu vivenciar minha homossexualidade.
(Rodrigo, 24 anos)

Até aqui, os depoimentos vão situar a vivência da identidade homossexual ao contexto da cidade e das possibilidades que a cidade traz, sobretudo, com as características relacionadas à fluidez de Viçosa, anonimato, diversidades, etc. Alguns depoimentos, no entanto, atrelam a vivência da sexualidade a uma mudança de percepção e aceitação da família em relação à sexualidade dos filhos, como foi o caso da Renata:

Vir pra Viçosa foi apenas uma continuidade da minha sexualidade. O que mudou foi a visão dos meus pais. Acho que eles agora veem minha companheira e eu como um casal de verdade. O modo como meu pai tratava ela era muito distante, nunca destratou, nunca desrespeitou, pra ele isso era pouca vergonha. Hoje não, ele meio que adotou ela como filha. Ele se preocupa com nós duas. (Renata, 24 anos)

Para estas pessoas, chegar à Viçosa significou encontrar uma cidade com muitos jovens, “*muita gente bonita*” (nas palavras de César e Plínio), com muitas possibilidades de vivenciar a sexualidade de uma forma muito mais livre do que aquela vivenciada quando ainda estavam no ambiente familiar. Em alguns casos, a cidade possibilitou a reafirmação da identidade homossexual uma vez que mesmo antes da vinda para Viçosa, essa já estava definida, como foi o caso de Amanda. Na sua fala isso fica evidente:

Antes de vir pra cá minha mãe sabia, nunca tive conflito com ela por esse motivo. Vir pra cá, me fez firmar minha identidade como pessoa. Minha sexualidade foi consequência. (Amanda, 25 anos)

Contudo, outras pessoas transformaram Viçosa em um lugar de descoberta, de experimentação, de possibilidade de assumir a identidade *gay*. Para Fortuna (1994) a cidade possibilita (re) construir as identidades, chocando-se o velho com o novo

gerando o fenômeno da “destruição criadora das identidades”, que é o reajustamento das matrizes de identidade que os sujeitos elaboram a partir dos múltiplos acontecimentos políticos, científicos, econômicos e culturais que invadem o cotidiano e que estão em contato com outros “centros” de identidade na sociedade moderna tais como a família, a classe social, o grupo étnico e religioso.

Tatiana narra sua chegada e suas descobertas: *“Quando vi para cá eu me libertei totalmente. Eu tive contato com debates de sexualidade e de feminismos e isso desconstruiu os preconceitos que havia na minha cabeça. Foi quando eu sai do armário e comecei a namorar”*. Joana, que já chegou a Viçosa consciente de sua sexualidade, assim acha que acontece com algumas pessoas:

Algumas pessoas ainda não tiveram coragem de se assumir, aí vem pra Viçosa, e nesse meio de socialização você vê vários casos de pessoas que se assumiram, que ainda não foram aceitas pela família, então é onde algumas pessoas que não são assumidas ouvem vários casos e até sabem como voltar pra casa e se assumir para os pais. Tenho amigos aqui em Viçosa que são super assumidos aqui, mas não para a mãe. (Joana, 20 anos)

O contexto universitário de Viçosa se coloca ainda mais promissor, sobretudo, quando contrastado a contextos de uma moral e contextos muito rígida. Nesse contexto, a participação em movimentos sociais, o acesso às diversidades culturais e ao conhecimento, se colocaram de forma significativa para a construção de outros padrões, como foi o caso de Tatiana:

Lá na minha cidade é um ambiente muito opressor. Nordeste tem uma construção do que é ser mulher e do que é ser homem muito dicotomizado ainda. Mas em Viçosa, um ambiente universitário, te proporciona ter contato com outras coisas. Viçosa é um amparo. A universidade não proporciona uma desconstrução, os movimentos pra mim que proporcionaram isso, quebrar os preconceitos. Eu já havia me descoberto, mas ainda era uma coisa muito insegura ainda. (Tatiana, 20 anos)

Em relação a minha sexualidade foi importante vir pra cá por questão de fuga. Fugir daquela realidade que de certa forma me oprimia. Pela família que tinha uma série de regras que geralmente era um pouco insuportável viver num mundo de regras onde os padrões de comportamento são totalmente contrários a isso. Sair de casa também significou ver de forma diferente essa questão da sexualidade. Eu vim de uma cidade pequena, morar numa cidade pequena é mais difícil

viver sua sexualidade, ter sua sexualidade diversa do comum. Do padrão. Eu não tenho dúvida de que possibilitou. Ter vindo pra cá isso foi um grande fator, enquanto você vindo de uma cidade pequena, em que existem padrões muito rígidos de comportamentos, então você não consegue conceber outras formas de relações que não sejam aquelas ditadas por aquela sociedade. E quando vem para a universidade, que vem gente do mundo todo, de várias partes do nosso país, você consegue normalizar muitas situações, que antes eram difíceis de conviver e aceitar. **O conhecimento acaba sendo um fator de libertação com relação aos preconceitos que você tinha antes.** Com o tempo você vai tomando suas próprias decisões enquanto indivíduo. Viçosa ela trouxe essa questão de reconhecimento, por que essa questão de se assumir. Existe o assumir pra si e o assumir para os outros. Eu assumi para mim e para algumas pessoas próximas. A universidade trouxe esse amadurecimento, trouxe esse conhecimento e esse contato com outras pessoas, que propicia a diversidade. A liberdade que a universidade propicia. Tendo um lugar com várias pessoas, com várias orientações, vários pontos de vistas, você acaba buscando mais sua identidade, buscando mais sua essência. De sua visão de mundo. (Tomás, 20 anos)

Significou, pois eu não tinha nenhuma convivência com homossexuais. Na minha escola eu nunca tive contato com ninguém que era homossexual. Chegando aqui eu conheci uma galera, do grupo e lendo mais, me possibilitou pensar sobre isso. (Verônica, 26 anos)

Quando passei no vestibular aqui em Viçosa, passei em Niterói também e aí eu pensei em vir pra Viçosa justamente por que era uma cidade menor e assim haveria menos chance de acontecer alguma coisa e eu me assumir. Acabou que aqui foi pior do que em qualquer lugar por que aqui o público GLS é muito grande, proporcionalmente, uma cidade de 70 mil habitantes ter a comunidade gay que tem é muita coisa. (Marcelo, 23 anos)

Segundo Eribon (2008), a homossexualidade tem uma relação direta com a cidade, localizando no espaço urbano condições de se desenvolver por ser este um “mundo de estranhos” onde não se pode controlar nem mesmo a vida dos vizinhos. O anonimato gerado na cidade é que dá suporte a existência do “mundo gay”. Para este autor, não saber da vida e da rotina da vizinhança não impede que indivíduos com identidades homossexuais, que migraram pelo mesmo motivo, criem locais de sociabilidade tais como bares, boates e restaurantes.

Sendo assim, Viçosa, como uma cidade onde há tanto a pessoalidade entre os “ufevianos” como a impessoalidade em que se desconhece até a vizinhança, assunto já discutido no capítulo 4, é, portanto uma cidade que possibilita não só uma vivência

homossexual, com seus territórios fluidos, com suas festas *gays*, repúblicas *gays*, o *chat*, grupos políticos dentro da Universidade, mas também se configura como um espaço onde *gays* e lésbicas podem se descobrir, experimentar, se assumir e se agrupar com outros sujeitos em torno de suas identidades sexuais, numa cidade que está “fora do armário”.

6.3. Retornar ou não retornar, eis a questão

De acordo com os dados observados em todas as entrevistas, ter uma relação boa ou ruim com a família não interfere, de forma expressiva, na frequência com que os homossexuais entram em contato ou visitam os familiares. Nas justificativas apresentadas entre aqueles que vão com menos frequência à casa dos pais se dá em função da distância, das dificuldades financeiras ou pela falta de tempo decorrente de atividades acadêmicas. Marcelo, por exemplo, diz que às visita a família, mas se falam sempre por telefone e por MSN. Jorge, por sua vez, afirma que devido à distância e o preço das passagens, vai pra casa somente nas férias ou uma vez por ano.

Até mesmo Carla, que tem muitos conflitos com os pais, vai com certa regularidade visitar a família. Segundo ela:

Antes ia com mais frequência, por que é perto, mas eu estou diminuindo cada vez mais, de três em três meses. Isso por causa de dinheiro e de tempo, por que quando estou lá eu não estudo, e também, por que toda vez que vou pra lá fico com raiva, brigo com meu pai, mas eu acabo voltando. (Carla, 19 anos)

Quando perguntados sobre a vontade de voltar a morar no local de origem ou com a família, houve quase unanimidade dos entrevistados em relação à não vontade em retornar. Alguns deles, como Verônica, depoimento abaixo, disseram que poderiam voltar por um tempo, mas não se estabeleceriam por lá, já que a cidade não oferece mercado de trabalho para a sua formação:

Lá não tem mercado de trabalho para mim. Eu quero trabalhar com extensão rural, com pequeno agricultor. Eu quero ir pra o interior. Se tivesse trabalho lá eu moraria com minha família, até eu me estabilizar e poder morar sozinha”. (Verônica, 26 anos)

Ronaldo, Vicente, Denise e Vítor foram os únicos entrevistados que não teriam problema em voltar. Vicente não descarta esta possibilidade, apesar dela não ser um

ideal, mas *“não deixaria de morar lá por causa da minha sexualidade”*. Segundo ele: *“Você estando estruturado, você consegue enfrentar muitas coisas”*. Já Denise, gostaria de voltar porque lá é o lugar que morou, onde tem um laço forte, a família, argumento compartilhado também por Vítor.

Jorge até gosta da sua cidade natal, pois, segundo ele, é o ambiente onde cresceu. Porém, lá tem *“pessoas que convivo desde a infância e que possuem uma imagem de mim. A cidade é pequena e as pessoas são mais preconceituosas”*. Por isso, pretende ir morar numa cidade um pouco maior. Isso demonstra como a pessoalidade das cidades pequenas, assunto já discutido no capítulo 4, acaba por criar um ambiente onde todos se conhecem e onde assumir a sexualidade não é uma opção viável devido ao preconceito e a possíveis retaliações. Segundo ele, *“nunca poderia morar com meu namorado lá, não teria coragem”*.

Para Prado (1995) a pessoalidade das relações humanas em contextos menores, é uma via de mão dupla. Por um lado há segurança e satisfação em ter vínculos e conhecer todo mundo; Por outro lado, a vigilância social e a impossibilidade o anonimato, sem estar impresso na identidade de cada um, características como posição social, grupo e local de origem, entre outras.

Todavia, voltar a morar no local de origem ou junto com a família, definitivamente não parece ser o desejo da maioria absoluta dos entrevistados. Contudo, excetuando-se os casos em que o não retorno está diretamente ligado a questões relacionadas à sexualidade, buscar melhores condições de vida e de emprego, mesmo que seja longe da família, pode ser o anseio da maioria dos estudantes, independente da orientação sexual. Abaixo seguem algumas falas que ilustram esta realidade:

Não voltaria por que na minha cidade não tem emprego pra nada, não gosto do estilo de vida. Sou uma pessoa que fica muito entediada com tudo. Segundo eu acho os valores muito invertidos na minha cidade, por exemplo, um jovem da minha idade lá na minha cidade hoje tudo que ele quer é ter um carro de som, ir pra festas e encher a cara. Ninguém quer construir carreira, além de não ter campo de trabalho pra mim. Eu quero crescer. Não sei se daria conta de morar com minha família por causa da minha independência. Gostaria de morar perto, mas juntos não dá mais não. (Daniel, 23 anos)

Não voltaria jamais (risos). Lá não tem oportunidade. Tenho um total desagrado pela minha cidade, pelo que eu passei na minha adolescência, na minha infância. Você ser pobre numa cidade de

interior, você fica muito marcado pelas experiências de vida. Me marcou muito as exclusões das pessoas, por você ser pobre, por você ser gay, por não ter pai. Ainda mais ser um homem gay numa cidade do interior. A última coisa que eu quero é voltar para uma cidade onde eu sofri. Eu não tive uma infância e uma adolescência boa. Antes, eu achava que o que tinha acontecido comigo era comum, hoje eu vejo que não, vejo como uma crueldade de algumas pessoas. Minha intenção é ir para um lugar onde eu consiga melhorar de vida, uma cidade maior. (Plínio, 29 anos)

Nunca, jamais. Sempre quis sair de lá, por que vou querer voltar agora? Tenho uma tia muito homofóbica, meu pai e minha mãe são muito chatos, não tem liberdade nenhuma. Talvez eu vá pra BH por que tem mais coisa, mas voltar a morar com a família, nunca, jamais mesmo, mas tenho muita vontade de ir pra outros lugares, pro sul. (Carla, 19 anos)

Não. Fora de cogitação. Eu nunca gostei muito de lá e agora eu sei que posso morar sozinha, posso ter minhas coisas, principalmente por causa da sexualidade, posso viver minha vida sem problemas, por que família atrapalha muito, fala muito, não tem jeito. Morando na mesma cidade alguma coisa eles vão ficar sabendo alguma hora, vai chegar no ouvido deles alguma coisa e eu não quero isso por que eu penso muito na minha família em relação a entristecer meu pai. Acho que isso é um motivo muito forte pra não voltar. Eu gosto da liberdade que tenho, não voltaria pra morar com família, só se fosse a ultima opção mesmo. (Samanta, 24 anos)

Não, nem um pouco. Por que lá eu não vou poder ter a vida que hoje eu me proponho a ter. O que eu mais quero pra minha vida é uma mulher chegar em mim e eu falar que não vou ficar por que sou gay. Lá na minha cidade eu não poderia fazer isso. Lá eu não posso viver uma vida nesse sentido. Eu quero morar com um cara e se alguém perguntar eu quero falar que é meu marido, eu não vou ficar escondendo as coisas. É um conjunto de fatores, inclusive profissionais, mas a vida que eu quero levar, minha cidade não pode me proporcionar. (Marcelo, 23 anos)

Não pretendo voltar não, porque depois que a gente sai, a gente não quer voltar, queremos estar lá, mas não pra morar. Quero fazer mestrado, doutorado, mas longe. E também pelo fato da minha sexualidade, não vou ter liberdade pra expressar minha sexualidade lá. Vou ter que bater muito de frente com todos. (Helena, 21 anos)

Não. Eu já saí da casa da minha mãe, e isso tá muito claro na minha cabeça e na dela. Lá não é mais minha casa, meu lar. Meu lar é aqui. Por mais que você não queira aceitar isso, o retorno pra casa dos pais é uma derrota. Se você volta pra casa dos pais é por que alguma coisa não deu certo, senão você não teria voltado. Então não quero por causa disso. Quero me formar e ter alguma coisa pra fazer. Não quero

depende dos meus pais mais, e também a cidade que meus pais moram não vai permitir que eu continue militando, que eu continue fazendo o que eu gosto. Com o meu pai seria pior ainda, por que eu não iria poder vivenciar minha homossexualidade como eu vivencio hoje, não ia poder levar um cara pra casa do meu pai de jeito nenhum, até por respeito a ele, que não é obrigado a isso. É a casa dele. Mas é fora de cogitação morar com meu pai. Moro com minha mãe, mas não moro com meu pai. A casa da minha mãe não ia dar certo por que ele ia ficar em cima, querendo me arrumar namorado, (eu) ia levar um cara pra casa dela e no outro dia ia me encher de pergunta sobre o cara (risos). Minha mãe é muito intrometida e eu não quero mais isso pra minha vida. Ia parecer um adolescente voltando pra casa dos meus pais, e eu já superei essa fase. (Rodrigo, 24 anos)

Uma permanente preocupação dos estudantes está relacionada com o mercado de trabalho que, nas suas cidades natais, não correspondem às expectativas de quem está formando numa universidade e não oferecem muitas oportunidades para quem deseja “*crescer*”, como disse Daniel. Mas retornar parece ser também uma involução, representada pela perda da liberdade conquistada em Viçosa. Na fala de Sara, “*quando a gente aprende a se virar e conhece a liberdade, não quer mais voltar para aquilo de antes*”.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por estar inserido no Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, onde a família é a categoria central, uma importante colaboração desta dissertação está na possibilidade de compreender a família como uma construção social e que não existe uma única forma de se pensá-la. Evidenciamos que numa sociedade do desenraizamento são muito importantes as redes de sociabilidade que se formam através dos laços de amizade e dos vínculos com pessoas que compartilham de estilos de vida semelhantes.

Em nossas buscas por referencial teórico para esta dissertação, não encontramos nenhum trabalho que discutisse diretamente as questões que aqui debatemos. Encontramos sim, trabalhos referentes a territórios, territorialidades e identidade homossexuais em contextos urbanos; o processo de migração de jovens e suas identidades; mas nenhum que fizesse o diálogo entre estas duas temáticas, ou ainda que discutisse as relações familiares de homossexuais universitários.

Com o apoio da teoria de que dispúnhamos sobre as categorias de família, território, migração e identidade, procuramos desvendar então, como se dá o processo de mudança – para o contexto de uma cidade universitária, longe da família – de *gays* e *lésbicas*. Além disso, procuramos compreender como estes universitários constroem, no espaço viçosense, seus grupos, redes e territórios de sociabilidade, como materializam suas identidades e como ficou a relação com a família após saírem da casa dos pais.

Através de uma metodologia baseada em observação participante e aplicação de questionários semiestruturados, foi possível alcançar os objetivos propostos para esta pesquisa. Aliás, as entrevistas nos deram muito material para trabalhar e conseguimos com elas informações suficientes para responder aos objetivos que propomos inicialmente. Mais do que dados e informações, as entrevistas nos mostraram também o lado humanos destes universitários, seus medos, angústias, sonhos e esperanças.

Entrevistamos estudantes originários de diversos lugares, desde contextos rurais até contextos metropolitanos; de diversos cursos e vinculados aos vários Centros de Ciências da Universidade Federal de Viçosa; com uma variação grande de idade, apesar

de todos poderem ser chamados de jovens; vindos de diversos contextos familiares, e de diferentes classes sociais.

A primeira coisa que pudemos notar, é que apesar de vinte e quatro dos trinta entrevistados manterem uma relação de dependência financeira da família, mesmo após se mudarem para Viçosa, isso não significou que continuassem sob as mesmas regras familiares que vivenciavam antes da mudança. Estar em Viçosa modificou a vida de todos, sem exceção.

Quando os estudantes chegam à Viçosa, se deparam com vários desafios. Muitos nunca tinham feito trabalhos domésticos e a maioria nunca tinha morado longe dos pais. No processo de mudança, alguns ainda tiveram dificuldade para criar novos círculos de amizade, dificuldade superada após algum tempo convivendo entre os colegas de curso e outros universitários.

O que nossa pesquisa apontou também foi que ao chegar à Viçosa, os estudantes ainda carregam muitos valores que são marcantes de seus espaços de origem. Com o passar do tempo, muitas mudanças acontecem. Alguns estudantes param de frequentar grupos religiosos e passam a militar em grupos voltados para temáticas sociais, como o grupo de diversidade sexual da UFV, o “Primavera nos Dentes”, o movimento estudantil, o movimento feminista, a Marcha Mundial das Mulheres, entre outros.

Apesar de todas as diferenças socioeconômicas existentes entre os entrevistados e já citadas acima, ao chegar à Viçosa, os estudantes procuram em outros universitários meios de suprir a carência provocada pelo afastamento da família, afinal todos, em grau maior ou menor, estão submetidos ao mesmo processo.

Uma vez que aproximadamente 89% dos estudantes da UFV não são naturais da cidade de Viçosa, a busca dos estudantes por espaços, amizades e formação de redes de sociabilidade, ajuda a criar e fortalecer uma identidade “ufeviana” que mantém uma diferenciação e segregação entre quem é de fora da Universidade e quem é de dentro. Em outras palavras, vista de cima, a cidade parece dividida entre quem é “nativo” e quem estuda ou trabalha na UFV.

Os universitários possuem na UFV sua referência. Passam parte considerável do tempo em atividades ligadas à Universidade e frequentam os mesmos espaços de lazer, que são

frequentados, em sua maioria, por outros universitários. Esta realidade acaba por criar fenômenos completamente contraditórios para um estudante universitário em Viçosa. Primeiramente, a cidade mostra uma impessoalidade característica de centros urbanos maiores, onde não existe muito contato entre vizinhos. Porém, como a comunidade universitária é muito fechada em si mesma, eles frequentam os mesmos espaços e não interagem muito com os “nativos”. Cria-se, assim, entre os universitários, uma atmosfera de pessoalidade, característica de realidades menos urbanizadas e mais tradicionais.

Mostrando-se maior que a identidade homossexual, a identidade “ufeviana” é, *a priori*, a identidade entorno da qual, gays e lésbicas se aglutinam e constroem seus vínculos. Posteriormente, e sob uma análise mais criteriosa, percebemos que este grupo de estudantes da UFV, que aparentava ser homogêneo, na verdade apresentava diversas diferenças. A sociabilidade se dá mais pelo estilo de vida do que por uma suposta identidade gay. Devido a esta circunstância, dividimos os homossexuais “ufevianos” em diversos grupos. Grupos estes que estão, de modo geral, vinculados a alguns fatores, tais como: o cotidiano de seus integrantes, grupos e espaços que frequentam, onde moram e a renda mensal.

Seis entrevistados transitam por dois ou mais grupos, vivenciando com mais intensidade a multiterritorialidade. Por isso, foram chamados de “**intercessões**”. Dentre estes, a pessoa que mais transita pelos grupos é Valquíria, que tem amigos em diferentes grupos e frequenta diversos espaços na UFV e na cidade de Viçosa. Os demais entrevistados foram agrupados em quatro grupos e um subgrupo.

O primeiro que delimitamos foi o grupo dos “**Comprometidos**”, formado por oito dos trinta entrevistados. Os integrantes deste grupo possuem um cotidiano voltado para atividades mais “caseiras” e quando saem, preferem ambientes mais tranquilos como o bar *Flor e Cultura*, o *Shopping* ou apresentações culturais na UFV. Também não frequentam muitas festas, tanto destinadas para o público heterossexual, como para o público gay. O grupo da “**Festa**”, em contraposição, é formado por dois entrevistados que são solteiros e possuem algumas das maiores rendas mensais, além de gastarem boa parte de suas rendas com festas e em bares.

Outro grupo foi o do “**Alojamento**”, que se configura a partir dos homossexuais que moram dentro do campus da UFV. Estes universitários são os que possuem as rendas mais baixas entre os entrevistados. Eles se conhecem, são amigos, se ajudam e fazem dos apartamentos nos alojamentos seus espaços de sociabilidade.

O grupo dos “**Politizados**”, por sua vez, é composto em sua maioria, por estudantes dos cursos de Ciências Humanas que participam de movimentos sociais e tem uma vida política mais ativa. Além disso, os espaços que frequentam são mais “alternativos”. Dentro deste grupo, evidenciamos a existência do subgrupo da “**Roda**”, formado por estudantes do curso de Ciências Sociais e que são muito amigos entre si, moram juntos, fazem várias atividades juntos e, aleatoriamente, “se pegam”.

Um fato interessante é que as pessoas deste grupo dos “**Politizados**” que são das “Agrárias e Exatas”, possuem uma visão muito negativa sobre seus colegas de curso. Consideram que estes são machistas e os ambientes que frequentam muito opressores. Isso demonstra que os espaços frequentados por universitários, possuem territorialidades bastante diferentes.

Além de perceber que os homossexuais estão divididos nestes grupos, percebemos também que alguns espaços são mais tolerantes com as práticas homoafetivas do que outros. Como não existem bares na cidade de Viçosa destinados exclusivamente ao público homossexual, precisam compartilhar espaços com os heterossexuais e, com estes, negociar. Bares como o *Marcelo*, *Teddies*, *Leão* e *DCE* são bastante frequentados pelos homossexuais e também com um público mais “mente aberta”.

Os territórios de diversão para os *gays* em Viçosa são também as festas organizadas por *gays* e destinadas exclusivamente para este público. Não acontecem com muita frequência, mas sempre fazem muito sucesso, apesar de serem territórios muito fluidos e durarem apenas uma noite.

Dois espaços muito usados pelos homossexuais em Viçosa, principalmente para encontrar parceiros sexuais, são o *Chat Terra* e o Bate-papo UOL. A pesquisa evidenciou que estes espaços virtuais são usados preferencialmente por homossexuais masculinos e que desejam encontrar parceiros para relações sexuais episódicas. Entretanto, esta também se mostrou uma ferramenta para aqueles que, por medo ou

vergonha de esse expor, encontram no anonimato proporcionado pela *internet* uma forma de manter contato com outros homossexuais.

Marcando o espaço através da repetição de práticas sociais, os homossexuais vão assim construindo os territórios que encontramos na pesquisa, sejam as repúblicas homossexuais na cidade, os apartamentos no alojamento *Novíssimo* ou as festas *gays*. Estes são espaços onde há mais liberdade para manifestar características identitárias sem represálias ou medo de violência por parte de outros atores sociais.

Mesmo havendo segregação, Viçosa oferece muitas possibilidades para quem quer vivenciar sua sexualidade ou expressar sua identidade sem maiores problemas, uma vez que a Universidade foi considerada um espaço muito tolerante, ainda que exista preconceito. Isso faz com que muitos homossexuais aproveitem o momento em que estão morando em Viçosa para assumir suas identidades sexuais; apesar de que a família muitas vezes não tem conhecimento desta “saída do armário”. Outros *gays* e lésbicas já chegam à Viçosa com sua sexualidade assumida para a família. Estes sujeitos, via de regra, possuem famílias com arranjos mais modernos, contextos familiares menos religiosos ou vindos de espaços mais urbanizados.

Independente da relação com a família ser boa ou ruim, todos os entrevistados procuram visitar os parentes com certa frequência. Alguns vão menos para a casa dos pais para visitá-los, mas isso se justifica pelo fato de ou morarem muito longe, sendo a viagem cansativa e muito cara, ou pelo fato de estarem envolvidos em projetos acadêmicos do qual não podem se ausentar.

Retornar para o local de origem ou voltar a morar com a família após terminar os estudos não é uma opção desejável. O retorno é visto como uma espécie de fracasso profissional e perda da liberdade alcançada em Viçosa. Além disso, a cidade de origem é sempre associada a um mercado de trabalho deficiente que não possibilita o crescimento profissional.

Neste parágrafo que encerra esta pesquisa, gostaria de dividir com todos o sentimento que tive ao realizá-la e finalizá-la. Trabalhar estes anos com a temática homossexual foi um desafio pessoal para mim, não só por que me identificava a todo momento com meu objeto, a ponto de precisar fazer muitos exercícios de distanciamento para não misturar

valores pessoais com ciência, mas também pude comprovar que podemos encontrar espaços mais receptivos como a cidade de Viçosa e a UFV para vivermos nossas identidades com menos medo. Outra coisa foi perceber que é possível transformar humilhações passadas em inspiração para trabalhos científicos que contribuam para desvendar realidades sociais ainda tão ocultas e estigmatizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. **Rumo equivocado**. O feminino e alguns destinos, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BARRETO, Rafael Chaves Vasconcelos. **Os gays e o espaço**: a formação de territórios de convivência homossexuais. XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Florianópolis – Santa Catarina, maio de 2009.

BARRETO, Rafael Chaves Vasconcelos. **Geografia da diversidade**: Breve análise das territorialidades homossexuais no Rio de Janeiro. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 14-20, jan./jul. 2010.

BILAC, Elisabete Dória. Convergências e divergências nas estruturas familiares no Brasil. In: **Ciências sociais hoje**. São Paulo, Vértice, 1991, p. 70-94.

BISSACO, Joelcio Zoboli. **Os oprimidos saem do armário**: uma análise territorial da homossexualidade nos alojamentos masculinos da Universidade Federal de Viçosa. 2009. 68 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **À propos de La famille comme categorie réalisée**. Actes de la recherche en sciences sociales. Paris: Maison des sciences de l' homme, p. 32-36, decembre 1993.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.2, n. 20, p. 133-177, jul./dez. 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47.

COSTA, Benhur Pinos da. **Por uma Geografia do cotidiano**: território, cultura e homoerotismo na cidade. 2007. 361 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FERNANDES, Helen da Silva; COSTA, Benhur pinos da. **Geografia e homoerotismo na cidade de Manaus**: territorialidades masculinas. 2007. Disponível em: <http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20HelendaSilvaFernandes.ED3I.pdf>. Acesso em 20 fev. 2011.

FORTUNA, Carlos. As cidades e as identidades: Narrativas, patrimônios e memórias. In: **Revista brasileira de Ciências Sociais**. Anpocs, n.33, 1994. Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br/portal/content/view/71/54/>>. Acesso em: 27 fev. 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 17 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOMES, Jerusa Vieira. **Família popular: mito ou estigma?** Travessia, jan.-abr./91.

GOMES, Jerusa Vieira. **Socialização primária: tarefa familiar?** Cadernos de Pesquisas, São Paulo, n 91, p. 54-61, nov. 1994.

GONZAGA, Welington Donizete. **Confissões de uma máscara**. 2007. 53 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2007.

GRATIOLI, Maria madalena. **A (re) construção da identidade juvenil em contexto migratório e o processo de integração de jovens brasileiros em Portugal**. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/portugal2011/media/abstracts/16_Maria_Madalena_Gracioli.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2011.

GREEN, James N.; RONALDO Trindade (Org.). SILVA José Fabio Barbosa da, et al (Part.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização e identidade: A rede ‘gaúcha’ no nordeste**. Niterói: EdUFF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: CONTEXTO, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Da Desterritorialização à Mutiterritorialidade. X Encontro de Geógrafos da América Latina. **Anais...** Universidade de São Paulo, 2005.

HAESBAERT, Rogério. Migração e desterritorialização. In: NETO, Helion Póvoa; FERREIRA, Ademir Pacelli (Org.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza, *et al.* **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LASCH, Christopher. **Refúgio num mundo sem coração**. A família: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MAIA, Helder Thiago Cordeiro. **ACORDA ALICE, ALUGA UM FILME PORÔ** – Uma leitura dos banheiros masculinos da UFBA. Revista Litteris, número 6, novembro de 2010.

MACEDO, Rosa Maria. **A família do ponto de vista psicológico**: lugar seguro para crescer? Cadernos de Pesquisas, São Paulo, n 91, p. 62-68, nov. 1994.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MISKOLCI, Richard. **O armário ampliado** – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal. In: HEILBORN, Maria Luiza, *et al.*, (Org.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

NEGRI, Silvio Moisés. **Segregação sócio-espacial**: Alguns conceitos e análises. COLETÂNEAS DO NOSSO TEMPO, Rondonópolis – MT, v. VII, n 8, p. 129 a 153, 2008.

ORNAT, Marcio José. **Território e prostituição travesti**: uma proposta de discussão. Terr@Plural, Ponta Grossa, 2 (1): 41-56, jan./jun., 2008.

ORTIZ, Renato. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. 3. ed. São Paulo: Olho d'água, 2005.

PARKER, Richard Guy. **Abaixo do equador**: Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PINTO, Neide Maria de Almeida. **Entre a proximidade e o distanciamento**: um estudo das relações sociais de famílias residentes em cortiços na cidade de São Paulo. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

PORTUGAL, Josélia Godoy. **A sociabilidade em condomínios fechados**: o caso do condomínio residencial Recanto da Serra em Viçosa – MG. Dissertação (Mestrado em

Economia Doméstica) – Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2009.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade.** Preconceitos v. 5. São Paulo: Cortez, 2008.

PRADO, Rosane M. Cidade Pequena: paraíso e inferno da personalidade. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem. N. 1. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1995.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RESSEL, Lúcia Beatriz, *et al.* **A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes.** Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v15n2/v15n2a05.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2012.

SANTOS, Eliete Moreira dos. **A produção do espaço urbano e a imagem da cidade pelo migrante jovem.** Caminhos de Geografia. Uberlândia, v. 8, n. 24, dez/2007, p. 33-45. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/10362/6183>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4 ed. São Paulo: EdUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica.** São Paulo: Edusp, 2002.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como ordem moral.** Cadernos de Pesquisas, São Paulo, n 91, p. 46-53, nov. 1994.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

VIEIRA, Paulo Jorge. **Aeminiumqueer, a cidade armário: quotidianos lésbicos e gays em espaço urbano.** Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 5-13, jan. / jul. 2010.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano.** 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 90-113.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE POSGRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA

Mestrando: Joelcio Zoboli Bissaco
Orientadora: Neide Maria de Almeida Pinto

**Roteiro da entrevista semiestruturada aplicada aos homossexuais estudantes da
Universidade Federal de Viçosa – MG**

Entrevista n°: _____ Data: _____
Nome do (a) entrevistado (a): _____

Objetivo 1: Analisar a rotina, os grupos de sociabilidade dos estudantes no momento que chegaram à Viçosa e seus grupos e redes de sociabilidade atuais.

Como foi quando você chegou aqui em Viçosa? Fale um pouco de como foi.

Como você foi se enturmando? Quais os grupos e lugares que você frequentou ao chegar à Viçosa? Eles se mantiveram?

Quais os desafios que encontrou quando chegou aqui?

Como é o seu cotidiano?

No seu cotidiano, quais são suas atividades de lazer?

Com quem você convive no dia-a-dia?

O que você faz nos fins de semana?

Quem são seus amigos?

Quais são os espaços que você frequenta?

Objetivo 2: Identificar os fatores intervenientes à constituição destes grupos e redes de sociabilidade.

De onde você veio e quando chegou em Viçosa?

Qual o curso você faz na UFV e por que escolheu este curso?

Qual a sua idade?

Qual sua renda mensal aqui em Viçosa e de onde vem sua renda?

Onde você mora em Viçosa?

Fale um pouco da relação que você tem com as pessoas que moram com você, com seus colegas de curso e com sua vizinhança.

Fale um pouco da sua família: religião e escolaridade das pessoas, de quantas pessoas é composta.

Objetivo 3: Verificar se as pessoas que tem uma identidade homossexual buscam construir e participar de territórios e grupos específicos ligados a esta sexualidade.

Quando você quer se divertir, encontrar seus amigos ou encontrar parceiros sexuais em Viçosa, quais os espaços que você procura? Por quê?

Qual é o perfil das pessoas que frequentam estes espaços?

Quais são os meios que você usa para encontrar parceiros sexuais em Viçosa?

Têm algum espaço na cidade de Viçosa ou na UFV que você não gosta de frequentar devido ao preconceito existente neste local?

Objetivo 4: Analisar como ficou a relação dos estudantes com a família após saírem de casa, e se houve mudança em relação à manifestação da sua identidade homossexual.

Estar longe da família significou o que pra você em termos da sua vida? E para a sua sexualidade?

Vir para Viçosa significou a possibilidade de você se assumir enquanto homossexual?

Como era a relação com a sua família antes de você vir pra Viçosa? E hoje? Em relação a sua sexualidade, houve alguma mudança perante a sua família?

Com que frequência você visita sua família?

Após terminar seus estudos, você pretende retornar ao seu local de origem ou voltar a morar junco com sua família? Por quê?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, li e/ou ouvi os esclarecimentos dados sobre o estudo do qual participarei. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo.

Voluntário (Entrevistado) _____

Equipe:

Neide Maria de Almeida Pinto
Coordenador da pesquisa

Joelcio Zoboli Bissaco
Estudante entrevistador